



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

ANA CRISTINA LOBO-SOUSA

**HIPERTEXTUALIDADE:
UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA DE HIPERTEXTOS**

**FORTALEZA - CE
2009**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANA CRISTINA LOBO-SOUSA

HIPERTEXTUALIDADE:
UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA DE HIPERTEXTOS

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora constituída pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Araújo

FORTALEZA – CE
2009

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da Dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

ANA CRISTINA LOBO-SOUSA

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. JÚLIO CÉSAR DE ARAÚJO
ORIENTADOR-PRESIDENTE

PROF. DR. ORLANDO VIAN JR (UFRN)
EXAMINADOR EXTERNO

PROFA. DRA. VLÁDIA MARIA CABRAL BORGES (UFC)
EXAMINADOR INTERNO

PROFA. DRA. CARLA VIANA COSCARELLI (UFMG)
SUPLENTE EXTERNO

PROFA. DRA. BERNARDETE BIASI-RODRIGUES (UFC)
SUPLENTE INTERNO

Dissertação defendida em 26 de março de 2009.

DEDICATÓRIA

*Para minha estimada irmã Leninha, como
prova da muita cumplicidade que nos une.*

AGRADECIMENTOS

Ao Deus único, por me possibilitar o tão almejado ingresso no mundo acadêmico, com o iniciar e o findar desse exercício reflexivo.

Ao meu orientador, Dr. Júlio César de Araújo, pela adoção de uma órfã, pelo exemplo a ser seguido e pela generosidade presente em cada palavra de incentivo.

Ao meu companheiro, Léo, pela água constante a alimentar meu corpo enquanto o espírito se nutria, e por lembrar sempre da importância do dever cumprido.

À minha família, especialmente, aos meus pais, Francisco e Vanda, pelo respeito às escolhas que esse caminho me levou; e às manas Leninha e Silvia, pelas tentativas incessantes, tantas vezes inalcançáveis, de compreender minha distância necessária.

Ao CNPq, por viabilizar não apenas a realização de um sonho, mas o amenizar da labuta intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, que nos guiam e enriquecem o saber nessa jornada acadêmica.

Aos membros do grupo Hiperged, pelo importante papel de primeiros leitores críticos desse trabalho, sobretudo ao Lima-Neto, que insistiu em mostrar o que todos não haviam visto...

À querida Marileide, que soube dizer a palavra dura e necessária no momento decisivo de minha escrita.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística que trilharam esse caminho comigo, por escutarem gritos de agonia, pelo auxílio ao socorro urgente e por proferirem palavras carinhosas que amaciaram esse caminhar.

RESUMO*

Esta pesquisa objetiva analisar os critérios pelos quais se define o hipertexto e verificar se tais critérios se aplicam ao hipertexto ou à hipertextualidade, termos que se confundem na literatura sobre o assunto, sobretudo no âmbito da Linguística Textual. Constatamos que a definição de hipertexto se baseia ora em um único critério, ora em um número excessivo, que mais se referem ao suporte hipertextual que ao material enunciativo. As definições por nós analisadas desconsideram a heterogeneidade funcional dos hipertextos, o que nos fez vislumbrar que a categoria hipertextualidade contemplaria tal diversidade. Para o alcance deste objetivo, a investigação, de natureza teórica, se inscreve na base epistemológica das formulações teórico-filosóficas de Bakhtin (1997), relativa aos conceitos de enunciação, enunciado e gêneros. Nosso percurso teórico-metodológico é construído, primeiramente, com uma discussão acerca do critério da não-linearidade, sobre o qual defendemos não ser suficiente para a definição de hipertexto, especialmente na perspectiva da leitura ou da produção de sentidos. A seguir, discutimos as demais características apontadas como definidoras do hipertexto e elegemos a multilinearidade, a hipermodalidade e a interatividade como características necessárias à redefinição de hipertextualidade. Este exercício de análise e de reflexão autorizou-nos propor uma abordagem enunciativa de hipertextos a qual considera que o hipertexto só se permite definir com base em manifestações que se apresentam em gêneros hipertextuais, ao passo que a hipertextualidade se permite definir ontologicamente, de maneira mais genérica. Além disso, pudemos concluir que os critérios definidores do hipertexto aplicam-se muito mais à hipertextualidade que ao hipertexto, sendo este sempre parte daquela e não sinônimos, como se supunha.

(259 palavras)

*PALAVRAS-CHAVE: hipertextualidade; hipertexto; enunciação; gênero

ABSTRACT*

This research aims to analyze the criteria by which hypertext is defined and verify if the criteria are applied to hypertext or to hypertextuality, expressions that are puzzled in the literature about the subject, above all in Textual Linguistics scope. We verified that the definition of hypertext is based on a single criterion sometimes, and on an excessive number of criteria at other times, which are more relative to the hypertextual support than to the enunciative material. The definitions analyzed by us do not consider the functional heterogeneity of hypertexts, which makes us observe that the hypertextuality category contemplates such diversity. To reach this aim, the investigation, of theoretical nature, is inscribed in the epistemological base of Bakhtin's ([1953] 1997) theoretical and philosophical formulations, relative to the concepts of enunciation process, enunciation and genres. Our theoretical and methodological course is composed, at first, by one discussion about the non-linear criterion, which we support not being enough to the definition of hypertext, especially in the reading perspective or the meaning-makers perspective. Then, we discuss the other characteristics indicated to be defining to hypertext and select the multilinearity, the hypermodality and the interactivity as necessary characteristics to the redefinition of hypertextuality. This practice of analysis and reflection authorized us to propose one hypertexts-enunciative approach which considers that the hypertext only allows itself to be defined based on the manifestations that are displayed in hypertextual genres, whereas the hypertextuality allows itself to be defined ontologically, in a more general way. Besides that, we could conclude that the defining criteria of hypertext are applied much more to the hypertextuality than to the hypertext itself, which is always part of the hypertextuality and not a synonym, as it has been assumed.

(285 words)

KEY-WORDS: hypertextuality; hypertext; enunciation; genres

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA 01: MEMEX DE VANNEVAR BUSH	32
FIGURA 02: WIKIPEDIA	40
FIGURA 03: TIPOS DE HIPERTEXTO	
FIGURA 04: NÃO-LINEARIDADE EM MARCUSCHI	63
FIGURA 05: HIPERESPAÇO	77
FIGURA 06: MULTISSEMIOSE NO HIPERTEXTO	86
FIGURA 07: E-MAIL	88
FIGURA 08: MULTISSEMIOSE NA HIPERTEXTUALIDADE	90
FIGURA 09: RELAÇÃO IMAGEM-TEXTO	95
FIGURA 10: IMATERIALIDADE SEGUNDO XAVIER	101
FIGURA 11: CARACTERÍSTICAS DO HIPERTEXTO I	106
FIGURA 12: CARACTERÍSTICAS DO HIPERTEXTO II	106
FIGURA 13: LUGAR DA HIPERTEXTUALIDADE	124
FIGURA 14: ESQUEMA HIPERTEXTUAL	128
FIGURA 15: RELAÇÃO HIPERTEXTUAL	132
FIGURA 16: EXPANSÃO DE UMA REDE COMUNICACIONAL NO ORKUT	130
FIGURA 17: FÓRUM SOBRE HIPERTEXTO	137
FIGURA 18: CARACTERÍSTICAS DA HIPERTEXTUALIDADE	141
FIGURA 19: <i>SITE</i> JORNAL DE DEBATES I	141
FIGURA 20: <i>SITE</i> JORNAL DE DEBATES II	142
FIGURA 21: <i>SITE</i> LIVRO CLIP	143

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1	
ORIGENS DO HIPERTEXTO: PONTOS DE VISTA	21
1.1. PRECURSORES DO HIPERTEXTO: OBRAS IMPRESSAS	22
1.2. PRECURSORES DO HIPERTEXTO: SUPORTES INFORMÁTICOS	30
1.3. TIPOLOGIAS DO HIPERTEXTO	39
1.4. DIÁLOGO METAFÓRICO SOBRE O HIPERTEXTO	45
1.5. “LINKANDO” OS PONTOS DE VISTA	53
CAPÍTULO 2	
TRILHAS DO HIPERTEXTO: POR CAMINHOS NÃO-LINEARES	56
2.1. A NÃO-LINEARIDADE EM MARCUSCHI E KOCH	57
2.2. A NÃO-LINEARIDADE EM COSCARELLI E RIBEIRO	67
2.3. “LINKANDO” AS TRILHAS	72
CAPÍTULO 3	
TRILHAS DO HIPERTEXTO: EM BUSCA DE CONVERGÊNCIAS	81
3.1. A ENUNCIÇÃO DIGITAL PROPOSTA POR XAVIER	82
3.2. O HIPERTEXTO MULTIMODAL APRESENTADO EM GOMES	91
3.3. EM BUSCA DE PARÂMETROS	96

CAPÍTULO 4

POR UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA DE HIPERTEXTOS	112
4.1. COMO PODEMOS PENSAR UM CONCEITO	113
4.2. APORTE TEÓRICO-ENUNCIATIVO: BASES BAKHTINIANAS	117
4.3. HIPERTEXTUALIDADE E HIPERTEXTO: DISTINÇÕES	120
4.4. CARACTERÍSTICAS DA HIPERTEXTUALIDADE	134
4.4.1. MULTILINEARIDADE	135
4.4.2. HIPERMODALIDADE	137
4.4.3. INTERATIVIDADE	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	149

*- Você ainda não chegou ao auge?
- Ainda há algumas coisas no porão aqui dentro...*

Diálogo do Filme Rocky Balboa

Considerações Iniciais

E é pela crítica incansável, pelo debate constante, que as posições se firmam, que as conclusões são obtidas, que os enganos são revelados, que nossa ciência se constrói.

(BORGES-NETO, 2004, p. 82)

Dentre os temas que, na atual conjuntura dos estudos da linguagem, têm suscitado acirradas discussões, sobressai-se o do hipertexto. Perguntas como: *será que o hipertexto só se realiza em ambiente virtual? Qual o suporte do hipertexto? Quais os limites de um hipertexto na Internet?* Ou ainda, *o que se está levando em conta quando se afirma que determinado texto é ou não é hipertextual* são, ao contrário do que se pensa, dúvidas frequentes de quem resolve adentrar mais profundamente este tema.

O hipertexto, objeto teórico oriundo da Informática, é uma categoria em construção que tem sido objeto de investigação de um número vertiginoso de pesquisas que buscam compreendê-lo em aspectos variados, seja para melhor instrumentalizar o ensino, especialmente a educação à distância (cf. GOMES, 2007; FARACO, 2008; SILVA, 2006; SILVA, 2008), seja considerando suas propriedades tecnológicas e interativas, no âmbito da Ciência da Informação (cf. PRIMO, 2007) ou como mais um suporte de escrita na história da leitura, a exemplo do que ocorre na Educação (cf. DIAS, 2000; SILVA, 2006) e na Literatura (cf. NEITZEL, 2002).

Contudo, se as pesquisas avançam no sentido de considerar o hipertexto como um meio para propósitos variados, especialmente como objeto de leitura (cf. COSCARELLI, 2007; RIBEIRO, 2008a), pouco se avança na compreensão do fenômeno em termos de definição teórica.

Nesse sentido, no interior dos estudos linguísticos, concordamos com Gomes (2007, p. 10) ao observar que “quando procuramos entender o que é o hipertexto, encontramos certa confusão – e até uma mistura – de suas particularidades linguísticas com sua usabilidade, de sua produção (*design*) com sua recepção (leitura e construção de sentidos)”. Prova disso são as diversas definições que encontramos para hipertexto: um *medium* de informação *on-line* (SNYDER, 1997), *processo de escritura/leitura eletrônica* (MARCUSCHI, 2000), um *modo de enunciação digital* (XAVIER, 2002, 2007), *conjunto de textos conectados por links* (COSCARELLI, 2006a), *enunciação digital híbrida* (FARACO, 2008), entre outras.

Cada uma dessas definições é balizada por um número excessivo de critérios ou apenas um. Uma mesma característica encontra denominações e interpretações diversas que variam de autor para autor. Essa oscilação terminológica e de definição pode ser conferida com o critério da *não-linearidade*, a qual pode ser entendida como um princípio básico de construção do hipertexto, de acordo com Xavier (2002, 2003, 2007); como um critério de natureza cognitiva que enseja a ação não-sequencial de leitura, segundo Coscarelli (2006b), e, consoante Marcuschi (1999), também como o modo pelo qual se organiza os elementos da língua.

Sendo o hipertexto um modo de leitura não-sequencial independentemente do objeto de leitura, a não-linearidade põe em cheque a definição do hipertexto, na medida em que não o diferencia do texto, já que este também permite uma leitura não sequenciada.

Nesse contexto, do ponto de vista da Linguística, ainda estamos indagando o que deve ou não ser considerado hipertexto, em meio a um caloroso debate teórico que não nos permite avançar de uma conhecida discussão do velho *versus* novo e, apesar da recenticidade do estudo do hipertexto na agenda dos estudos linguísticos, já se configuram duas tendências de abordagem do tema, conforme o ponto de vista dado a uma ou outra característica hipertextual.

Na defesa de que todo texto é um hipertexto, temos a perspectiva de autores que, apoiando-se no critério da não-linearidade, argumentam sobre a existência do hipertexto independentemente do suporte informático. Assim, segundo Koch (2003, 2008), Coscarelli (2006a, 2006b, 2007) e Ribeiro (2008a), dicionários, enciclopédias e jornais são considerados também hipertextos, uma vez que permitem uma leitura não-linear ou não-sequencial.

Diferentemente dessa perspectiva, temos autores como Xavier (2002, 2007), Braga (2003, 2005), Komesu (2005a, 2005b), Gomes (2007) e Faraco (2008), para os quais o hipertexto é uma nova realidade linguístico-textual só viabilizada com o surgimento da Informática.

Essas posições se extremam quando alguns de seus representantes, a exemplo de Xavier (2002, 2007), ao focar nos aspectos diferenciadores do hipertexto em relação ao texto, postula que o hipertexto proporciona uma experiência sinestésica inédita e exclusiva e, embora reconhecendo que existam textos fora do computador que também permitem leitura não-linear e hipertextos *off-line*, limita-se a defender que “o hipertexto (*on-line*) tende a produzir, em seus *hiperleitores*, percepções jamais antes experienciadas em qualquer outro modo de enunciação analógico” (XAVIER, 2002, p. 29).

Não obstante, Xavier (2002) notabiliza-se por sua conceituação de hipertexto, ao considerá-lo como um modo de enunciação digital, elencando como características hipertextuais *imaterialidade*, *não-linearidade*, *confluência de modos enunciativos* e *intertextualidade infinita*, embora essas características sejam sumariamente descritas pelo autor e continuemos indagando o que é uma enunciação digital.

Analisando mais detidamente os trabalhos que definem o hipertexto, percebemos que algumas das características atribuídas a esse objeto são redundantes, pois nem todas têm o mesmo peso e a mesma relevância para sua definição. Algumas põem em dúvida a natureza do suporte do hipertexto. Características amplamente apontadas, como *virtualidade*, *imaterialidade*,

ubiquidade e *volatilidade* dizem respeito ao hipertexto enquanto enunciação, ou ao hipertexto enquanto tecnologia enunciativa? O suporte do hipertexto é a tela (cf. XAVIER, 2002; TÁVORA, 2008) ou a Internet (cf. AQUINO, 2006)? É possível entender o hipertexto dissociando suas propriedades técnicas de suas propriedades linguísticas?

Ademais, características como *intertextualidade* e *iteratividade*, senão carecem de aprofundamento, permitem, no mínimo, interpretações conflitantes com a própria noção de hipertextualidade (LOBO-SOUSA; ARAÚJO, no prelo).

Assim, se de um lado, a definição de hipertexto por um único critério não tem sido satisfatória, por outro lado, a abundância de critérios parece não contribuir para uma melhor definição teórica desse objeto, na medida em que se centra em conceituações que mais priorizam aspectos técnicos que linguísticos, como uma observação mais acurada em Xavier (2002) pode nos revelar. Esse autor, pretendendo definir o hipertexto como o fenômeno semiolinguístico mais significativo da hipermídia, acaba por denominá-lo de “tecnologia enunciativa”.

Outra constatação a que chegamos diante desses estudos é que a definição de hipertexto adotada em todos esses trabalhos, independentemente de suas perspectivas, restringe-se à consideração do hipertexto enquanto objeto de leitura, destacando, sobretudo, *homepages*, sejam elas pessoais ou institucionais (cf. XAVIER, 2002; PINHEIRO, 2005) ou gêneros nela contidos (RIBEIRO, 2008a). Ora, o hipertexto também é objeto de escrita e, como Ribeiro nos lembra, tantas vezes de ler e escrever.

Em nossa avaliação, uma definição que não considere a heterogeneidade funcional dos gêneros hipertextuais que constituem os hipertextos¹ parece não se mostrar suficiente, tendo em vista que a Linguística há muito deixou de considerar o texto apenas uma unidade linguística, para contemplar a perspectiva dos gêneros

¹ Já amplamente estudados como o *e-mail*, (cf. PAIVA, 2005); os *chats*, inicialmente entendidos como gêneros que transmitem gêneros orais e a seguir como constelação de gêneros (cf. ARAÚJO, 2003, 2006) e os *blogs* (cf. KOMESU, 2005b; CAIADO 2007; LIMA, 2008), para citar apenas.

textuais. O que ocorre, no estágio atual das definições do hipertexto, é justamente um retrocesso a esse momento, no qual o hipertexto é considerado sempre de maneira genérica, como uma entidade que não se atualiza em gêneros digitais diversos.

As constatações acima foram relevantes na construção do nosso objeto de pesquisa na medida em que, através delas, sentimos necessidade de investirmos em nosso estudo² na busca de um refinamento teórico frente à categoria hipertexto, concomitantemente à percepção de que os termos *hipertextualidade* e *hipertexto* são usados indistintamente pelos mais diversos autores (cf. MARCUSCHI, 2005a; ARAÚJO, 2006; COSCARELLI, 2006a).

Desse modo, percebemos, em ambas as argumentações aqui alinhavadas, a possibilidade de se refletir acerca de um constructo teórico que encontra pontos de convergências nessas abordagens, não as opondo radicalmente. A primeira perspectiva, a qual considera todo texto um hipertexto, toma a leitura e, portanto, apenas um aspecto para a definição de seu objeto. A segunda perspectiva, que considera o hipertexto como uma nova realidade linguístico-textual centra-se em diferenças devidas ao novo suporte de leitura e de escrita. Trata-se, pois, de ver um objeto teórico por ângulos diversos que, ao contrário de se antagonizarem, complementam-se, na medida em que convergem para a compreensão de hipertextos (no plural).

Assim, a nossa proposta de encetar um estudo revisional do obtuso conceito de hipertexto se ancorou na hipótese de que parece existir uma categoria superior ao hipertexto, considerando que os modos enunciativos (verbais, sonoros e visuais), que compõem a enunciação digital não coocorrem, sem hegemonia significativa no hipertexto, como pretendia Xavier (2002). Dependendo dos gêneros hipertextuais, os enunciados semiolinguísticos se destacam, de maneira mais ou menos preponderante, como atesta a avaliação do próprio autor a um dos

² Essa pesquisa, que se insere em um projeto maior intitulado *Gêneros digitais: relações entre hipertextualidade, propósitos comunicativos e ensino*, conta com o apoio do CNPq e é desenvolvida no grupo Hiperged, do PPGL/UFC.

*sites*³ por ele analisados, o qual mais parecia a simples transposição de texto escrito para a tela do computador, dada a predominância do texto verbal. Desse modo, a afirmação de Xavier sobre a confluência de modos enunciativos parece aplicar-se não ao hipertexto, mas a uma categoria maior que ele.

Nesse quadro, desenhou-se para nós a necessidade de empreendermos uma pesquisa que, não se filiando a nenhuma perspectiva de maneira extremada, buscasse compreender o que pode iluminar teoricamente um objeto que se apresenta sob múltiplos e, por vezes contraditórios, labirintos.

Essa ideia surgiu e tomou forma fundamentando-se nos princípios teórico-filosóficos de Bakhtin (1997), para quem a língua só se manifesta em enunciados concretos que refletem as necessidades enunciativas das pessoas. Nesse sentido, buscamos construir uma abordagem enunciativa da linguagem que permitisse entender hipertextualidade e hipertexto com base nos conceitos de enunciação, enunciado e gêneros. Essa escolha teórica deve-se ao fato de entendermos com Bakhtin (1997, p. 290) que na língua nada é inaugural, pois “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” e, que, apesar disso, os enunciados devem ser estudados enquanto tipos particulares, que se diferenciam de outros enunciados, mantendo, contudo, um elemento em comum, que é a sua natureza verbal (linguística) (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Desse modo, deparamo-nos com o seguinte quadro problemático: *seria redundância tratar hipertextualidade e hipertexto? Em que medida o primeiro termo auxilia na compreensão do segundo? Em considerando que se tratam mesmo de categorias distintas, embora inter-relacionadas, podemos ainda indagar: quando se está caracterizando o hipertexto, tem-se em mente o hipertexto ou a hipertextualidade?*

³ Os *sites* analisados por Xavier são: <www.beaugrande.com>, <www.rubemalves.com.br> e <www.haroldodecampos.com.br>. A avaliação sobre a qual discorreremos refere-se ao primeiro desses *sites*.

Tal problemática nos parece pertinente, tendo em vista que também é fazer científico do linguista a busca pelo refinamento teórico, pois como nos ensina Marcuschi (2007, p. 109), em *A arte de definir*, “a definição constitui um problema de capital importância na construção linguística de qualquer sistema científico ou filosófico, merecendo, assim, acurada atenção”. Outros trabalhos já se iniciaram neste fazer científico, como Araújo (2006), ao revisar o conceito de “constelação de gêneros”, e Távora (2008), ao propor o conceito de suporte de gêneros textuais. É na esteira de autores como esses, que prosseguimos na tarefa de contribuir com o avanço dos estudos linguísticos sobre hipertexto, ainda que conscientes de nossas limitações.

Assim, o nosso intuito foi empreender uma investigação de natureza teórica que procedesse a uma revisão crítica dos critérios definidores do hipertexto. À luz de nossa proposta, portanto, é possível definir ontologicamente a hipertextualidade como enunciação digital, diferentemente do que propôs Xavier (2002), para quem a enunciação digital é o hipertexto em si.

Proceder a essa redefinição só se fez premente porque caminhamos a passos largos e em muitas direções em meio a práticas discursivas digitais que não encontram teoricamente definições operativas que as contemplem, como se apresentou aqui brevemente. Soma-se a isso, a imprecisão de como devem ser compreendidos os critérios definidores do hipertexto, se tendo em vista o objeto de ler/escrever, o material enunciativo ou o seu leitor, ou, ainda, tudo isso junto.

Essas reflexões iniciais permitiram formular inicialmente a seguinte hipótese de trabalho: *as características atribuídas ao hipertexto se aplicam à hipertextualidade, considerando ambos os termos distintos e inter-relacionados, no qual o primeiro termo é parte do todo, que é o segundo*. Isso significa que as características centrais pelas quais se costuma definir o hipertexto, referem-se à hipertextualidade, pois só ela, enquanto fenômeno ontológico pode ser definida ainda que com a ausência de algumas propriedades que permitam uma “descrição perfeita”, como ensina Marcuschi (2007). Parece-nos que o hipertexto, por sua vez, deva ser definido em função do grau de manifestação dos gêneros hipertextuais

que emergem de sua hipertextualidade; logo, deve apresentar, de acordo com Marcuschi, características *relevantes*, que contribuem de modo decisivo para sua definição.

A essa hipótese central juntam-se duas outras. Através da primeira, pretendemos dar conta da multiplicidade de ângulos pelos quais pode ser vista a não-linearidade, já que esta tende a ser a característica central e mais discutida pelos autores que definem o hipertexto. Assim, supomos que a *não-linearidade, considerada enquanto princípio de natureza cognitiva, baseado no modo de ler, não caracteriza de modo exclusivo a hipertextualidade, mas sim como um princípio de construção e de apresentação de enunciados de maneira multilinear*. Nesse sentido, compreender a não-linearidade⁴ ajuda na compreensão do hipertexto, mas sozinha não o caracteriza.

Através da segunda hipótese, pretendemos considerar que haja características mínimas que garantam a hipertextualidade enquanto objeto teórico. De acordo com terminologia fornecida por Marcuschi (2007), podemos compreender essas características como sendo necessárias, ou seja, aquelas sem as quais a hipertextualidade não se caracteriza como tal. Assim, defendemos que *multilinearidade, hipermodalidade e interatividade são propriedades necessárias à redefinição de hipertextualidade, por se referirem, respectivamente, ao modo de constituição e apresentação dos enunciados, à hibridização semiótica e ao grau de interação entre os sujeitos*.

Feitas essas considerações, apresentamos os objetivos que norteiam nossa pesquisa:

- Redefinir hipertexto e hipertextualidade como termos distintos e inter-relacionados;
- Explicar por que a não-linearidade, enquanto princípio cognitivo humano, não é suficiente para definir o hipertexto.

⁴ Neste trabalho, adotaremos o termo *multilinearidade* como característica da hipertextualidade, em lugar de *não-linearidade*, como será detalhado no capítulo 2.

- Demonstrar teoricamente que a *multilinearidade*, a *hipermodalidade* e a *interatividade* são categorias redefinidoras da hipertextualidade;

Cada um desses objetivos é ancorado nos seguintes problemas:

- Considerando que hipertextualidade e hipertexto são termos distintos e inter-relacionados, quais as características necessárias à redefinição de hipertextualidade?

- Por que a não-linearidade, enquanto princípio cognitivo humano, não é suficiente para definir o hipertexto?

- Como a *multilinearidade*, a *hipermodalidade* e a *interatividade* podem contribuir para uma redefinição de hipertextualidade?

Para tanto, empreendemos uma investigação teórica que partiu da análise dos argumentos das posições aqui apresentadas sobre a definição de hipertexto, de maneira a avaliarmos como as premissas defendidas podiam confluír para o alcance de nossos objetivos, organizando em linhas gerais o conjunto de autores que nos serviu de referência.

O caminho teórico-metodológico trilhado é também a forma pela qual está organizada esta Dissertação, na tentativa de reproduzir o encadeamento lógico desenvolvido. Inicialmente, no capítulo 1, apresentamos uma reflexão de natureza cronológico-evolutiva do hipertexto, situando as primeiras formulações teóricas sobre o referido objeto, que permitirão comparar com as diversas acepções que o termo hipertexto passou a adquirir posteriormente. Ao longo do capítulo, serão apresentadas obras precursoras do hipertexto antes e depois da Informática, uma breve tipologia hipertextual no contexto informático e metáforas que ajudam a entender esse conceito.

No capítulo 2, discutimos sobre a definição de hipertexto com alguns autores que, no cenário linguístico brasileiro, creditam ao texto características hipertextuais, tendo como fio condutor de sua alegação o critério da não-linearidade. Ao final, trazemos a argumentação de autores que se contrapõem a

essa posição, tendo como base a mesma característica, mas tomada em outra interpretação. Nesse exame, pautamo-nos por uma perspectiva crítica, isto é, pela intenção de chegar a compreender aquilo que diverge e o que une as posições sobre o tema e tentar encontrar, nesta arena teórica, uma conceituação menos conflituosa, se é que isso é possível.

No capítulo 3, revisamos o conceito de enunciação digital proposto por Xavier (2002) e retomado por Faraco (2008) como enunciação digital híbrida. Essas definições levam-nos a uma segunda importante característica do hipertexto: a multissemiótica ou “confluência de modos enunciativos”, segundo Xavier (2002). Ampliamos a compreensão dessa característica com Gomes (2007) e, a partir dele, propomos o termo hipermodalidade em lugar de multimodalidade e em substituição do termo multissemiótica. No final desse capítulo, trazemos um quadro comparativo das demais características do hipertexto, sobre as quais nos posicionamos e selecionamos a terceira característica hipertextual, a interatividade.

A argumentação em favor da distinção entre hipertextualidade e hipertexto, que se desenvolve ao longo dos capítulos, é tratada detalhadamente no capítulo 4, em que mobilizamos argumentos para propormos uma abordagem enunciativa da hipertextualidade, demonstrando os procedimentos analíticos por nós adotados para redefinir um conceito e reunirmos as características necessárias à redefinição de hipertextualidade. O leitor observará que uma breve discussão sobre o suporte nos foi necessária, a fim de justificar a exclusão de características que não se aplicavam diretamente ao hipertexto, enquanto enunciação.

Por último, nas considerações finais, retomamos nossos objetivos, para tecermos nossas conclusões e apontarmos sugestões de continuidade desta pesquisa, a partir das nossas próprias lacunas, pois como a epígrafe dessa introdução enunciou, é pelo debate constante e pela crítica incansável que o fazer científico se constrói.

Origens do hipertexto: pontos de vista

Qualquer conceito (...) sempre tem uma história, embora a história se desdobre em ziguezague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes. Num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos, que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Não pode ser diferente, já que cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado.

(DELEUZE; GUATARI, 1997, p.29-30)

Esse capítulo é conduzido pela seguinte indagação: onde e quando surge o hipertexto? Respondê-la, entretanto, não será a intenção que nos moverá nas páginas seguintes. Em verdade, o interesse histórico pelo surgimento do hipertexto já fora abordado em muitos trabalhos sobre o assunto, mas embora nesses trabalhos já seja lugar comum proceder a um levantamento, ainda que breve, de sua recente história, faz-se necessário, neste momento inicial, uma incursão cronológica pelo termo, a fim de melhor compreendermos as mudanças e os avanços do conceito e em que medida a compreensão que se tem hoje sobre o tema é auxiliada pelas primeiras conceituações.

Esse resgate histórico é, portanto, um pretexto necessário que permitirá, nos capítulos seguintes, comparar os conceitos de hipertexto concebidos por seus idealizadores com as definições adotadas posteriormente, bem como a dificuldade que temos de assimilar a novidade sem correlação com o que a antecede.

Além desse aspecto cronológico, abordaremos, nesse capítulo, tipologias e metáforas hipertextuais, porque, se de um lado, várias classificações são atribuídas ao hipertexto, de outro lado, continuamos a recorrer a analogias para entender esse objeto teórico que se instaura nas ciências da linguagem.

Para tanto, recorreremos a um campo multidisciplinar com algumas contribuições advindas da Ciência da Informação, da Educação, da Literatura e da Linguística, a fim de oferecer vários ângulos da questão. Estando ciente de que é preciso cautela quando se caminha por campos tão diversos, esclarecemos: os limites, aqui, já haviam sido rompidos.

1.1 Precusores do hipertexto: obras impressas

Vários autores, entre os quais podemos citar Dias (2000); Neitzel (2002); Aquino (2006) e Silva (2006) entendem que a noção de hipertexto não se reduz ao aparato tecnológico digital e citam obras hipertextuais impressas como precursoras do hipertexto.

Dias (2000), por exemplo, em um dos primeiros trabalhos que se propôs a estudar o hipertexto no contexto educacional, com o objetivo de entender os avanços de uma nova linguagem propiciada pelas novas tecnologias de ler e escrever, relaciona várias obras literárias que, ligadas ao pós-estruturalismo, rompiam com a linearidade apresentada na folha de papel.

Essas histórias vão desde as contadas por *Sherazade*⁵, porque, segundo a autora, elas “são na verdade infinitas, considerando que cada palavra pode ser o elo para um novo texto ou imagem, para uma nova história sobre o mesmo assunto, sob outro enfoque” (DIAS, 2000, p. 3).

A autora, buscando entender a nova linguagem que propicia uma nova maneira de ler e escrever, não só reflete sobre a experiência hipertextual, com o

⁵ Refiro-me aqui à obra *As Mil e Uma Noites*.

resgate de obras hipertextuais impressas, como a vive em seu texto. Ao longo de seu trabalho, cita a obra *S/Z*, de Roland Barthes, sobre a qual assim se posiciona

o texto idealizado por Barthes identifica-se com o hipertexto pela ausência de um início ou fim determinados, permitindo um sem número de formas de entrada sem que nenhuma se sobreponha às outras, abolindo-se qualquer forma de organização hierárquica. (DIAS, 2000, p. 92).

A obra *S/Z*, uma crítica literária, é considerada pela autora como uma “visão premonitória da escrita hipertextual” (DIAS, 2000, p. 100), porque rompeu com as convenções do uso de notas de pé de página e notas finais, para incorporar informações de difícil inclusão no texto sequencial, colocando assim em questão a noção hierárquica entre o texto principal, em que prevalece o domínio dos argumentos do autor, e os textos subsidiários ou complementares. Entretanto, afirma Dias (2000, p. 96), “apesar de Barthes ter rejeitado os modos sequenciais de argumentos, ele os reteve na forma convencional de um livro impresso”.

Em contraposição a isso, Dias (2000) afirma que a obra *Glas*, de Derrida, avança nesse sentido. Segundo Dias, Derrida propõe uma nova maneira de apresentar o texto, com uma disposição não-linear que desafia o leitor a organizar em um novo espaço textual seus percursos de leitura, devido à apresentação de ideias em forma de colagem, na qual tipos irregulares e arranjos gráficos especiais se alternam em duas colunas ocupando os lados esquerdo e direito de uma mesma página impressa. Nessa colagem, o texto é composto de unidades discretas de leitura, pedaços aparentemente soltos, mas que se conectam pelas marcas de pontuação, revertendo a hierarquia da página impressa também em sua disposição espacial. Na avaliação de Dias (2000), esse texto derrideano é um

nítido precursor da escrita hipertextual, é aquele que oferece o exemplo mais extremo da modalidade crítica pós-estruturalista, deixando tênues todos os limites ou fronteiras criados pela margem que percorre o texto impresso, pelas ideias de início e fim que o caracteriza, abrindo espaço para experiências de leitura através de qualquer direção: intertextuais ou intratextuais, próprias, também, dos sistemas de hipertextos (DIAS, 2000, p. 96-97).

Dias (2000) entende então que o texto literário, em virtude de sua predisposição para a pluralidade e para o desbordamento, sobejamente

pressentidos e amplamente comentados, rompe com os cânones da hierarquia e em consequência disso, da noção de linearidade inerente à página impressa, que se tornou soberana com o advento da prensa. A autora pondera que o texto acadêmico assim como a escrita técnica e comercial têm, ainda, como prevalente, o modo linear e hierárquico e que, mesmo o livro se permitindo ser lido em qualquer ordem, a sequência linear do texto impresso é sugestiva e controladora.

Essas observações apontam-nos para algumas questões importantes. A primeira delas diz respeito ao tipo de texto que seria precursor do hipertexto. Este não se assemelha a qualquer texto, ao acadêmico, por exemplo, mas ao literário, que já sendo predisposto a rupturas, permite, no plano dos sentidos, e também na disposição espacial do texto, múltiplas direções. Apesar disso, Dias (2000) deixa claro que o livro possui uma ordem, ainda que sugestiva. Entretanto, as encruzilhadas do trabalho hipertextual de Dias são tantas que, na busca das origens do hipertexto, encontramos temas como a leitura, a escritura, a intertextualidade, a autoria e a polifonia, que, tão diversos e amplos se fundem num lance histórico que perdemos de vista o hipertexto.

Observações interessantes, na perspectiva dos trabalhos em Literatura, são trazidas por Neitzel (2002) ao comparar duas obras hipertextuais impressas (*O jogo de Amarelinha*, de Júlio Cortázar e *As cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino) a outra em suporte eletrônico (*Tristessa*⁶). Neitzel, ao demonstrar que não há modelos de obras hipertextuais — “elas podem ser construídas segundo procedimentos narrativos diversos e serem hipertextuais” (NEITZEL, 2007, p. 145) — entende que

a literatura hipertextual se constrói não só quando se explora suas possibilidades expressivas, mas, sobretudo, imaginativas. A hipertextualidade é algo que vai nascendo no processo de escrever, algo que está implícito no texto, texto cuja hipertextualidade vai tomando corpo e se concretizando na leitura relacional (NEITZEL, 2007, p. 140).

⁶ Obra literária hipertextual. Disponível em: <<http://www.quatro.com.br/tristessa>>

Nesse sentido, a autora aponta inúmeros exemplos de escrita que podem ser consideradas hipertextuais anteriores ao surgimento da informática, como lipogramas, palíndromos, tautogramas, versos ropálicos ou haicais, os quais exploram a capacidade de multidimensionalidade que a escrita pode apresentar, mesmo em tipos imóveis como os da imprensa. A autora cita ainda, *Cent mille milliards de poèmes*, obra combinatória cuja estrutura é modelável, e *Un conte à votre façon*, de Queneau, obra organizada como literatura algoritma.

Entretanto, a riqueza do trabalho de Neitzel (2002), para nós, não reside no elencar de exemplos de escritura hipertextual, mas nas conclusões a que chega pela análise de uma obra hipertextual literária não impressa. A pesquisadora, ao analisar a hiperficção *Tristessa*, chega à conclusão de que a simples inserção do texto no meio digital não o transforma num material com essas características, pois além de não se construir de forma original, isto é, com especificidades próprias do meio digital, faz uso de alguns procedimentos comuns às narrativas hipertextuais impressas por ela analisadas, haja vista *Tristessa* explorar pouco a capacidade hipermediática do hipertexto.

Essa constatação nos leva a conjecturar que, se de um lado, a comparação entre texto e hipertexto se assenta, sobretudo, em obras literárias, por outro lado, ampliando a diferença sugerida em Dias (2000), para o texto acadêmico e o texto literário, há, no meio digital, a hiperficção que pouco difere da obra impressa e a hiperficção que explora com bastante intensidade as potencialidades da máquina, como é o caso de *Afternoon, a story*, segundo a avaliação de muitos autores.

Segundo Neitzel (2002), ao compor essa narrativa hipertextual, Michael Joyce viola as regras da boa navegação e deposita na tela inicial botões e entradas ocultas, os quais o leitor precisa investigar para poder ultrapassar o muro. E, no decorrer de todo o texto, a conjunção entre ordem e desordem, acaso e determinação são semeadas por 538 lexias, as quais multiplicam o contínuo e o descontínuo, provocando o acirramento de processos de construção textual. Na avaliação de Neitzel (2002, p.140), trata-se de “um hipertexto como escrita realmente multidimensional, longe da falsa aparência de uma descontinuidade,

uma leitura que flui em diferentes direções, constituindo-se num escrito atomizado e fragmentado”.

Essas considerações nos permitem inferir que, ao buscar antecedentes do hipertexto em obras impressas, é preciso avaliar as diferenças existentes entre textos e hipertextos, lembrando sempre que não podemos negligenciar o pressuposto advogado pela História Cultural do livro que, em autores como Chartier (1998, p. 128), adverte-nos para a constatação de que “a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar àquilo que lerem”.

Assim, na comparação do texto com o hipertexto, haverá semelhanças e diferenças, conforme o tipo de texto e de hipertexto em análise. Respondendo à pergunta em aberto no trabalho de Neitzel (2002, p. 134), sobre “por que haveria a produção em meio digital de se libertar de seus antecedentes históricos, de negar sua tradição?”, podemos afirmar, com base também no que a própria autora nos mostra, que as obras literárias precursoras do hipertexto se assemelham a obras hipertextuais pouco representativas da hipertextualidade, no sentido de não se valerem dos recursos oferecidos pelo suporte informático, logo, a comparação não é feita considerando a completude do todo de ambos os objetos (texto e hipertexto). Não se pode, contudo, negar as semelhanças.

Por esses motivos, começamos a inferir que alguns hipertextos encontram exemplares antecedentes no impresso, e, quando considerados em comparação com uma variedade maior de hipertextos, essas semelhanças se encaminham para diferenças numa espécie de *continuum* de obras mais e menos hipertextuais.

Com efeito, muitas obras literárias foram produzidas numa perspectiva pós-estruturalista, que primava pela não-sequencialidade determinada pela estrutura *começo-meio-fim*. O romance moderno inaugura esse período com obras magníficas, das quais *Ulisses*, de Joyce, considerada por Eco (2003) como exemplo máximo de “obra aberta”, é apontada como a primeira.

Se avaliarmos, porém, os parâmetros pelos quais essas obras hipertextuais impressas estão sendo comparadas a hipertextos, veremos, primeiramente, que o que se tem como elemento comparativo é a busca do sentido ou, a perspectiva da leitura e, portanto, no plano do conteúdo. Isso significa dizer que, na superfície textual, essas múltiplas direções podem ser manifestas ou não no papel, embora obras como as de Derrida, conforme visto aqui com Dias (2000), mostrem isso também.

De todas as obras citadas por Neitzel (2002) como hipertextuais, *O Jogo da Amarelinha*, obra escrita em 1963 é considerada pela maioria dos autores por nós pesquisados como uma das mais citadas obras hipertextuais, porque propõe dois caminhos de leitura conforme sigamos a numeração dos capítulos proposta pelo autor. Contudo, enfatiza Palácios (1999), “apenas dois caminhos”.

Notemos que esse rompimento com a linearidade se dá numa estrutura bidimensional e isso é simplesmente inquestionável, porque está ao alcance de nossos olhos. A estrutura não-linear no hipertexto, por outro lado, refere-se não só àquilo que a tela, em um instante, nos mostra. Trata-se de multiníveis, aos quais só alcançamos, perceptualmente, pela *hiperlinkagem*.

Nessa perspectiva da escrita hipertextual Aquino (2006), para quem a ideia de hipertexto vem desde os séculos XVI e XVII, lembra a existência das chamadas *marginalia*, que seriam índices pessoais, citações de textos, remissões a outras partes ou outros textos feitas pelos leitores dos livros da época, anotadas nos cantos das páginas destes e depois transferidas para um caderno de “lugares comuns”, para que posteriormente pudessem ser consultadas. A autora cita como um dos exemplos da escrita hipertextual as anotações de Leonardo da Vinci.

Contrapomo-nos a isso, afirmando que, embora saibamos com Manguel (1997) que os manuscritos antigos já permitiam anotações em suas margens,

estamos convencidos de que no hipertexto as coisas se dão de maneira diferente. Sobre isso, Ertzscheid (2003) esclarece, em documento disponível *on-line*⁷, que

um *link* hipertextual é um procedimento informático que permite designar um texto [no sentido de documento] primeiro, um texto-alvo e uma ligação física entre esses dois textos, esta ligação podendo ser caracterizada e enriquecida de diversas maneiras no plano semântico, gráfico, contextual, etc⁸. (Tradução nossa).

Nesse sentido, o *link* é um procedimento informático que liga textos fisicamente, embora essa ligação também possa levar em conta aspectos semânticos, gráficos, contextuais etc. Além disso, observa Ertzscheid (2003), as anotações no texto são limitadas a dois aspectos, a saber, temporal e espacial. O primeiro diz respeito ao fato de, sendo a anotação contemporânea à leitura e suscitada por ela, ela está na dependência do estado de humor momentâneo, é não sistematizada e escapa a uma memorização mais de longo termo. O segundo aspecto, o espacial, diz respeito à organicidade, pois sendo as anotações dependentes dos textos aos quais se relacionam, situam-se fora do texto, em geral na mancha tipográfica.

Segundo Ertzscheid (2003), o hipertexto permite pôr fim a essas limitações, pois aquilo que se quis registrar num determinado momento (limite memorial ou temporal) passa a ser registrado com o texto ao qual se reporta, mas sem a limitação espacial, pois a anotação não é mais simplesmente um elemento do paratexto, mas constitui o próprio documento. O autor conclui que o *link* hipertextual renova as funções tradicionais da nota de rodapé, tomando-lhe emprestado certas funções (como servir de referência bibliográfica, por exemplo) e acrescentando algumas, como hierarquizar, definir, ilustrar, reformular, comentar entre outras, além do destaque tipográfico.

Não obstante isso, Silva (2006), recorrendo ao túnel do tempo com esse tema, argumenta que mesmo o código já havia transgredido a espacialidade

⁷ < <http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/> >

⁸ Texto original : « un lien hypertexte est une procédure informatique qui permet de désigner un texte source, un texte-cible et une liaison physique ente ces deux textes, cette liaison pouvant être caractérisée et enrichie de diverses manières sur un plan sémantique, graphique, contextuel, etc... »

bidimensional da página, ao permitir digressões e remissões a páginas anteriores, o que já iniciaria, em seu entendimento, um procedimento hipertextual. A autora, ao elencar obras como *Ulisses*, de Joyce; *As Mil e uma noites*; *Dom Quixote*, de Cervantes; *O Jardim dos sendeiros que se bifurcam*, de Borges; *O processo* de Kafka; bem como o concretismo brasileiro e a poesia *haikai* japonesa, defende que esses textos seguem uma estratégia de elaboração hipertextual, na medida em que rompem com uma suposta linearidade da linguagem, ao oferecer uma deriva interpretativa sem fim.

No entanto, essa perspectiva de análise não nos parece razoável porque, em primeiro lugar, implica considerar hipertextual como sinônimo de interpretação. Para auxiliar-nos nessa posição, recorremos a Bezerra (2007) que, em artigo sobre as relações entre gêneros e suportes, esclarece-nos acerca da complexidade das acepções do termo livro, a qual pode ser simplificada através de sua divisão em duas categorias bastante gerais, o suporte e a obra ou criação intelectual. Com o suporte, destacamos o aspecto físico ou virtual, com a criação intelectual, destacamos o conteúdo.

Nesse sentido, vale lembrar que a materialidade do suporte hipertextual é virtual, o que lhe confere propriedades diferenciadoras. É claro que, aqui, temos em mente hipertextos valendo-se dos recursos hipermidiáticos oferecidos pela tecnologia, e não aqueles os quais, não se valendo dos mesmos recursos, mais se assemelham a textos transpostos para a tela, ou textos eletrônicos (cf. XAVIER 2002; GOMES, 2007). Esses hipertextos, embora acessíveis na rede (*Web*), não utilizam o potencial tecnológico de seu suporte, que, sendo multidimensional, possibilita multiníveis de sobreposição de enunciados. Em geral, tais hipertextos são destinados, prioritariamente, à leitura e não à interação, pelos processos de leitura/escritura simultaneamente, por exemplo.

É esse equívoco, o de se ter em mente alguns aspectos de determinados hipertextos, que costuma servir de comparação a obras apontadas pela literatura como hipertextuais. Podemos afirmar que, em geral, esses hipertextos, são, como explica Gomes (2007) a partir dos tipos de hipertextos propostos por Snyder

(1997), baseados só na escrita, bem parecidos com o texto impresso, sem outros recursos hipermediáticos, como sons, animações, gráficos e vídeos.

No âmbito dos estudos linguísticos, Snyder (1997) traz a informação segundo a qual a ideia de hipertexto já havia sido preconizada por Samuel Taylor Coleridge, em 1849. Com sua *Encyclopaedia Metropolitana*, cuja ideia era a criação de uma biblioteca universal sem ordem específica ou prévia. Snyder informa que Coleridge pretendia revolucionar a forma de organizar o conhecimento, entretanto, o paradigma de uma tradição, acostumada a hierarquizar seus conteúdos, não viu nesta ideia uma solução viável de organização do conhecimento. Aqui, claramente se teria como elemento de definição a organização estrutural, mas em papel.

Tendo feito essas considerações, julgamos que não há razões para voltar no tempo e dizer que o hipertexto sempre existiu. Reconhecemos, apesar disso, e como pudemos inferir com os autores aqui resenhados, a existência de hipertextos pouco adaptados ao novo suporte e que, por isso, se assemelham mais a alguns textos. Assim, defendendo que o hipertexto possui propriedades distintas das realizáveis anteriormente em outros suportes de escrita, partimos agora por trilhas que nos levem em busca de outras origens para o hipertexto, agora considerando o suporte informático.

1.2 Precusores do hipertexto: suportes informáticos

A maioria dos trabalhos que tratam do hipertexto (cf. LÉVY, 2006) atribui a criação da ideia de hipertexto a Vannevar Bush, um ex-presidente do *Massachusetts Institute of Technology (MIT)* e ex-director do *Office of Scientific Research and Development*, no tempo da 2ª Guerra Mundial, nos Estados Unidos, graças à publicação do famoso ensaio intitulado “*As we may think*”, publicado na revista *The Atlantic Monthly*, em julho de 1945.

Nesse ensaio, Bush (1945) procede a um levantamento das invenções científicas da época e das invenções que poderiam ajudar o homem do pós-guerra a viver melhor. No texto, o cientista americano observa que o homem já produzira

bastante conhecimento, restava-lhe, no entanto, organizá-lo de maneira acessível e inteligente, não apenas de forma sequenciada, mas semelhante ao nosso jeito de pensar.

Na avaliação do autor, a incompetência para alcançar registros é causada, em grande parte, pela artificialidade dos sistemas de indexação, que são arquivados em ordem alfabética e/ou numérica e exigem regras exaustivas para permitir a localização de um documento, em uma biblioteca, por exemplo. Segundo Bush (1945) ao se encontrar um item, tem-se que emergir do sistema e entrar em um novo trajeto, diferentemente do modo como a mente humana trabalha, que é, em sua concepção, por associação.

Entretanto, Bush (1945, p. 4) adverte que

não se deve esperar, de qualquer forma, alcançar a mesma velocidade e flexibilidade com as quais a mente segue um caminho associativo, mas deve ser decisivamente possível superar a mente quanto à permanência e à clareza das informações armazenadas⁹. (Tradução nossa).

Essa ressalva é importante para entendermos que a metáfora do hipertexto é apenas uma representação de um jeito de pensar e não pretende ser a própria simulação mental humana. A indexação associativa de Bush pretendia que qualquer item pudesse ser selecionado imediata e automaticamente por outro.

A ideia de um equipamento para uso individual, que seria um arquivo ou uma biblioteca mecanizada privada possível de ser consultada com alta velocidade e flexibilidade, é denominada por Bush (1945) de *Memex*, na ausência de termo melhor, segundo ele, e em referência a sua função de suplemento da memória do usuário. Esse dispositivo, baseando-se na tecnologia da época, era uma máquina fotoelectromecânica que conseguia produzir referências cruzadas entre documentos microfilmados, através de um processo de código binário, de fotocélulas e de fotografia instantânea.

⁹ Texto original: "One cannot hope thus to equal the speed and flexibility with which the mind follow an associative trail, but it should be possible to beat the mind decisively in regard to the permanence and clarity of the items resurrected from storage".

Procedendo a uma explicação desse dispositivo, Bush (1945) descreve uma mesa que, no alto, possui telas translúcidas inclinadas, nas quais o material é projetado para a leitura. Podemos imaginar algo como um microfilme, sendo que esta mesa opera com diversas posições de projeção, que permitem ao usuário deixar um item posicionado enquanto requisita outro e pode ainda ser operada à distância. A figura, a seguir, é uma ilustração do *Memex*:

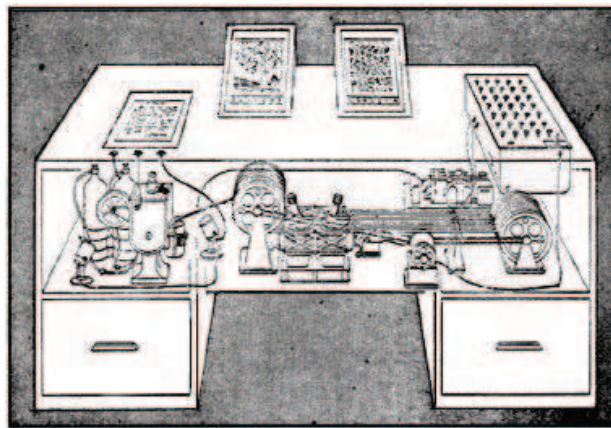


Figura 01: Memex de Vannevar Bush

Fonte: <http://www.acmi.net.au/AIC/BUSH_BERRNIER.html>.

No *Memex*, explica Bush (1945), o material armazenado em um moderno microfilme, ocupa uma pequena parte do interior do *Memex* e pode ser desde livros a fotografias. Tais documentos, uma vez acionados, podem ser nomeados quanto ao tipo de associações, pois a ideia de conectar dois itens é, segundo o autor de “*As we may think*”, o fator mais importante.

Uma vez estabelecida a conexão, cada vez que determinado item fosse visualizado, todos os outros que tivessem sido ligados a ele poderiam ser instantaneamente recuperados, através de um toque de botão ou, manualmente, pelas alavancas.

O projeto de Bush (1945) para o que viria a ser o hipertexto é resumido, de maneira simples, por Ertzscheid (2003) nas palavras a seguir.

Em outras palavras, tome uma nota de rodapé (bibliográfica, por exemplo) de uma edição crítica. Digitalize o texto sobre o qual ela

aparece e ao qual ela faz referência. Estabeleça uma ligação entre os dois : eis o hipertexto¹⁰. (Tradução nossa).

Para Snyder (1997), Bush (1945) propusera uma textualidade múltipla, que se caracterizava por não consistir num mundo textual fechado e no qual o leitor também seria autor, já que o *Memex* permitia a colocação de notas e comentários.

Nesse ínterim de duas décadas, o ENIAC¹¹, primeiro computador eletrônico, que havia sido inventado em 1946, deixara de ser uma grande e robusta máquina de calcular, para, na década de 1950, sendo menor e mais rápido, permitir os testes de Douglas Engelbart, diretor do *Augmentation Research Center (ARC)* do *Stanford Research Institute* e inventor, dentre outras coisas, do *mouse*. O Investigador da Universidade de Stanford demonstrou, nos anos 1960, um espaço de trabalho colaborativo, o qual batizou de NLS (ou oN Line System - sistema «on-line»). Surgiam, assim, as múltiplas janelas de trabalho na tela e a possibilidade de manipulá-las com a ajuda do *mouse*.

Tributário das ideias de Bush (1945), surge o Projeto Xanadu¹², que, no ano de 1965, seria apresentado numa *Conferência da Association for Computing Machinery (ACM)*, pelo doutor em Sociologia, Theodor Holm Nelson, mais conhecido como Ted Nelson. A sua comunicação, intitulada “*A file structure for the complex, the changing and the indeterminate*”¹³ é, até hoje, motivo de polêmica no meio informático, devido ao aspecto bastante livre e democrático pretendido por Nelson. Tentemos entender as razões para isso.

Baseado em hipertexto, o Projeto Xanadu seria uma biblioteca universal, pretendendo mesmo ser comparado ao intuito de Alexandre, o Grande, quando da construção de sua Biblioteca de Alexandria. É nesse exato momento que o termo

¹⁰ Texto original: « En d’autres termes, prenez une note de bas de page (bibliographique par exemple) dans une édition critique. Numérisez le texte sur lequel elle apparaît et celui auquel elle fait référence. Etablissez un lien entre les deux : vous obtenez un hypertexte ».

¹¹ ENIAC – *Eletronic Numeric Integrator and Calculator* – projetado por John W. Mauchly e J. Presper Eckert e construído na Universidade da Pensilvânia.

¹² A inspiração para o nome Xanadu, de acordo com informações fornecidas pelo site “Janela na web” deve-se a um local exótico na Mongólia, cantado num poema inglês de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) e que fora perdido parcialmente. Disponível em: <<http://janelanaweb.com>>

¹³ “Uma estrutura de arquivo para o complexo, o mutável e o indeterminado?” (Tradução nossa).

hipertexto é cunhado, mas diferentemente de Bush, Nelson deixa o microfilme e apresenta um documento com base no computador, uma espécie de lista de discussão.

Em *site* sobre seu projeto, Nelson (*on-line*) explica que a inspiração inicial do hipertexto vem desde sua infância, passando pela juventude quando, envolvido com escrita, leitura, literatura e cinema escrevia e re-escrevia tentando organizar pensamentos que não eram sequenciais, dado que as estruturas de pensamento o impressionavam.

Para Nelson (*on-line*), os pensamentos têm uma estrutura espacial própria e, ao serem colocados nos impressos ou manuscritos, tornam-se necessariamente lineares. Desse modo, o leitor tem de desconstruir alguns pensamentos numa sequência linear e, então, reconstruí-los. Isso significa, para Nelson, um grande esforço e o hipertexto poderia superar tudo isso ao apresentar, diretamente, uma estrutura de pensamento não-sequencial.

Assim, o Xanadu seria um novo sistema de publicação do futuro que afirma ter se manifestado desde 1960, quando imaginou que poderíamos ler e escrever em telas de computador interativas, uma extensão da literatura dentro do domínio da interatividade e da multidimensionalidade, com muitos encadeamentos entre as palavras com base em seus significados, num sentido bem amplo, é claro. Essas relações básicas, vale dizer, ligações técnicas, são descritas por Nelson (*on-line*) como de dois tipos: *link*, que seria uma conexão imutável entre objetos ou partes que são diferentes, e *translução*, conexão entre partes que são as mesmas.

Tentemos imaginar agora o alcance dessas proposições. Suponhamos que alguém, lendo um livro sobre a história da leitura – o de Manguel (1997), por exemplo–, vá registrando, agora não mais em suas margens, mas na tela, o que faz pensar passagens que lhe chame a atenção. Para isso, é preciso considerar antes quem é o leitor, o que sempre vai variar em função de um momento, e do que se trata o objeto de leitura. Consideremos agora que essa pessoa seja uma estudante e professora de Linguística e que goste muito do tema leitura. O livro que, conforme

o autor, é dirigido a pessoas apaixonadas por leitura, apresenta fatos dessa história não a partir de uma linha cronológica, mas através dos gestos dos muitos leitores que a história registrou, romaneando o tema.

Pois bem, à medida que a pessoa vai lendo o livro, ideias lhe ocorrem, umas ligadas à atividade docente, outras ligadas à identificação com outros leitores... Quem sabe, em função de ser uma estudante de linguística, buscar citações que possam ser aproveitadas em trabalhos acadêmicos, ou outras citações, porque simplesmente lhe agradaram do ponto de vista estético... Nesse percurso, escrevem-se palavras, gráficos ou traçam-se esquemas, desenhos e imagens. Associações são feitas, nomeadas e conectadas, obedecendo a critérios variados. Algumas dessas associações se repetirão numa segunda leitura, outras poderão ser substituídas, algumas serão puro devaneio de um momento...

O livro, que já não é mais o mesmo (e talvez nem se possa identificar o que é de Manguel e o que é da autoria do “leitor”), pois novas relações lógicas foram criadas, gera agora o hipertexto construído que será compartilhado com outras pessoas, que farão o seu hipertexto e assim, sucessivamente, justapostamente.

O que quisemos demonstrar com isso é que o projeto de Nelson era bastante ambicioso, pois não só atenderia às associações individuais, como também permitiria o compartilhamento disso. Sendo pessoas diferentes, com necessidades que variam, conforme o estado momentâneo e os objetivos de leitura, fica evidente supor as muitas dificuldades e soluções de ordem técnica, necessárias para a viabilização desse projeto. Talvez por esses motivos, o hipertexto colaborativo de Nelson (*on-line*) não tenha se expandido na Internet, pois, como nos informa Gomes (2007), na classificação proposta por Walker (2005)¹⁴, hipertextos dessa natureza, construídos sem uma estrutura planejada, nem autores ou editores construindo os links, constituem um hipertexto animal (*feral*), no sentido de incontrolável.

¹⁴ WALKER, J. Feral Hypertext: When hypertext Literature scapes control. Disponível em: <<http://jiltxt.net>>.

Segundo Lévy (2006), até o momento, nenhum dos milhares de hipertextos tem a amplitude quase cósmica imaginada por estes pioneiros e aponta três razões para isso. A primeira delas reside em um plano estritamente de limitação informática; a segunda é de ordem financeira, os projetos custam caro; e, finalmente, a terceira, se relaciona ao gerenciamento operacional em decorrência da demanda de públicos bastante diversos.

O hipertexto, mais próximo do que conhecemos hoje, tem seu nascedouro com o engenheiro de sistemas inglês, Tim Berners-Lee, conseguindo, finalmente, pôr em prática as ideias de Bush (1945) e de Nelson (*on-line*). Em 1989, Berners-Lee, concebeu a *World Wide Web*, que viria a se popularizar como *Web*¹⁵. De acordo com o autor¹⁶, a invenção surgiu em função de um problema de troca de informações sofrido pelos pesquisadores do Laboratório Europeu de Física das Partículas (mais conhecido por CERN – Centro Europeu de Pesquisa Nuclear), com base na Suíça.

Nessa época, a Internet e o hipertexto já eram difundidos e utilizados no meio acadêmico e, assim, Berners-Lee ficou responsável por encontrar uma plataforma eletrônica para a troca de informações entre os pesquisadores do CERN, quando acabou inventando a linguagem HTML¹⁷, que com o *browser*¹⁸, viabilizaram o que se conhece hoje por *Web*, a mais popular das redes da Internet.

Com efeito, Nelson critica a Internet dos dias atuais (e de Berners-Lee), julgando-a como uma brilhante simplificação que em nada se difere do paradigma do impresso, tendo em vista que os *links* obrigam o usuário a ir de um ponto a outro e, por vezes, perder-se, sem contar que muitas páginas hoje imitam o papel,

¹⁵ Em termos gerais, é a interface gráfica da Internet, implementada a partir de três ferramentas importantes: um protocolo de transmissão de dados - HTTP; um sistema de endereçamento próprio - URL e uma linguagem de marcação, para transmitir documentos formatados através da rede - HTML, conforme consulta ao site <<http://www.icmc.usp.br/ensino/material/html/www.html>>.

¹⁶ <<http://www.w3.org/People/Berners-Lee/>>

¹⁷ HTML significa *HyperText Markup Language* - Linguagem de Marcação de Hipertexto que serve para indicarmos formatações para textos, inserir imagens e ligações de hipertexto.

¹⁸ Os *browsers* são responsáveis por identificar as marcações em HTML e apresentar os documentos conforme o que foi especificado por essas marcações. São conhecidos como navegadores. Ex: Internet Explorer, Firefox, Opera, Google Chrome.

como se vê nas palavras a seguir, trecho de uma entrevista concedida a Jorge Nascimento Rodrigues, no *site* Janela Aberta:

Os «links» que ele [referindo-se a Berners-Lee] criou funcionam numa só direção. Eu não concordo com o HTML, com o fato de ser unívoco. A minha solução é uma estrutura mais rica do que as páginas HTML. Permite duas coisas: ligações visíveis e explícitas entre conteúdos que são diferentes e cópias virtuais – ato a que eu chamo de transclusão – de conteúdos que são idênticos. Permite, também, a gestão de várias versões e dos direitos da propriedade intelectual dos conteúdos. (Disponível *on-line*)¹⁹.

É por esse motivo, por não termos *links* bidirecionais, produzidos por quem navega e pelos programadores, que, na avaliação de Nelson, o conceito da *Web* está errado. Sobre isso, Nelson complementa

eu desenhei uma estrutura que permite a apresentação paralela de documentos no «browser» e a construção de uma estrutura paralela de dados. O que é muito mais funcional do que o atual sistema de «janelas». Também, criei uma forma de intercomparação em massa. É possível a massificação de um sistema bidirecional de «links» por parte de uma pluralidade de autores. E ainda um método de hiperpartilha virtual de conteúdos idênticos, que evita o sistema tradicional de cópia. É um sistema de edição totalmente aberto, em que qualquer um pode «linkar», reutilizar materiais de qualquer tipo no seio da rede. É um sistema de todos para todos, sem centralismo editorial, e sem roubo. (Disponível *on-line*)²⁰.

O projeto de Nelson (*on-line*) e sua biografia são bastante envolventes, mas o leitor foi conduzido até aqui a fim de perceber, nos capítulos seguintes, que o que era almejado por Nelson, sempre foi considerado em definições de hipertexto, conceituações iniciais e apenas vislumbradas. Nelson pretendia (e pretende ainda²¹) implementar o modelo de hipertexto com um alto grau de liberdade navegacional para os usuários, com *links* bidirecionais²², de modo que não só os produtores do hipertexto possam fazer suas ligações, mas também todo e qualquer hiperleitor.

¹⁹ <<http://janelanaweb.com>>

²⁰ *loc. cit.*

²¹ Autoexilado hoje no Japão, Nelson tenta implementar seu projeto, que existe fora da *Web*, e fornece detalhes disso em seu *site*, que consta em nossas referências ao final dessa dissertação.

²² Um trabalho que nos dá uma ideia disso é proposto por Primo A.; RECUERO, R. da C. (2004) em seu projeto tecnológico com *links* bidirecionais que pode ser conferido no endereço: <<http://www.co-link.org>>.

Outro aspecto a ser enfatizado nessa discussão, leva-nos ao problema conceitual da nomenclatura. Notemos que o *Memex* de Bush (1945) refere-se tanto a um modo de indexação da informação quanto ao próprio dispositivo, ou seja, a máquina. Com Nelson (*on-line*), o hipertexto passa a ter tanto uma definição técnica, no que se refere ao sistema de dados interconectados, quanto a um modo de pensar. Isso nos será importante ao compararmos com as definições posteriores apresentadas no capítulo seguinte.

Por ora, encerramos essa busca inicial sobre as origens do hipertexto propondo a seguinte reflexão. Se o hipertexto surge ou não no contexto informático, à maneira da Imprensa que não foi inventada por Gutenberg, mas aprimorada, como atesta a história recente; cabe-nos aqui enfatizar que mais importante que a autenticidade da ideia patenteada é o invento, e esse o é, na medida em que na maioria de seus aspectos difere do que lhe antecede. Em alguns casos mesmo, chega a romper.

É claro que se investigarmos mais detidamente a questão, encontraremos outros autores que, como alega Ribeiro (2008b), de certa forma, também merecem o mérito da descoberta. Contudo, questões como essa fogem ao escopo de nosso trabalho, que intenta mostrar que muitas definições de hipertexto, ainda hoje, são tributárias dos projetos “irrealizados” de Bush (1945), e também de Nelson (*on-line*).

Por fim, interessa-nos dizer que as primeiras conceituações de hipertexto (em meio eletrônico), conferida aqui com Nelson (*on-line*) e, anteriormente, sugerida em Bush (1945), têm como elemento comum a organização da informação²³. Em Bush, considerando necessidades pessoais, prioritariamente, e em Nelson, na tentativa de democratizar esse conhecimento, o que implica, em ambos os autores, o aspecto interativo, seja entre sujeito e máquina, seja entre sujeitos, via máquina. Essa socialização é inviabilizada num primeiro momento,

²³ O termo informação é concebido aqui numa acepção bastante ampla, referindo-se a dados ou conteúdos, sem preocupação com qualquer abordagem da Ciência da Informação.

podemos dizer com os primeiros hipertextos, algo que já começa a se realizar, embora a postura de Nelson quanto a isso seja radical (o autor não reconhece que a Web ofereça o hipertexto colaborativo por ele almejado).

Uma última avaliação do hipertexto pretendido por Bush (1945) e Nelson (*on-line*) será trazida aqui com as palavras de Neitzel (2002, p. 118), por estarmos inteiramente de acordo com elas.

A ideia inicial de Bush, ao idealizar um sistema que mais tarde Theodor Nelson conceituou de hipertexto, era desenvolver um produto cuja descentralidade fosse total. Ambos desejaram compor um modelo de sistema hipermediático aberto, onde os textos fossem confusamente espalhados, anarquicamente embaralhados, misturados, organizados de forma rizomática porque não haveria um ponto único de comando central.

Vejamos, a seguir, como a tecnologia aprimorou esses projetos iniciais de hipertexto, o que permitiu que os hipertextos se diferenciasssem entre si e fossem, inclusive, passíveis de classificação.

1.3 Tipologias do Hipertexto

Corroborando a ideia de que há diferentes hipertextos, apresentamos nessa seção o que a literatura sobre o assunto já apontou sobre esses vários hipertextos.

Snyder (1997), uma das primeiras autoras do cenário internacional a ter obras publicadas no Brasil sobre hipertexto, afirma que os hipertextos podem ser de quatro tipos: fechados, sistemas de distribuição, os que só permitem leitura e, por fim, os que permitem intervenções. A autora acrescenta que há os que são bem semelhantes ao texto impresso e há aqueles que são repletos de recursos hipermediáticos.

Outra classificação é apresentada por Xavier (2002), baseando-se em Joyce (1995)²⁴, autor da primeira narrativa hipertextual, chamada *Afternoon, a story*. Nessa tipologia, existem dois tipos de hipertexto: os *exploratórios* – nos quais não

²⁴JOYCE, M. Siren Shapes: Exploratory and Constructive Hypertext. In: JOYCE, M. **Of Two Minds: Hypertext Pedagogy and Poetics**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995. p. 39-60.

se pode intervir e os *construtivos* – os quais exigem capacidade para agir sobre eles. Ambos, segundo Xavier (2002), mantêm uma relação dentro de um *continuum hipertextual* que vai depender da atitude, dos objetivos e propósitos de cada hiperleitor. Um *site* como o da *Wikipedia*, por exemplo, que é uma enciclopédia aberta à colaboração, seria do tipo construtivo, porque se pode alterar seu conteúdo, inclusive com o acréscimo de *links*, como se pode conferir no convite à edição, no tópico: *como posso ajudar?*, localizado no centro da página e também no tópico *editar*, à direita da figura em destaque:



Figura 02: *Wikipedia*

Fonte: <pt.wikipedia.org>

De acordo com Gomes (2007), há do ponto de vista da construção de hipertextos, quatro principais modelos, os quais trazemos aqui em ilustração fornecida pelo autor, com base em Bianchi e Adelaide²⁵.

O **modelo sequencial**, segundo explicação de Gomes, é o que mais se aproxima dos textos impressos. “Nele, o percurso de leitura é linear e, no máximo, bidirecional, isto é, o leitor pode apenas ir e voltar sequencialmente” (GOMES, 2007, p. 93). No **modelo hierárquico**, o autor explica que há uma entrada principal para o documento e, através dela, tem-se acesso a vários arquivos num

²⁵ Disponível em: <http://www ldc.usb.ve/~abianc/hipertexto.html>.

mesmo nível hierárquico (no modelo sequencial). O acesso ao nível hierárquico subsequente só é possível a partir do nível imediatamente anterior.

Já o **modelo reticulado** permite maior liberdade de acesso, porém não integra todos os documentos, sendo que alguns deles só podem ser alcançados por intermédio de outros. Por fim, o **modelo em rede** é descentralizado e não hierárquico, permitindo que todos os documentos possam ser acessados a partir de qualquer ponto.

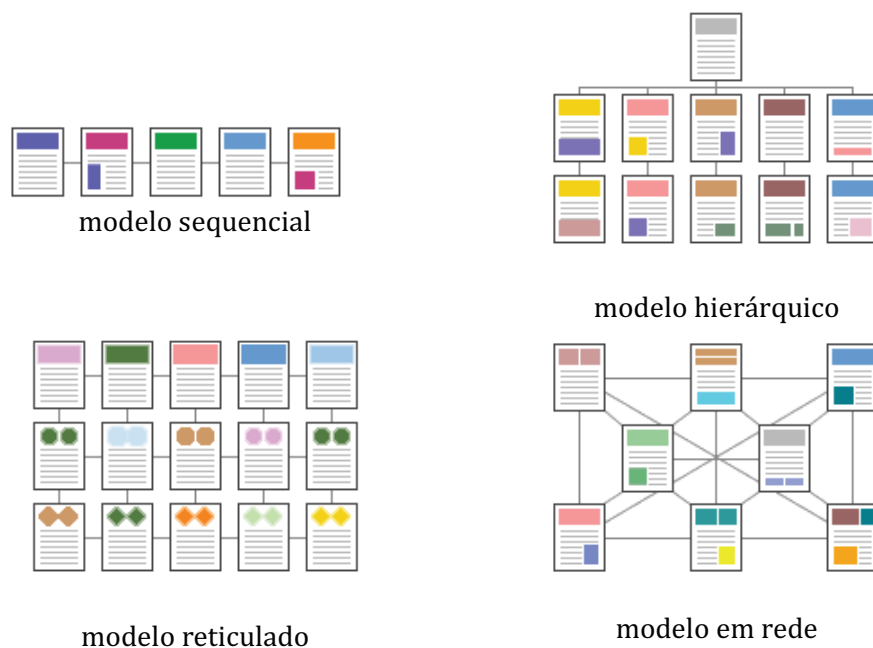


Figura 03: Tipos de hipertexto

Fonte: Gomes (2007).

Segundo Neitzel (2002), esses modelos foram apresentados por Brockmann; Horton; Brock (1989)²⁶ e nomeados como, na ordem aqui trazida, *sequencial, em grade, arborescente e em teia*, uma organização que determinaria o poder de expressão e o risco de o navegante perder-se no documento.

²⁶ BROCKMANN, R. J; HORTON, W; BROCK, K. From database to hypertext via electronic publishing: an information odyssey. In: BARRETT, Edward (Org.). **The society of text: hypertext, hypermedia, and the social construction of information**. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 1989. p. 162-206.

Sobre a explicação desses modelos, Neitzel (2002) acrescenta que a estrutura mais simples, o “modelo sequencial” se assemelha ao que temos no texto linear, no qual palavra segue palavra, um parágrafo posterior a outro parágrafo, página após página. O leitor tem duas escolhas: seguir em frente ou retornar.

A estrutura de grade (modelo reticulado) é também, segundo a autora, bem familiar, pois nela as informações podem ser agrupadas por conveniências ou afinidades, como, por exemplo, temos nos mapas de cidades planejadas em blocos ou quadras, ou ainda, nos tabuleiros de xadrez ou de gamão. A autora acrescenta que

A forma como os conteúdos são reunidos nos índices, organizados seguindo uma lógica de agrupamento por temática, lembra esse tipo de formação. Cada coluna da grade é um comando de um determinado programa; o leitor pode ler de cima para baixo para compreender qualquer dado das colunas ali dispersas ou pode deslizar pelas filas para comparar a sintaxe de variados comandos (NEITZEL, 2002, p. 119).

O modelo hierárquico, ou a estrutura arborescente, é uma organização de informações de forma hierárquica, que se opõe à estrutura em forma de teia, ou o modelo de rede. Essa estrutura, segundo Neitzel (2002) é a que melhor atende ao que foi idealizado por Bush (1945) e Nelson, pois sua arquitetura é a única que realmente permite o cruzamento total e irrestrito de informações, ressalvando que “na verdade, a criação de um produto hipertextual que corresponda pontualmente, ou seja, *ipsis litteris* tanto ao desejo de Bush quanto ao de Nelson, ainda está para ser produzido” (NEITZEL, 2002, p. 120).

Essas e outras classificações são, contudo, relegadas nos trabalhos que se dedicam a definir o hipertexto, a exemplo de Xavier (2002) que, limitando-se à análise de algumas *homepages*, apenas conclui que há os mais próximos, técnica e enunciativamente de textos eletrônicos, e outros mais tecnicamente sofisticados. Em nenhum momento, a escolha de características do hipertexto leva em conta diferenças estruturais como as apontadas anteriormente, antes, contrapõem-se ao texto.

Essas diferenças entre hipertextos são importantes porque se relacionam diretamente ao aspecto interativo e, portanto, à consideração de quem enuncia. Além disso, fornecem indícios para não tratarmos de maneira genérica hipertextos que possuem natureza distinta em função de sua estrutura e propósitos, situando-se em espaços sociodiscursivos diferentes que, por estarem no mesmo espaço, se confundem.

Nesse sentido, uma proposta de classificação hipertextual que se mostra bastante produtiva é proposta por Primo; Recuero (2006). De acordo com os autores, a *Web* já não é mais a mesma e, portanto, nem o hipertexto. Em sua avaliação, vivemos hoje a terceira geração da hipertextualidade, que se caracteriza pela colaboração e participação dos internautas na escrita coletiva de hipertextos.

Na proposta dos autores, a primeira fase da *Web*, em seus primeiros dez anos, foi caracterizada pela publicação de *homepages* isoladas, marcada principalmente pela linguagem HTML e pelo sistema de envio de informações produzidas off-line via FTP a um servidor. Esses hipertextos, informam Primo; Recuero (2006), eram bastante vinculados ao meio impresso, com rodapés, remissões e índices que faziam a interligação de diferentes textos.

Com o avanço das tecnologias informáticas, hipertextos de segunda geração emergem da *Web*, nos quais o *link* confere velocidade à conexão entre diferentes documentos digitais. Contudo, observam os autores, o programador do hipertexto ainda mantinha consigo o poder da escrita, na medida em que deixava poucas oportunidades para o internauta deixar suas marcas, pois este apenas poderia decidir quais *links* poderia seguir, e não criar os seus próprios.

Hoje, apontam Primo; Recuero (2006), os hipertextos atingem a terceira geração, não só por se apresentarem em uma estrutura integrada de funcionalidade e conteúdo, mas por permitirem a abertura dos documentos à intervenção dos participantes do sistema, ou seja, à participação dos internautas em formas multidirecionais de leitura, a exemplo do que ocorre com os *blogs*, os

peer-to-peer (P2P)²⁷, o *webjornalismo* participativo e serviços como *Flickr*²⁸, para a publicação e discussão de imagens, ou *del.icio.us*²⁹, sistema de compartilhamento de listas de favoritos e geração colaborativa de metadados. Um dos exemplares de hipertexto mais representativos dessa geração é a *Wikipedia*, já aqui referida.

Essa perspectiva mostra-se consoante com o que pôde ser visto na seção anterior, sobre as bases tecnológicas do hipertexto e pode ser traduzida na observação de Aquino (2006) acerca de um resgate histórico do hipertexto, ressaltando que hoje retornamos aos preceitos iniciais. Segundo a autora, houve desvios sofridos pela escrita hipertextual em relação aos seus modos iniciais de funcionamento, já que “ideais de coletividade, presentes desde as primeiras práticas hipertextuais, foram mutilados com o surgimento das páginas *Web* e o hipertexto que desde o início era bilateral, passou a ser unilateral”.

A tipologia hipertextual apresentada aqui, ainda que sucintamente, autoriza-nos a concluir que não é despropositado afirmar que a definição de hipertexto não o contempla em sua diversidade, pois, embora não seja importante em sua definição uma descrição fenomenológica (como diria MARCUSCHI, 2005a), que realça como o objeto funciona, esse mesmo funcionamento pode remeter a aspectos importantes na consideração do sentido e no grau de interação permitido ao usuário de hipertexto.

Como afirma Braga (2003, p. 74),

é possível notar por meio das diferentes categorias tipológicas que o termo “hipertexto” ainda é utilizado na literatura de forma bastante abrangente, referindo-se a realidades bastante distintas. Essas diferenças precisam ser contempladas em teorizações que tenham por objetivo delimitar com mais precisão as características básicas que distinguem o hipertexto do texto impresso e também descrever os modos como o hipertexto pode alterar as formas tradicionais de comunicação.

²⁷ De acordo com Primo (2007), trata-se de redes voltadas para a troca de arquivos digitais, em que cada cliente tanto pode fazer *download* de arquivos, quanto oferecer seus próprios arquivos para que outros baixem.

²⁸ <<http://www.flickr.com/>>

²⁹ <<http://del.icio.us>>

Diríamos ainda que é preciso observar que há hipertextos (no plural) e suas diferenças escasseiam nas definições. Há aqueles disponibilizados só para a leitura, há os abertos à inserção de *links*, há os que permitem escrever, há os que permitem mudanças de configuração de *layout*... Só isso nos dá uma amostra mínima de nuances diferenciadas.

Considerando que o estudo sobre o hipertexto só recentemente tornou-se objeto de estudo das Ciências Humanas, metáforas surgem na tentativa de explicar o conceito novo que se instaura. Na seção a seguir, podemos vislumbrar como essas metáforas se relacionam a questões centrais ligadas ao hipertexto: informação e interação entre sujeitos.

1.4 Diálogo metafórico sobre o hipertexto

A compreensão do hipertexto é frequentemente auxiliada por metáforas. Nesta seção, veremos como Pierre Lévy (2006), filósofo das novas tecnologias e Roland Barthes (1970), crítico da Literatura, contribuem para a discussão da natureza do hipertexto por meio de suas tão conhecidas metáforas. Por fim, teceremos um diálogo com Marcuschi (2005a) que nos falará do lugar da hipertextualidade no quadro de uma Filosofia da Linguagem.

Lévy (2006) em sua obra *As tecnologias da inteligência* se opõe a uma abordagem clássica dos fenômenos de comunicação, nos quais a transmissão de informações é a principal função, entendendo comunicação como sinônima de ação, e só distinguindo desta por visar, mais diretamente, ao plano das representações. Nesse sentido, o autor esclarece que “o jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros”. O contexto define o filósofo, “longe de ser um dado estável, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado” (LÉVY, 2006, p. 22). “Ele designa, portanto, a configuração de ativação de uma grande rede semântica em um dado momento” (LÉVY, 2006, p. 24).

Desse modo, o autor entende que o sentido emerge e se constrói no contexto e que, portanto, é sempre local, datado e transitório. Com isso, Lévy (2006) toma o leitor e o texto em uma acepção bem ampla para afirmar que

o objetivo de todo texto é o de provocar em seu leitor um certo grau de excitação da grande rede heterogênea de sua memória, ou então orientar sua atenção para uma certa zona de seu mundo interior, ou ainda disparar a projeção de um espetáculo multimídia na tela de sua imaginação. (LÉVY, 2006, p. 24).

Assim, Lévy (2006) ilustra em seu capítulo *A metáfora do hipertexto* que não somente cada palavra transforma, mas também contribui para construir ou remodelar a topologia da rede ou a composição de seus nós, pois cada vez que um caminho é ativado, conexões são reforçadas e outras caem em desuso. Mas essa imensa rede associativa de Lévy não é o hipertexto nos limites de um suporte informático, ela constitui, na proposta do autor, o nosso universo mental que se encontra em metamorfose permanente.

Usando de uma metáfora celeste, Lévy (2006) explica que o sentido de uma palavra não é outro senão a guirlanda cintilante de conceitos e imagens que brilham por um instante ao seu redor transformando o mapa do céu continuamente. O autor destaca que os atores da comunicação ou os elementos de uma mensagem, cada um em sua escala, constroem e remodelam universos de sentido. São esses mundos de significação que Lévy denomina de hipertextos.

A fim de preservar as possibilidades de múltiplas interpretações do modelo do hipertexto, Lévy (2006) propõe caracterizá-lo através de seis princípios abstratos:

1. Princípio de metamorfose: a rede hipertextual está em constante construção e renegociação;
2. Princípio de heterogeneidade: os nós e conexões são heterogêneos por incluírem mensagens multimídias, multimodais, analógicas, digitais etc;
3. Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas: o hipertexto se organiza de modo “fractal”, de modo que qualquer nó pode revelar-se como sendo toda uma rede e assim por diante;

4. Princípio de exterioridade: a rede não possui unidade orgânica, dependendo de um exterior indeterminado;

5. Princípio de topologia: no hipertexto tudo funciona por proximidade, por vizinhança;

6. Princípio de mobilidade dos centros: a rede possui permanentemente diversos centros.

É importante frisar que, na perspectiva de Lévy (2006), a estrutura do hipertexto não advém somente da comunicação, pois os processos sócio-técnicos e vários outros fenômenos, nos quais significações estão em jogo, também têm uma forma hipertextual. O hipertexto é, em sua teoria, uma metáfora válida para todas as esferas da realidade que lidam com significações e, nesse sentido, o hipertexto não se limita ao suporte informático.

Esse modo de conceber o hipertexto é semelhante ao que, numa perspectiva pós-estruturalista, encontra em autores, a exemplo de Barthes (1970), a concepção de texto e hipertexto como termos semelhantes, na medida em que tudo se relaciona a redes conceituais de interpretação e que as fronteiras de um livro nunca estão claramente definidas. Assim, além das metáforas do hipertexto, é comum recorrer-se a uma analogia com o texto que, não tendo sido suficientemente definido (ao menos não é ponto pacífico nos estudos linguísticos hoje), confunde mais que esclarece.

Uma dessas metáforas do texto que tem sido atribuída ao hipertexto e servido de argumento para a não distinção entre eles (já que sendo possível a analogia, supõe-se que não haja diferenças) é a metáfora da galáxia, de Roland Barthes (1970, p. 13), na obra *S/Z*, considerada, por alguns autores na seção anterior, como também hipertextual.

Em *S/Z*, Barthes procede a um exercício analítico interpretativo da novela *Sarrasine*, de Balzac, ao mesmo tempo em que propõe um modelo de análise textual que rompe com o linguístico até então vigente, ao recusar que o sentido esteja em uma estrutura subjacente ao texto. O autor esclarece então os passos a

serem seguidos nessa análise, e em sua leitura a operação de pesquisa do sentido também se escreve. Talvez por isso, essa obra seja considerada hipertextual, na medida em que se faz da leitura/escritura.

Mas é cedo para tecermos avaliações. Não dispomos ainda de todos os elementos e cremos que o que nos interessa está na citação abaixo, em que Barthes, esclarecendo o que é a interpretação, pede que suponhamos a imagem de um plural triunfante, ou seja, “um texto que tudo significa sem cessar, sem submeter a um grande conjunto final” (BARTHES, 1970, p.17).

Nesse texto ideal, as redes são múltiplas e jogam entre si sem que nenhuma delas possa encobrir as outras; esse texto é uma *galáxia* de significantes e não uma estrutura de significados; não há um começo: ele é reversível; acedemos ao texto por várias entradas sem que nenhuma delas seja considerada a principal; os códigos que ele mobiliza perfilam-se a *perder de vista*, são indecíveis (o sentido nunca é aí submetido a um princípio de decisão, a não ser por uma janela de sorte); os sistemas de sentido podem apoderar-se desse texto inteiramente plural, mas o seu número nunca é fechado, tendo por medida o infinito da linguagem. (ROLAND BARTHES, 1970, p. 13). [*grifo nosso*]

Antes que possamos nos deter em aspectos dessa citação, é necessário esclarecer que, para Barthes (1970), o texto é composto de lexias, nexos que se conectam entre si e, desse modo, por extensão, passou-se a entender que o hipertexto apenas expande a noção de texto “hipertextual”, ao incluir informação visual, sonora, animação e outras.

Nesse sentido, o trecho citado ressalta que o texto não é uma estrutura fixa, rígida, ele se faz com o leitor, que diante do texto, é o próprio texto. Note que o autor rompe com quaisquer limites, pois em sua proposta, se temos a impressão de que os textos são organizados logicamente, é porque eles o são incompletamente plurais. Mas apesar de todo esforço interpretativo de leitura e escrita, o material sobre o qual acabo de ler essas ideias se apresentam num papel cuja estrutura não permite outra, senão a linear. A tarefa de interpretar, se nos leva a caminhos tão diversos, só o faz nos limites de uma mente humana que, quando muito, gozará do prestígio de ver sua obra décadas após sua morte produzir sentido, por contar com métodos de distribuição.

Não se trata, portanto, de conceber um objeto apenas em termos de simulação mental. O hipertexto, mais que isso, realiza o que existiria apenas potencialmente. Por meio dele, esse texto plural ganha contornos específicos nos limites do espaço virtual, posto que nele enunciados confluem e se permitem serem acessados em um lócus, que redimensiona nossas configurações de tempo/espaço, considerando que o virtual, segundo Lévy (2001) não se opõe ao real, mas ao atual, posto que existe em potência, não em ato.

A pluralidade de Barthes (1970) se faz sentir, em alguma medida, em um ensaio filosófico intitulado *Heráclito e o hipertexto: o logos do hipertexto e a harmonia do oculto*, no qual Marcuschi (2005a) busca inspiração na filosofia grega pré-socrática para identificar a essência da hipertextualidade, como imagem da condição humana.

Valendo-se do pensamento de Heráclito, para quem o todo se dá numa unidade diversificada e, ao mesmo tempo, diversa e submersa, o renomado linguista entende que essa é a imagem perfeita do que ocorre no hipertexto ou na nossa relação a tecnologia do dizer. Em suas palavras, essa imagem do todo

foge-nos completamente a totalidade, mas ela está lá e é pensável. Oculta e harmônica na medida em que seguimos o nosso caminho. É um todo que dá apenas como perspectiva e que se sobrepõe ao racional e vai além dele. O todo está além da razão presente e se firma como unidade. (MARCUSCHI, 2005a, s/p).

Analisando fragmentos de Heráclito e com ele concordando, Marcuschi (2005a) reforça essa ideia de totalidade, afirmando que todas as coisas são uma e que o *lógos* é tanto unidade como multiplicidade, sendo este o seu caráter essencial, o de representar a tensão entre o uno e o múltiplo, pois o uno é múltiplo e o múltiplo é uno.

No referido ensaio, Marcuschi (2005a) explica que a unidade das coisas se dá sob a superfície e não se acha visível, ratificando o fragmento de Heráclito sobre o qual “a harmonia do oculto é mais forte do que a harmonia do manifesto”. A verdade, portanto, conclui Marcuschi, está no que se vela e não no que aparece.

Tendo explicitado a visão de mundo de Heráclito, o linguista passa a relacioná-la ao hipertexto, embora, em suas palavras, “tudo isso pareça metafórico, alusivo, poético e pouco concreto”, esclarecendo que essa é uma visão muito clara de como o hipertexto e talvez o texto opera em sua profundidade, já que “a rigor, o que aparece são apenas indícios, e o todo, a unidade, a harmonia é a união de elementos submersos que vamos descobrindo e ouvindo” (MARCUSCHI, 2005a, s/p).

Nesse sentido, o hipertexto é visto pelo pesquisador como “uma forma de construir e dizer o mundo, produzindo representações que ultrapassam a razão linear para além da explicação causal, comportada e ordenada”, pois o hipertexto é “um tipo de equilíbrio projetado à margem de um centro” (MARCUSCHI, 2005a, s/p).

A diferença entre o *lógos* de Heráclito e o hipertexto, aponta Marcuschi (2005a), é que, enquanto em Heráclito a determinação é dada pela natureza (que ama ocultar-se e não se confunde com o mundo aparente), o hipertexto tem sua determinação dentro dos quadros humanos. Contudo, ambos os elementos se assemelham, do ponto de vista da constituição, já que possuem uma essencialidade subjacente. Com isso, o autor chama a atenção para o que considera central, o fato de o hipertexto, ou qualquer texto, ter sua unidade e seu sentido muito além da superfície.

Essa reflexão filosófica nos remete imediatamente à hipertextualidade e ao hipertexto, na visão que queremos neste trabalho desenvolver, pois Marcuschi (2005a) refere-se ao uno e ao diverso, ao todo e à parte, porém, referindo-se tanto ao termo *hipertexto* quanto ao termo *hipertextualidade*. Além disso, a hipertextualidade ou o hipertexto alcança na obra de Marcuschi limites para além de qualquer suporte, como se pode constatar em

De mais a mais, todos os textos seriam em algum sentido hipertextuais e a hipertextualidade não seria restrita a uma tecnologia em especial ou a uma forma de navegação em particular, mas a nossa condição enunciativa (MARCUSCHI, 2005a, s/p).

Essa compreensão de hipertextualidade como condição enunciativa ou imagem da condição humana é proposta por Marcuschi (2005a), considerando o hipertexto como “um fenômeno que nos permite retornar a um pensamento pré-metafísico, onde o uno é a diversidade reunida e que não se refaz para todos do mesmo modo”, descartando assim, qualquer noção mais técnica, visto que, “a técnica não tem mistérios”.

Desse modo, o pesquisador julga importante que se deixe de lado o aspecto tipicamente descritivo que predomina numa visão tecnológica, julgada por ele como metafísica e redutora. Essa visão fenomenológica, segundo o autor, está presente, por exemplo, na perspectiva de Snyder (1997) ao defender o hipertexto como um *medium* de informação que existe apenas *on-line* em um computador. Para o autor, não interessam relações factuais, mas relações de sentido.

Isso quer dizer que, para Marcuschi, “não se trata de dizer o que o hipertexto é, e sim de escutar o hipertexto em sua principal função de nos conduzir à pluralidade e unidade simultaneamente”. Trata-se de refletir sobre o hipertexto enquanto objeto de reflexão filosófica e não de possibilidades tecnologias de produção textual.

Assim, Marcuschi (2005a) entende que o hipertexto não pode ser pensado como algo concretamente dado, mas sim como algo em permanente construção e sempre em mudança. “Trata-se de uma sequência que mesmo quando fechada num determinado conjunto é ainda aberta” (MARCUSCHI, 2005a, s/p). Como exemplo disso, o autor cita o *blog* e explica que é no processo enunciativo que ele se estabelece, no confronto entre o público e o privado, comprovando a máxima de Heráclito, segundo a qual a unidade é a união dos contrários e não sua eliminação.

O autor conclui que a ideia central de Heráclito, que via o uno como diverso em si mesmo, é uma das visões mais radicais da hipertextualidade. Aqui, cumpre-nos indagar se o uno e a totalidade referem-se à hipertextualidade ou ao hipertexto, como se anunciou antes. O uso indiscriminado desses termos nos chama a atenção e, no que diz respeito à sua operacionalização, pensamos que a

totalidade está para hipertextualidade que é composta pelo diverso, ou seja, o hipertexto.

Reformulando a reflexão proposta em Marcuschi (2005a), dizemos aqui que é a hipertextualidade, e não o hipertexto, um feixe de ocultos reunidos por nossa escuta com base em uma condução fragmentária projetada por uma superfície. Assim, enquanto os fragmentos de Heráclito, que ancoram essas reflexões, postulam que a harmonia do oculto é mais forte do que a harmonia do manifesto, postulamos, de outro lado, que a hipertextualidade é o oculto, do qual não se tem acesso em sua completude, senão de maneira fragmentária, por meio de sua parte manifesta, que é o hipertexto.

Hipertexto, por sua vez, é o manifesto que congrega um conjunto de relações de sentido sempre em produção e sempre em movimento porque, como o rio de Heráclito, segundo a explicação de Marcuschi (2005a), ele flui, mas de certo modo, ele ainda é o mesmo. Ampliando, diríamos que hipertextos possuem ao mesmo tempo, aspecto que lhes são particulares, e aspectos comuns que configuram a hipertextualidade.

Em nossa perspectiva, hipertextualidade e hipertexto estão intimamente imbricados, na medida em que o primeiro termo é a unidade que se constitui da diversidade harmônica e o segundo termo é essa diversidade. Aqui reside, segundo Marcuschi (2005a), a metáfora mais interessante para cobrir a grande identidade do hipertexto, ou seja, a realidade que é o movimento de contrários.

Por fim, resta enfatizar que a concepção de Marcuschi (2005a) para o hipertexto se assemelha às concepções de Lévy (2006) e de Barthes (1970), aqui apresentadas. Os autores enfatizam uma estrutura de tessitura sem limites, que vai além do visível e que se confunde com o sentido, numa constituição plural e, tendo em conta esses parâmetros, defendem a não-distinção entre texto e hipertexto. Apesar disso, a discussão filosófica de Marcuschi fornece-nos os primeiros argumentos para uma fundamentação que ancora a distinção entre hipertextualidade e hipertexto.

1.5 “Linkando” os pontos de vista

Neste capítulo, percorremos um caminho que, nas trilhas de um percurso histórico, começou a apontar problemas de definição que nos foram conduzindo aos caminhos de nossas escolhas teóricas.

Assim, discordamos que as obras hipertextuais impressas apresentadas por Dias (2000), Neitzel (2002), Aquino (2006) e Silva (2006) sejam precursoras do hipertexto, ao mesmo tempo em que admitimos que na comparação do texto com o hipertexto, há que se atentar para o tipo de texto e de hipertexto em questão, o que corrobora a nossa hipótese de que o hipertexto tem sido definido de maneira genérica. Assim, buscamos origens do hipertexto na Informática.

Com Bush (1945) e Nelson (*on-line*), pudemos acompanhar a evolução de um conceito em decorrência da evolução de equipamentos tecnológicos e pudemos constatar o fascínio exercido por seus projetos que, embora não implementados, fornecem definições importantes. Com Bush, percebemos o surgimento de um conceito que se definia tanto por seu dispositivo técnico, quanto pela organização de seu conteúdo. Já em Nelson, cunhador do termo hipertexto, vimos que o elastecimento de sua definição refere-se a uma tecnologia material, no sentido de interconexão de dados, e uma tecnologia intelectual, no sentido de associações mentais já sugeridas por Bush.

Ambos os autores tocam, ainda que indiretamente, no aspecto interativo do hipertexto, algo previsto desde o início, mas só recentemente implementado, em sites como a Wikipédia, que, como demonstram Primo; Recuero (2006), fazem parte da terceira geração da *Web*, o que nos fornece evidências para se considerar o problema da definição frente à diversidade de hipertextos.

Tendo em vista que a *Web* hoje não se vincula tanto ao impresso, como em sua primeira fase, nem se destaca mais pela conexão veloz de documentos digitais por meio de *links*, mas pela abertura de hipertextos à participação, à colaboração e

a relacionamentos diversos, há que se considerar numa definição de hipertexto que estes são muitos e que mudaram.

Como tais evoluções costumam ser percebidas mais rapidamente por estudiosos no campo da Informática, linguistas recorrem frequentemente a autores como Lévy, que embora filósofo, fornece-nos uma considerável “teoria” sobre o tema. Essa teoria, porém, só corrobora os argumentos de quem insiste em desconsiderar a distinção texto e hipertexto e encontra ecos em obras como as de Barthes que, desde 1970, propunha um processo de leitura/escritura além dos limites impostos pela análise linguística de sua época, mas que não nos chegou além de uma estrutura bidimensional, ou nos limites da interpretação.

Uma seção de diálogos metafóricos foi se desenrolando à medida que nos convencíamos ainda mais de investir nesse estudo revisional, pois, quando algo se permite definir por meio de muitas metáforas, pode-se inferir que estamos em tentativa de entendê-lo.

Por fim, apesar da pretensão clara de não apresentar limites em uma proposta hipertextual a partir de fragmentos de Heráclito, Marcuschi (2005a) forneceu-nos bons argumentos para sustentar nossa definição de hipertextualidade, ao falar da relação todo e parte, uno e diferença, sobre a qual já anunciamos tratar-se da inter-relação entre hipertextualidade e hipertexto.

Parece-nos bastante claro que o hipertexto resulta da evolução dos meios de registro e de disseminação do conhecimento, mas que isso não implica a negação de seu estatuto de novidade. Sobre isso, McGarry (1999, p. 74) diz algo elucidativo. Segundo o autor, “as novas fases de comunicação não vão deixando as antigas para trás, como um trem que deixa a estação”. Parafraseando-o, diríamos que o fato de o hipertexto ser resultado de sucessivos ou isolados desenvolvimentos tecnológicos, não invalida a consideração de que possua diferenças, diferenças essas sugeridas nos mesmos autores que o recusam como novidade.

Muitos dos trabalhos que apontam obras hipertextuais impressas como precursoras do hipertexto, apontam, ao mesmo tempo, para mudanças, a exemplo de Dias (2000), que define o hipertexto como uma nova linguagem que propicia uma nova maneira de escrever e ler, uma escritura-leitura. Se mudanças estão em curso, e diferenças existem, pensamos ser mais produtivo investigá-las e entendê-las. Podemos gradualmente considerar o que se nos apresenta, considerando um contínuo no qual gêneros hipertextuais estariam num extremo e gêneros textualizados eletronicamente estariam num outro. O que não nos parece razoável é a consideração situando-se apenas num extremo ou outro do *continuum*.

O extremo do *continuum* considera a hipertextualidade uma operação que se realiza somente com a leitura, como atesta Neitzel (2002), para quem ler e escrever são técnicas que podem ser realizadas tanto na pele de animais como no computador. Para essa autora, é a situação frutiva do leitor que viabilizará a hipertextualidade, seja no virar de páginas ou no clicar do mouse.

De nossa parte, entendemos que haja semelhanças e diferenças entre textos e hipertextos, considerando entre estes últimos os que se valem dos recursos hipermediáticos e os que se assemelham a textos. Estes oferecem, potencialmente, ao leitor a possibilidade de efetuar ou não uma operação mental por meio de conexões múltiplas. Em hipertextos, por mais simples que sejam, como a hiperficção *Tristessa*, analisada por Neitzel (2002), a hipermedialidade se efetiva no clicar de *links*, na possibilidade de mudar o *layout* das páginas, na *linkagem* de um texto a outro tipo de documento, permitindo a interatividade, uma das características que mais distinguem texto de hipertexto, ainda que se diga que o texto também é interativo.

Preferimos, portanto, nos situar no curso das mudanças, entendendo que a dificuldade de admitir o hipertexto como produto novo encontra eco nas palavras de Lévy (2006), ao afirmar que somos herdeiros da cultura do impresso, e que por isso nossas representações mentais não se ajustam tão facilmente ao hipertexto. Mas essa discussão continua por caminhos não-lineares, porque ela está só começando...

Trilhas do hipertexto: por caminhos não-lineares

Na dialética entre o “velho” e o “novo”, há necessariamente um movimento inter-relacional. O “velho” traduz em si elementos do novo, assim como o “novo” traz elementos do “velho”; esta, aliás, é uma condição sine qua non da existência do novo.

(DINIZ, 2005, p. 218)

*N*este capítulo, procedemos a uma revisão crítica da argumentação em favor da existência do hipertexto independentemente do suporte informático, tendo como fio condutor a não-linearidade. Para tanto, organizamos duas seções em que reunimos quatro autores (MARCUSCHI, 1999, 2000, 2005b; KOCH, 2003, 2008; COSCARELLI, 2006a, 2006b; RIBEIRO, 2003, 2008a), conforme a proximidade de suas filiações teóricas e, conseqüentemente, de suas definições.

Em uma terceira seção, retomamos pontos em comum e, com o auxílio de Xavier (2002), pretendemos demonstrar a ineficiência de considerar o hipertexto tendo como único critério a não-linearidade. Esse critério implica a consideração de pelo menos duas perspectivas: a da produção e a da recepção. A perspectiva da produção relaciona-se à escrita e a perspectiva da recepção relaciona-se à leitura. Essas dimensões da escrita e da leitura ligam-se, respectivamente, ao material do objeto de ler e ao sujeito leitor.

Quando se tem em mente um texto convencional, no qual predomina a ordem linear das linhas sem acréscimo de nenhuma imagem, fica claro que o texto é linear. Contrastando esse texto com um hipertexto qualquer, não é difícil

constatarmos que, possuindo enunciados em direções diversas, com o acréscimo de imagens que se sobrepõem, o hipertexto seja não-linear. Entretanto, não há só o texto convencional descrito acima (as obras hipertextuais citadas no capítulo anterior já nos convenceram disso), do mesmo modo que há hipertextos que não são tão deslineares assim. Além disso, a Linguística de texto defende que o texto é plurilinear em sua construção, se considerarmos, por exemplo, o fenômeno das anáforas ou o da referenciação. É neste embate que se inicia a discussão sobre a não-linearidade.

Analisaremos o que os autores nos dizem sobre as perspectivas da produção e da leitura do hipertexto e, nesse percurso, a inegável comparação com o texto a que os autores aludem.

2.1 A não-linearidade em Marcuschi e Koch

No capítulo anterior, vimos que a concepção de hipertexto em Marcuschi (2005a) é bastante ampla e que não se restringe aos limites do suporte informático. Contudo, uma consulta mais acurada sobre sua postura acerca desse objeto teórico é, por vezes, difícil de ser classificada e, investigando vários trabalhos do autor, percebe-se como ele próprio revisa e questiona o conceito e as implicações teóricas acerca desse assunto. Nessa seção, daremos enfoque ao que ele entende como não-linearidade.

Em uma de suas primeiras reflexões sobre o hipertexto, Marcuschi (1999, p. 24) trata da não-linearidade e a define como o “que aponta para a flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que permitem elaboração de vias navegáveis”. Essa definição, para nós, bastante insuficiente, é fundamentada em Nelson (*on-line*), visto no capítulo anterior e que foi, sobretudo, apresentada em seu livro *Literary Machines*. Logo, sobre não-linearidade, Marcuschi nos diz apenas, além dessa definição técnico-descritiva, que tal categoria é central na definição de hipertexto.

Mas a definição de não-linearidade no trabalho de Marcuschi não se resume a isso, é claro, e, por esse motivo terei de levar ao leitor à discussão do que seja seu conceito, por caminhos, muitas vezes não-lineares. Seguiremos as trilhas na busca de pistas, em meio ao pensamento fértil e profundo desse importante linguista, acerca das definições de hipertexto que ele propõe.

Marcuschi entende que o hipertexto não é novo em sua concepção, já que sempre existiu como ideia na tradição ocidental; “a novidade está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade” (MARCUSCHI, 1999, p. 23) na medida em que subverte movimentos e redefine as funções dos constituintes textuais clássicos ao integrar notas, citações, bibliografias, referências, imagens, fotos e outros elementos de maneira eficaz e sem a sensação do que sejam originalmente. O hipertexto, afirma o autor, mesmo que comparado a uma enciclopédia impressa, difere dela por não ter uma estrutura previamente definida, assim como “uma nota de pé-de-página no hipertexto não é uma nota, mas uma continuidade, permitindo notas de notas” (*Op. cit.*, p. 29) que se integram ao texto base, fazendo com que digressões e notas assumam, no hipertexto, um outro estatuto teórico (MARCUSCHI, 2000, p. 30).

Aspectos como esse configuram uma nova forma de textualidade, que dizem respeito a estratégias de produção textual. Marcuschi (1999; 2000), fundamentando-se em Snyder (1997), explica que, com os processadores de texto, pode-se retornar para retirar, acrescentar ou mesclar qualquer coisa, e ainda assim permanecer com boa parte do que foi produzido. Pode-se também introduzir algo em partes anteriores ou retirar trechos de um local e movê-los para outro, modificando assim nossa relação na escrita, na medida em que não é mais necessário ser tão linear.

Notemos que Snyder (1997) referia-se a textos eletrônicos, como os que fazemos em processadores de textos, a exemplo do *Word*. Por esse motivo, Bolter (1991), para quem o hipertexto introduz um novo espaço de escrita, afirma que os processadores de texto são ainda um caminho entre a máquina de escrever e o

hipertexto, e oferecem um espaço para a escrita não de todo revolucionário, já que pode ser transposto para o papel à moda antiga.

Nesse embate, Marcuschi afirma que novas tecnologias fazem com que nossas práticas sociais mudem e se alterem e, nesse sentido, os processadores são mais do que apenas uma nova forma de fazer coisas antigas, portanto, as “novas tecnologias mudam nossa relação com a escritura, mas não nossa noção de textualidade” (MARCUSCHI, 1999, p. 24), considerando que os princípios básicos da textualidade ficam preservados tanto na produção, como na navegação hipertextual.

Esses princípios de acesso (*acessibilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade, coesão e coerência*)³⁰, no sentido conferido por Beaugrande (1997)³¹ fazem parte das condições essenciais da comunicabilidade. São denominados “princípios”, porque dizem respeito à construção do sentido e não à formação textual. Assim, quando Marcuschi (1999) afirma acima que a noção de textualidade não se altera, refere-se ao texto enquanto uma unidade de sentido, e não unidade linguística. Distinguindo as perspectivas do sentido e da unidade linguística, entendemos que a primeira está para a leitura e a segunda para a escritura.

Sobre esses princípios, a mesma compreensão é corroborada por Koch (2003) a qual acrescenta que o hipertexto possui um alto grau de *informatividade*, que permite ao leitor, de maneira não-trivial, uma busca quase infinita de informações não-previsíveis e não-redundantes e que a *situacionalidade*, entendida como disposição topográfica do intertexto no espaço virtual, com suas inúmeras ramificações, é fator determinante da forma como o sentido é produzido, da construção do sentido e da coerência hipertextual. Para nós, isso ilustra considerações importantes sobre a distinção entre texto e hipertexto, entretanto,

³⁰ Esses princípios são denominados critérios por Marcuschi (2008), tendo em vista que na ausência de qualquer um deles, não impede que se tenha um texto.

³¹ BEAUGRANDE, R. de. **New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society**. Norwood: Ablex, 1997.

ainda que acrescidas às contribuições de Gomes (2007), este assunto não será por nós aprofundado, por considerarmos que se contrapõem a um estudo do hipertexto, considerado em sua diversidade.

De acordo com Marcuschi (1999), a textualidade, enquanto processo de textualização da construção dos sentidos, que se vale de conhecimentos linguísticos e de conhecimentos de mundo, não se altera com o hipertexto. Já a textualidade, enquanto produção textual, por sua vez, apresenta especificidades no hipertexto. Embora conservando os princípios de acesso também, o hipertexto permite, por exemplo, vários níveis de tratamento de um tema, dada a possibilidade de múltiplos graus de profundidade, simultaneamente, tendo em vista a ausência de sequência e de topicidade definida.

O autor deixa claro então que, no que se refere à leitura, texto e hipertexto não se diferem, ao passo que no tocante à produção textual, o hipertexto apresenta multiníveis de escrita que se diferenciam das possibilidades do impresso, dada a natureza essencialmente topográfica com ligações instantâneas multilinearizadas do suporte virtual do hipertexto. Esse “novo espaço de escrita”, expressão sugerida por Bolter (1991), é uma nova área que vai além da folha e do livro, é uma realidade apenas virtual, embora o autor tenha se referido mais a uma escritura eletrônica que, propriamente, a uma escritura hipertextual. Em todo caso, Bolter refere-se a uma escritura tanto verbal quanto visual, em espaços sem fronteiras nem margens definidas.

A discussão sobre a não-linearidade do hipertexto se encerraria aqui se o mesmo Marcuschi (1999) não nos lembrasse que, segundo Beaugrande, o texto também é plurilinear em sua construção. O caso das interpretações anafóricas, da identificação referencial dos dêiticos ou da desambiguação não-imediata, mas ainda cotextual, são exemplos disso apontados pelo autor. Diante disso, Marcuschi (1999, p. 27) julga possível dizer que “a não-linearidade do hipertexto tem sua contra-parte no texto impresso. São aspectos diversos, mas de funções similares”.

Resolvendo em parte esse dilema, o mesmo autor esclarece que o hipertexto é um tipo de escritura que, em sua apresentação virtual, em sua macro-organização estrutural, é deslinear. Mas, não sendo um gênero textual (por não possuir uma superestrutura definida) ou um simples suporte de gêneros diversos, o hipertexto é também, uma forma de organização cognitiva e referencial cujos princípios constituem um conjunto de possibilidades estruturais que caracterizam ações de decisões cognitivas baseadas em (séries de) referências não-contínuas e não-progressivas.

Nesse sentido, Marcuschi (2000) centra-se naquilo que julga ser mais pertinente em um estudo sobre o hipertexto, questões de processamento textual. Assim, o linguista redefine o “novo espaço de escrita”, no sentido conferido por Bolter (1991), e com o qual também concorda, para entendê-lo como “um novo espaço cognitivo”, considerando que esse espaço exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto, sobretudo a continuidade textual, pois o novo espaço de escrita “não é mais linear nem se comporta numa direção definida” (MARCUSCHI, 2000, p. 88).

Sumarizando a questão, podemos entender com Marcuschi (1999; 2000) que, enquanto espaço cognitivo, o hipertexto, embora sendo novo porque redefine estratégias de lidar com o texto, compartilha da não-linearidade com o texto. Enquanto espaço de escrita, o hipertexto é não-linear em sua macro-estrutura, o que poderia contrastar mais visivelmente com o texto, mas essa oposição é apenas parcial, porque o texto também é escrito de maneira plurilinear em sua macro-estrutura, sendo que a diferença em relação ao hipertexto é condicionada pela materialidade do suporte de escrita.

Para tornar menos complexa essa questão, diríamos, provisoriamente, que do ponto de vista da leitura ou da recepção, texto e hipertexto comungam de um espaço cognitivo que é não-linear, e que do ponto de vista da escritura ou da produção, texto e hipertexto diferem porque, embora ambos permitam uma construção pluri ou não-linear, no caso do hipertexto, a novidade é a

transformação disso em princípio de construção textual, ou seja, é uma técnica de produção na macro-organização estrutural do hipertexto.

Além dessas considerações, há de ser levado em conta outro aspecto do fenômeno da não-linearidade. Segundo Marcuschi (1999, p. 33),

a linearidade linguística sempre constituiu um princípio básico da teorização da língua, seja na ordem fonológica, sintagmática, oracional ou textual, não importando o sistema de representação da língua (alfabético, arábico, ideográfico etc.), o hipertexto não rompe esse padrão. Ele rompe a ordem de construção ao propiciar um conjunto de possibilidades de *constituição textual plurilinealizada*, condicionada por interesses e conhecimentos do leitor-co-produtor. [negrito nosso, itálico do autor]

Para entendermos a novidade que essa citação encerra, é preciso atentar para o fato de que a linearidade, segundo Marcuschi (1999, p. 32), é necessária em algum nível da língua, mas não existe no texto, “nem nos níveis apontados para as unidades lexicais, sintagmáticas ou frasais, já que um enunciado textual pode ser lido de diversas formas e em diversas relações de significação”. Contudo, na citação acima, pode-se inferir que a linearidade linguística constitui o texto e, como o próprio autor afirma, no hipertexto, “há, sim, uma linearização mínima, seja em parágrafos, capítulos, pequenas peças que podem ser lidas sequencialmente (MARCUSCHI, 2000, p. 32).

Neste caso, temos duas opções de compreensão. Ou esbarramos no problema da indefinição teórica sobre o que é o texto, na busca de entender em que nível a linearidade é necessária (opção que não preferimos), ou voltamos ao texto de Marcuschi e fazemos inferências necessárias para avançar no caos que se instala aqui. Ora, sabendo que o texto pode ser considerado em uma micro e uma macro-estrutura, concluímos, então, que ele se presta a uma análise em seus níveis constituintes e no todo discursivo que ele compõe.

Diante disso, podemos reconsiderar nosso entendimento, considerando o micro e o macronível da textualidade do texto. No micronível, texto e hipertexto não rompem a linearidade linguística, o que implica dizer que ambos são, portanto, lineares. A diferença se dá na macro-organização estrutural de ambos, pois texto e

hipertexto, sendo ambos não-lineares, conforme Marcuschi (1999, 2000), diferem porque o espaço de escrita permite que essa não-linearidade se dê de maneira diferente. A consideração do espaço de escrita aqui é, então, muito importante.

No texto, ainda que a não-linearidade esteja presente na densidade, ela se apresenta em uma estrutura que é pré-definida e se efetiva potencialmente no momento da leitura. No hipertexto, a não-linearidade se realiza em virtude da natureza de um espaço que é multidimensional, não sendo construída como no texto. São movimentos diferentes.

Quem explica isso é o próprio Marcuschi (2000, p.89) ao afirmar que a diferença central entre o hipertexto assim desenhado e o texto linear tal como o encontramos nos livros, jornais e revistas impressos “é a possibilidade de diferentes escolhas para leituras e interferências *on line*” e que “no caso de um livro impresso, a sequência do texto está predeterminada pela linearização e paginação”. Assim, também do ponto de vista da produção, hipertexto não se opõe radicalmente ao texto, apresentando similitude e diferença, se considerados os níveis de textualidade e a forma de apresentação.

Se colocarmos o produto dessas reflexões até aqui em um gráfico, podemos constatar que, de fato, há mais semelhanças que diferenças entre texto e hipertexto, no que se refere a não-linearidade:



Figura 04: Não-linearidade em Marcuschi

Esclarecendo a posição de Marcuschi (1999, 2000) sistematizada por nós nesse gráfico, dizemos que texto e hipertexto apresentam não-linearidade do

ponto de vista da recepção e que, do ponto de vista da produção, considerando o nível macroestrutural, diferem porque a natureza do suporte de escrita não permite as mesmas construções textuais.

A esse respeito, vale acrescentar a revisão crítica proposta por Espéret (1996) e trazida também por Marcuschi (1999, 2000) sobre a noção de linearização, a qual outrossim investigamos. Segundo a avaliação de Espéret, o assunto merece ser visto sob três ângulos: a organização das unidades linguísticas, a maneira de estocar a informação em um meio e o modo como os leitores acessam essa informação.

Sob o ângulo da organização das unidades linguísticas, Espéret (1996) afirma que texto e hipertexto possuem linearidade, porque ambos obedecem a um sistema natural de linguagem no qual as palavras em sentenças são organizadas numa ordem linear, tal como Marcuschi (1999, 2000) observou sobre os níveis da língua. Por esse motivo, a não-linearidade no nível microestrutural do texto e, conseqüentemente, do hipertexto, não existe pelo fato de ambos os objetos se submeterem a estratégias de linearização nos níveis mais baixos das unidades linguísticas.

No que se refere à forma de estocagem da informação, texto e hipertexto diferem, porque enquanto no primeiro a materialidade do livro não proporciona dificuldades de manuseio da informação, tendo em vista o acesso a ela de maneira direta; no hipertexto, a manipulação direta de armazenamento físico pelo leitor não é possível, daí este oferecer poderosas ferramentas de busca de informação, a exemplo do que temos com o *Google*, site de busca que encontra a informação procurada em fração de segundos. Podemos relacionar esse ponto de vista de Espéret (1996) à produção macroestrutural apresentada no gráfico de Marcuschi anteriormente, no qual a natureza do suporte vai influenciar sobremaneira na organização do texto e do hipertexto.

Sobre esse aspecto, ainda, Espéret (1996) acrescenta que se considerarmos uma diversidade de obras impressas, tais como romances, dicionários,

enciclopédias; é possível que não se tenha tanta diferença assim, visto que essas obras também fornecem índices, sumários e outros recursos que ajudam o leitor na localização da informação. As maiores diferenças entre texto e hipertexto, no que diz respeito à linearidade, estão, em sua avaliação, no modo de ler, que, no hipertexto, exige do leitor uma capacidade maior de seleção diante do que deseja ler e do que tem disponível na tela. Segundo o autor, essa seleção é diferente porque vai se formando, processualmente, pelas escolhas que se faz diante de várias possibilidades e que vão se ajustando nos limites da tela.

Feitas essas considerações, analisamos em que medida as reflexões propostas por Koch (2003, 2008) se assemelham a elas. Essa autora, ainda que não tenha como foco de estudo o hipertexto, também o definiu em dois capítulos de livros bastante conhecidos que acabam por serem grandes divulgadores de uma posição, segundo a qual todo texto é um hipertexto, ao menos do ponto de vista da recepção. Essa posição será trazida aqui, com recortes para a característica em análise, que é a não-linearidade.

Koch (2003) entende que se todo texto constitui uma proposta de múltiplos sentidos e todo texto é plurilinear na sua construção, assim, pelo menos do ponto de vista da recepção, é possível afirmar que todo texto é um hipertexto, já que na construção do sentido, há um constante movimento em variadas direções, bem como o recurso ininterrupto a diversas fontes de informação, textuais ou extratextuais.

Essa posição está em consonância com o que vimos em Marcuschi (1999, 2000), pois, também para Koch (2003, p.61), a compreensão não se dá de maneira linear e sequencial. Desse modo, ela afirma que “a diferença com relação ao hipertexto eletrônico está apenas no suporte e na forma e rapidez do acesso”. Trata-se de uma diferença interessante porque, na medida em que se relaciona ao suporte, também corrobora a diferença de apresentação ocorrida na produção do hipertexto.

A nosso ver, entretanto, apontar o suporte e a rapidez do acesso como diferenças do hipertexto constitui, como parece não pretender a autora, mais que simples diferenças, antes, constitui aspecto significativo, na medida em que o suporte, para ela, a tela digital, permite a exibição de uma grande fragmentariedade de textos, que põe em jogo, por exemplo, a clássica definição de texto a ser reconhecida por aquilo que está entre dois espaços em branco, como bem lembra Marcuschi (2000). Não só por isso, a rapidez no acesso é algo que cognitivamente não pode ser irrelevante para a construção do sentido.

Voltando à não-linearidade, essa está presente em Koch (2003, 2008) já em sua definição de hipertexto, ao afirmar que se trata de uma escritura não-linear e não-sequencial, que se ramifica e permite ao leitor o acesso praticamente ilimitado de outros textos, a partir de escolhas locais e sucessivas e em tempo real. Assim, a autora, alinhando-se ao pensamento de Marcuschi (1999, 2000), defende o hipertexto como um processo de leitura/escritura multilinearizado, multissequencial e não determinado, realizado em um novo espaço de escrita.

Essa forma de estruturação textual faz do leitor, simultaneamente, um co-autor do texto, uma vez que este poderá optar entre caminhos diversificados, seguir por diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema, realizar desvios, fugas, saltos instantâneos para outros locais virtuais da rede, de forma prática, cômoda e econômica através dos *hyperlinks*, dispositivos técnico-informativos que permitem efetivar ágeis deslocamentos de navegação on-line e realizar remissões a outros hipertextos correlacionados, possuindo alta densidade informativa, abrangente e extensiva (KOCH, 2003, p.63).

A autora acrescenta que o hipertexto é um texto constituído por traços peculiares. Fundamentando-se em Ramal (2002), Koch (2008) afirma que esses traços são subversivos em relação ao monologismo, à linearidade, à forma e à postura física do leitor e que, sendo o hipertexto um texto elástico, que se estende reticularmente conforme as escolhas feitas pelo leitor, possibilita escolher a sequência do material a ser lido, como se o hipertexto perguntasse ao leitor “o que deseja ler depois” (KOCH, 2008, p. 166).

Essa consideração do hipertexto como sendo um texto é consoante com os primeiros trabalhos de Marcuschi (1999, 2000); entretanto, em trabalho mais recente, no qual analisa e descreve características de vários gêneros digitais, o mesmo autor defende que “o hipertexto não pode ser tratado como um gênero e sim como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas” MARCUSCHI (2005c, p. 6).

Podemos dizer que Koch (2003, 2008) não fornece elementos a mais que permitam avançar na discussão sobre não-linearidade iniciada com Marcuschi (1999, 2000). As definições de hipertexto defendidas pela linguista se assemelham àquelas apontadas por Marcuschi, embora a autora enfatize o “texto múltiplo” (KOCH, 2003, p. 67), que liga textos diversos, “um labirinto formado de uma infinidade de textos” (KOCH, 2008, p. 172).

A não-linearidade resume-se à consideração de “característica central” (KOCH, 2003, p. 64) e, embora citada numa ou noutra definição hipertextual, não consegue ser mais detalhada que em Marcuschi (1999, 2000), a quem a autora recorre, em seu último trabalho, para aludir à escritura textual plurilinearizada. A não-linearidade, referida também como sinônima de não-sequencialidade, diz respeito à estrutura reticular do hipertexto, que não pressupõe uma leitura com começo e fim previamente definidos. Assim, voltando à leitura, investigaremos como Coscarelli (2006a, 2006b) e Ribeiro (2008a) aprofundam essa característica.

2.2 A não-linearidade em Coscarelli e Ribeiro

Também na defesa que todo texto é um hipertexto, baseando-se, sobretudo, no critério da não-linearidade, temos Coscarelli (2006a, 2006b), pesquisadora importante nos estudos brasileiros sobre leitura em ambiente digital. Essa autora acrescenta elementos importantes ao aprofundamento das questões iniciadas na seção anterior sobre o critério da não-linearidade.

Coscarelli (2006b, p.8), em artigo intitulado “Os dons do hipertexto”, defende que “sair do papel e ir para uma página digital vai modificar a forma de navegação naquele texto, mas nem sempre essa mudança é tão radical assim” porque, em sua concepção, nenhum texto é linear, visto que há marcas que sinalizam a hierarquia das ideias apresentadas, como os títulos e subtítulos, o tamanho e a cor ou formato das fontes, os recursos de topicalização, os mecanismos de continuidade no texto, como a coesão referencial, temporal e espacial e, ainda, os itens lexicais que marcam o grau de relevância de determinadas partes do texto ou sua organização.

Segundo a linguista, “não podemos acreditar na linearidade de um texto apenas porque as palavras se apresentam no papel uma após outra” (COSCARELLI, 2006b, p.8). Com efeito, e corroborando Marcuschi (1999, 2000) e Koch (2003, 2008), todo texto lido, inegavelmente, com uma pluralidade de dimensões, entre as quais podemos citar a lexical, a morfossintática, a semântica, a textual, a pragmática e a discursiva. Contudo, é preciso deixar claro que essa não-linearidade não se manifesta da mesma maneira no hipertexto, como explanamos anteriormente com base em Marcuschi. Apelamos agora para questões de apresentação visual em um espaço multidimensional.

Embora concordemos com a argumentação apresentada por esses autores (estamos convencidos de que não podemos discordar) o fato é que a multidimensionalidade do hipertexto permite que tenhamos não só um movimento de não-linearidade numa rede hipertextual, através dos cliques em *hyperlinks*, como também, que percebamos, caso queiramos ler um texto convencional na tela, as marcas de hierarquia das ideias de que fala Coscarelli (2006b). Nesse sentido, não há razões para negar semelhanças, mas é evidente a diferença, ainda que em níveis ou grau, como vimos na seção anterior. É preciso considerar, pois, a forma de apresentação, seja do texto, seja do hipertexto, e não restringir-se ao que se dá apenas no nível da leitura.

Sobre essa perspectiva, Coscarelli (2006b) afirma que nenhuma leitura é linear, pois, segundo a autora, é normal o leitor fazer uso de estratégias nada

lineares de exploração do objeto de leitura, já que “ler não é realizar uma ou outra habilidade, mas um conjunto delas, que juntas resultam na construção de sentido(s)” (COSCARELLI, 2006b, p. 10).

Nessa direção, estudos psicolinguísticos corroboram tal reflexão, e, como vimos em Marcuschi (1999, 2000), ocorrem releituras de trechos do texto, na busca de antecedentes de elementos anafóricos para a construção da cadeia referencial e na procura de algum detalhe perdido ou mal compreendido não se tem outra coisa senão uma leitura não-linear. Nesse aspecto, não discordamos de Coscarelli (2006b). Tampouco questionamos a abordagem cognitiva de leitura que afirma o papel das expressões linguísticas apropriadas na sinalização dos espaços mentais. Mas se a discussão da não-linearidade tende a desviar o foco do hipertexto, enquanto materialidade linguística para o leitor, caberia perguntar o que sabemos sobre isso.

Marcuschi (2005a, s/p) se posiciona à respeito afirmando que “não somos lineares por natureza, não somos uma sequência de racionalidade nem somos explicitude”. Mas será que saber se somos “todos” não-lineares ajuda na compreensão do objeto de ler? Por outras palavras, a relação entre a forma que lemos e o objeto de ler é direta? Se for, não sabemos como explicar que vejamos o objeto de ler e o leiamos de maneiras tão diferentes, independentemente da apresentação visual do texto. Não cremos que uma discussão por essa trilha nos ajude na compreensão e, especificamente, na definição do hipertexto, pois acreditamos que o objeto de ler se defina primeiramente por propriedades que lhe são intrínsecas e não externas, como o são os modos de ler do (hiper)leitor.

A própria Coscarelli (2006a, p. 16), abordando sobre a postura física do leitor no contexto das novas tecnologias, afirma que “podemos no hipertexto, abrir várias janelas, de uma só vez, mas lemos uma de cada vez”, o que nos faz pensar se somos lineares, como aqui se sugere, ou se somos não-lineares, como defendido anteriormente. A esse respeito, é interessante lembrar o depoimento de Nelson, criador do Xanadu, em entrevista concedida a Whitehead (1996), ao justificar a

inspiração para o hipertexto que foi, justamente, resolver a dificuldade que temos em organizar linearmente as ideias no papel.

A alegação de que o modo de leitura tradicional de um livro (teoricamente de cima pra baixo, uma linha após outra) já foi burlado pela literatura e pela imprensa, e, portanto, é não-linear, não garante que na perspectiva da produção, também o seja, pois, como Nelson (*on-line*) e Marcuschi (2005a) nos sugerem, a racionalidade nos impõe uma forma diferentemente da natural. Assim, o que ocorre em termos cognitivos pode não manter uma relação direta como o material linguístico.

Para nós, dizer que o hipertexto rompe com a linearidade não significa, necessariamente que o texto seja linear, mas que o texto se apresenta como linear, pois, como afirmação de Coscarelli (2006b, p.10) “não podemos acreditar na linearidade de um texto apenas porque *as palavras se apresentam no papel uma após outra*”. Lembremos da apresentação material explanada por Marcuschi (2000), ao se referir à sequência do texto predeterminada pela linearização e paginação. Ou as letras são dispostas no texto, independentemente da linha?

Ao menos em nossa cultura, as palavras são escritas numa linha, e é assim que aprendemos a escrever³². A cultura do papel (de quem somos herdeiros) valeu-se da linha. Isso muda com o hipertexto. Falamos agora de um modo de apresentação que é visível ao mais leigo dos leitores, e não do que se dá apenas cognitivamente. A diferença de apresentação e, portanto, no nível da produção entre o texto e o hipertexto está ao alcance dos olhos e do clique de *mouse* ao acionarmos o que se oculta ao que estamos lendo (não necessariamente na mesma ordem).

Inscrita na perspectiva da história cultural do livro, Ribeiro (2008a) observa que hoje há um complexo sistema de meios de ler e escrever, às vezes ler ou escrever, tantas vezes ambos, nos quais o domínio da tecnologia da escrita, na

³² Sabemos que a posição da linha varia de cultura para cultura. Em alguns países no oriente, por exemplo, a linha é vertical e não horizontal.

atualidade, está relacionado ao domínio de várias técnicas de escrita. A autora ressalta que o livro foi sempre objeto de ler, mas nem sempre de escrever e que a relação assimétrica entre leitores e autores, que perdura no impresso, parece se apagar um tanto em dispositivos mais recentes.

Ao traçar uma breve linha histórica do hipertexto, Ribeiro indaga o que é o hipertexto e na busca por uma resposta se apoia na não-linearidade, para ela, “discussão fundamental sobre o hipertexto” (RIBEIRO, 2008a, p. 43). Na concepção dessa pesquisadora, a não-linearidade da arquitetura do hipertexto é uma das características mais importantes e mais debatidas. Ela “enseja a ação não-linear de leitura” (RIBEIRO, 2008a, p. 44).

Esse modo de produzir textos, segundo a autora, no qual o leitor vê uma face da obra é uma questão que já perdura por algumas décadas, situando as primeiras discussões sobre o assunto em 1971, em um livro organizado por Carpenter e McLuhan, cuja discussão resumia-se em indagar se somos ou não somos lineares. Por outras palavras, interessava saber se a não-linearidade nos constitui, nos guia e nos orienta, ou se é um modo cultural de agir.

Ribeiro (2008a, p.51) prefere considerar a não-linearidade um critério importante para o reconhecimento do hipertexto, esteja ele em ambiente digital ou impresso. Para a pesquisadora em questão, hipertexto, hipermídia ou multimídia interativa levam adiante um processo já antigo de artificialização da leitura. Nesse sentido, acredita que

se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura.

Assim, fundamentada em Lévy (2006), a autora considera o hipertexto não apenas em seus processos técnicos de digitalização e de apresentação do texto, mas a atividade humana de leitura e de interpretação que integra as novas ferramentas.

Para Ribeiro (2008a), de certa maneira, voltamos aos blocos de textos fragmentados como eram na época das tabuinhas de madeira ou de argila, sendo que agora a moldura é a tela do computador, o texto é digitalizado e contém *links*. Essas observações parecem-nos suficientes para continuar na busca de uma definição de hipertexto, pois se a autora, em sua pesquisa, fornece um rico instrumental para entendermos como se dá a leitura de sujeitos pouco letrados diante do hipertexto e em comparação com o texto impresso, por outro lado, é preciso deixar claro que nos hipertextos pesquisados pela autora, o foco era a notícia jornalística; logo, não se pode ter uma dimensão da leitura do hipertexto na íntegra.

A nosso ver, essa linha de argumentação crítica, que considera todo texto como um hipertexto, tendo como base o critério da não-linearidade, só poderia se justificar se considerasse, ao menos, a heterogeneidade semiótica permitida pelo suporte digital, como observa Araújo (2006), pois há que se levar em conta a variedade multimodal que constitui os gêneros digitais, que vão desde tentativas de simular os gestos da interação face a face, com os populares *emoticons* até a sobreposição de imagens animadas que coocorrem e são visualizadas na tela de cristal líquido durante as interações virtuais.

Caso o problema da definição do hipertexto esteja centrado somente em sua característica não-linear e esta continue a ser tratada apenas do ponto de vista da recepção e, portanto do leitor, não avançaremos muito na definição de hipertexto, pois deixaremos de ver um fenômeno que se aplica tanto a um modo de fazer e de apresentar, quanto a um modo de ler/fazer também. Além disso, também na perspectiva da leitura, há que se considerar o tipo de texto e o tipo de hipertexto para se ter uma definição menos genérica, aspectos vistos desde o primeiro capítulo desse trabalho. Afinal, observa Marcuschi (2005b, p. 192), “é também possível afirmar que certos textos impressos são muitas vezes não-lineares, assim como muitos hipertextos são absolutamente lineares”.

Tanto Coscarelli (1996a, 1996b) quanto Ribeiro (2008a) observam a existência de textos multissemióticos em meio impresso e em meio digital,

contudo, não atentam para as diferenças entre uma mistura de linguagem verbal e não-verbal que serve de adorno nos impressos, e a hibridização que ocorre no meio digital para dar conta, por exemplo, dos gestos faciais e do estado de humor nas interações virtuais.

Por esse motivo, por entendermos que nos situando apenas em um lado do contínuo dos hipertextos, não o alcançamos em sua totalidade, defendemos que somente a não-linearidade, ainda que considerada do ponto de vista de sua recepção e produção, não pode definir o hipertexto.

2.3. “Linkando” as trilhas

Como vimos, a questão crucial que o hipertexto aborda – vale dizer, a questão da não-linearidade – continua a ser tratada em termos teóricos conflitantes, mostrando, ao contrário do que afirma Araújo, (2006), que esse tema não é uma discussão que pareça já superada.

O que percebemos é que a argumentação sobre a não-linearidade está na base dos linguistas que defendem que todo texto é um hipertexto. Para esses autores, a exemplo de Koch (2003, p. 61), “todo texto é um hipertexto” porque todo texto é uma proposta de sentidos múltiplos, ao menos do ponto de vista da recepção. Não explicado detalhadamente em que sentido são feitas as analogias, propaga-se a não-distinção entre os termos e poucos se detêm em suas especificidades, porque como vimos, as trilhas argumentativas são áridas.

Recorrendo a Xavier (2007, p.208), podemos juntar alguns pontos acerca do critério da não-linearidade para firmarmos melhor nossa posição. O autor esclarece que a afirmação segundo a qual “todo texto é um hipertexto” não se sustenta integralmente. Trata-se de uma verdade parcial, visto que “o raciocínio deslinear é próprio do leitor e não do modo enunciativo em que o autor escolhe para expressar-se”. Nesse sentido, texto e hipertexto devem ser considerados do ponto de vista de sua produção e de sua recepção, como vimos em Marcuschi (1999, 2000).

Do ponto de vista da recepção, vimos que há similaridades entre texto e hipertexto. Ambos podem ser lidos sem qualquer compromisso sem qualquer linearidade que lhe obrigue a abordá-lo de cima para baixo ou da esquerda para a direita, por exemplo. Do ponto de vista da produção, Xavier (2007, p. 208) afirma que “a novidade nesse aspecto está em transformar a não-linearidade, a falta de um ponto de partida obrigatório para o início da leitura, em princípio básico da construção do próprio hipertexto”, com o qual também concorda Marcuschi (1999, 2000).

Já em obra anterior, Xavier (2002, p. 31) advertia para o fato de não se confundir a não-linearidade do ponto de vista do dispositivo material e do ponto de vista do discurso, pois nesse caso, “essa é uma decisão exclusiva do leitor em qualquer tipo ou gênero de texto ou tecnologia de enunciação”. Com isso, o autor deixava claro que a deslinearidade é reivindicada como novidade no hipertexto enquanto princípio de produção e do ponto de vista do dispositivo material, não de sua recepção.

Xavier (2002), contudo, observa que a não-linearidade estabelece uma semelhança com o texto, por se pautar também nas modalidades oral e escrita da língua, assim como o fez Marcuschi (1999, 2000). Segundo Xavier (2002, p.159),

o hipertexto se organiza linguisticamente de modo muito similar ao texto tradicional, produzido em escrita alfabética. Ou seja, obedece ao princípio da linearidade natural da linguagem verbal, que estabelece a disposição das palavras, dos enunciados, e até a divisão de blocos de parágrafos em segmentos horizontais contíguos, devidamente sequenciados um após o outro, partindo da esquerda para a direita.

Apesar disso, Xavier (2002, 2007) polariza a discussão sobre a não-linearidade, situando-se em uma parte do extremo dela. Por outro lado, Coscarelli também se posiciona em um extremo do contínuo, não considerando o modo de apresentação aludido por Marcuschi (1999, 2000), em função do suporte de leitura. Nesse sentido, aspectos importantes suscitados pela discussão de Marcuschi são negligenciados pela autora.

Esses aspectos dizem respeito a especificidades de textos e de hipertextos que, apesar de citado por Xavier (2002), não mereceu lugar em sua definição. Marcuschi (1999, 2000) e Coscarelli (2006b) lembram-nos em seus trabalhos que há textos convencionais (contendo apenas escrita verbal), há os textos das enciclopédias, por exemplo, que já misturam linguagens e disposição delas e há hipertextos muito parecidos com estes, assim como Xavier (2002) constata em sua análise sobre os *sites* de Beaugrande e de Rubem Alves. O primeiro deles, muito semelhante a um currículo e o segundo deles, semelhante a uma revista eletrônica. Ao lado de tudo isso, temos hipertextos que se valem dos recursos hipertextuais, tais como o de Haroldo de Campos, também analisado por Xavier.

O que isso nos sugere é que parece haver um *continuum* de textos e hipertextos e Marcuschi (1999, 2000) nos aponta isso detalhando em que níveis se dão as diferenças entre texto e hipertexto, considerando produção e recepção na micro e na macroestrutura de cada um deles. O pensamento de Marcuschi é tão fértil que ainda nos sugere que talvez a questão não seja considerar a não-linearidade presente no texto e no hipertexto em ambas as perspectivas (da produção e da recepção), mas com nuances diferentes, visto que aí somos contidos pela limitação do suporte. No caso do hipertexto, a falta de limites.

O problema da definição da não-linearidade no hipertexto também se liga ao modo como entendemos o hipertexto. E nesse aspecto é curioso constatar que nenhum dos autores citados considera diferenças hipertextuais em suas definições, seja de não-linearidade, seja de hipertexto. Talvez isso se deva ao fato de que a ideia de hipertexto está vinculada somente a uma forma de organização da informação, como se constata em vários momentos nos trabalhos por nós analisados aqui (MARCUSCHI, 1999, 2000, 2005b); KOCH (2003); COSCARELLI (2006a, 2006b); RIBEIRO (2008a). Com isso, os autores negligenciam as especificidades de um objeto de leitura e nossa compreensão dele não passa de difusa.

Por outro lado, os mesmos autores apontam que existem algumas diferenças. Elas só não são levadas em consideração nas definições e essa prática

vem se ampliando. Em trabalho recente, Gualberto (2008, p. 26-7), por exemplo, declara que

é preciso considerar que variáveis como a organização do conteúdo, o tipo de articulação entre os *hiperlinks*, considerando aqui as relações vitais entre elas, as escolhas feitas pelo autor, a tarefa proposta e, conseqüentemente, as articulações construídas pelo leitor podem apontar diferenças significativas no processamento do texto.

A dificuldade frente às diferenças que o hipertexto apresenta são tão evidentes que Gualberto, com o objetivo de analisar a leitura hipertextual enciclopédica digital, na perspectiva da mesclagem, prefere adaptar um hipertexto do *site* da *Wikipédia* em um ambiente *off-line*, o que nos sugere que estar *on-line* faz sim diferença. Apesar disso, a autora assim se posiciona

mesmo reconhecendo que o hipertexto não é uma invenção do meio digital, vou definir hipertexto como um documento digital (tanto *online*, quanto *off-line*) composto por diversos blocos informacionais que podem ser textos, novos hipertextos, imagens, etc, interconectados através de *hiperlinks*, estruturados em rede ou no formato axial, que possibilitam o avanço ou recuo da leitura (GUALBERTO, 2008, p. 52).

Diante disso, recorrer à significação do termo hipertexto pode ser relevante antes de tomarmos qualquer decisão. A esse respeito, Gomes (2007) nos informa que o conceito de hipertexto está ligado ao conceito de hiperespaço, que é oriundo da Matemática e traduz a ideia de extensão e de generalidade, e também a “espaço hiperbólico”, termo criado para dar conta de uma geometria que não mais se explicava pelos parâmetros da geometria euclidiana e da geometria elíptica. Esse espaço hiperbólico está sempre em expansão e, segundo Gomes, o termo significa uma geometria de muitas dimensões. É com base nesse conceito que se relaciona o “hiper” do hipertexto. Para essas explicações, o autor demonstra a seguinte imagem que pode ser acessada conforme fonte abaixo e verificada com o recurso da animação:

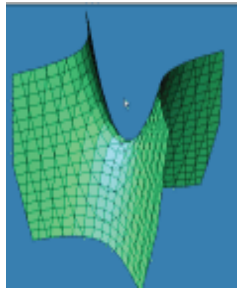


Figura 05: Hiperespaço

Fonte: <www.gregosetroianos.mat.br/imagens2/applets.gif>.

As informações fornecidas por Gomes (2007) relativas à conceituação do “hiper” do hipertexto nos autorizam conjecturar que talvez devêssemos mudar o foco dessa discussão e considerar, com Marcuschi (1999, p. 30) que “mais do que não-linear, o hipertexto é multilinear e multissequencial”.

Uma perspectiva que vai ao encontro dessa sugestão trazida por Marcuschi (1999) pode ser conferida em Palácios (1999). Em um artigo intitulado *Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva*, Palácios, indaga até que ponto a noção de “não-linearidade” é efetivamente apropriada, seja ela aplicada ao texto convencional ou ao hipertexto, propondo uma discussão sobre a possibilidade de uma discursividade não-linear.

Para Palácios (1999), sua experiência de leitura dos hipertextos deixa claro que é perfeitamente válido afirmar que cada leitor, ao ler, estabelece também uma determinada “linearidade” específica, provisória, provavelmente única. A partir da segunda ou terceira leituras do mesmo texto, “linearidades” totalmente diversas podem surgir, dependendo dos links seguidos e das opções escolhidas, em momentos em que a história se bifurca ou oferece múltiplas possibilidades de continuidade. Nesse sentido, o autor defende que

conquanto metaforicamente se possa falar de uma “não-linearidade”, tal ideia, *stricto sensu*, não tem cabimento quando colocada em termos de processos de construção das estruturas discursivas. Pode-se, no máximo, dizer que o Hipertexto é melhor descrito como multilinear, em contraste com outras estruturas discursivas, de caráter unilinear (PALÁCIOS, 1999, 114). [Destques do autor]

Para um melhor entendimento dessa posição, o autor relaciona os conceitos de linearidade/não-linearidade relacionando-os à distinção entre discurso e história no âmbito da narrativa.

Valendo-se da sequência duplamente temporal da narrativa, que estabelece o tempo do contar e o tempo do narrar, o autor distingue a linha do discurso e a linha da história na narrativa, ilustrando com o filme *Cidadão Kane*, de Orson Welles, no qual a história é contada através de muitos *flashbacks*, mostrando uma anacronia entre os elementos da história e os elementos do discurso.

Mais claramente, o autor explica que, ao assistirmos a um filme ou lermos uma história, seguimos a *linha do discurso*, ou seja, uma ordem estabelecida pela sequência temporal discursiva que é sempre linear, ou unidirecional. Essa ordem, contudo, nem sempre corresponde à *linha da história*, ao modo como essa história é contada, pois, com o filme citado acima, esse contar pode ser com idas e voltas, sem ser necessariamente do começo para o fim.

Sobre isso, Gomes (2007), corroborando Marcuschi (1999, 2000) informa que, na mídia tradicional, a informação é organizada linearmente e que as unidades são arranjadas em sequências pré-definidas, das sentenças de um parágrafo aos capítulos até que se chegue ao livro. Trata-se de uma restrição inerente ao meio, que limita a interação pelas pessoas. O autor complementa que a “linearidade também está presente no rádio e na televisão; não há como o telespectador interferir na ordem de uma apresentação radiofônica ou televisiva, por exemplo” (GOMES, 2007, p. 65).

No caso do hipertexto, Palácios (1999, p. 116) avalia que, mesmo sendo estabelecidas rotas de leitura baseadas na seleção e combinação de elementos existentes em um arranjo espacial e não-linear de *nódulos e links*, todo e qualquer discurso só se atualiza por um processo de leitura e, que, “nesse processo, seja numa obra hipertextual, seja no mais tradicional dos textos impressos, linearidades discursivas são, forçosamente, construídas”. Como muitos outros autores, entre os quais podemos citar Xavier (2002), Palácios não descarta a

possibilidade de leituras multilineares também no texto tradicional, a exemplo de leituras transversais que podem ser feitas saltando ao longo do texto.

Assim, ao escolhermos o termo multilinearidade como propriedade necessária para a redefinição de hipertextualidade, não estamos defendendo um modo de ler, nem negando, mas estamos claramente afirmando que, independentemente disso, a disposição visual da hipertextualidade é multilinear, em conformidade com a natureza mesma do suporte hipertextual. Desse modo, se em alguns hipertextos a não-linearidade não é tão evidente, na hipertextualidade ela, inegavelmente, apresenta o conhecimento (e não só ele) por múltiplas possibilidades, diferenciando-se, assim, do modo sequencial que caracteriza a mídia impressa.

Essa consideração nos leva a uma escolha terminológica que caracteriza hipertexto como sendo multilinear, considerando o modo de apresentação, em função da natureza multidimensional do suporte, conforme abordado ao longo desse capítulo. Contudo, essa escolha terminológica não nos livraria de contestações frente a hipertextos muito parecidos com textos convencionais. A solução, para isso, não seria outra, senão considerar que a multilinearidade se aplica a uma categoria mais ampla que o hipertexto, a qual preferimos chamar aqui de **hipertextualidade**.

Sumarizando as opiniões acerca da não-linearidade na busca da definição do que seja o hipertexto, não seria demais dizermos que as posições de Marcuschi (1999, 2000, 2005b) e de Koch (2003, 2008) são bastante semelhantes no que diz respeito aos pressupostos da Linguística Textual, sobre a compreensão de texto e de hipertexto como evento textual-interativo; ao passo que Coscarelli (2006a; 2006b) e Ribeiro (2008a), valem-se de pressupostos da Linguística Cognitiva, no que tange ao processamento de leitura. Todos esses autores apontam em suas obras traços específicos para o hipertexto, mas preferem minimizá-los em favor de suas filiações teóricas. A posição de Xavier (2002), embora inscrito na mesma Linguística Textual de Koch e de Marcuschi, enfatiza as diferenças do hipertexto em relação ao texto, mais que suas semelhanças.

Palácios (1999), por sua vez, apresenta uma concepção diferente que, se não é a mais adequada, também não nos compromete quando de sua adoção. O posicionamento desse autor deixa-nos uma fresta para indagarmos se os leitores farão sempre uso da informação de maneira sequenciada ou não, questão que, sem dúvida, merece investigação, pois, como bem mostrou Gomes (2007) ao produzir hipertextos multimodais com professores, se não é tão fácil produzir informação nesse formato, também não podemos supor que lê-lo seja de igual modo não-linear para todos os leitores. Quem nos garante que não construímos linearidades várias?

Esperamos que, ao encerrar este capítulo, tenhamos, pelo menos parcialmente, contribuído para a resolução de uma das questões sobre uma das propriedades da hipertextualidade apontada como a mais importante do hipertexto: a não-linearidade. Passamos agora à busca de outras características, acatando a “sugestão” de Araújo (2006, p.88) segundo a qual “para que um pesquisador se arvore do direito de definir o que é hipertexto, deverá, no mínimo, ficar atento à heterogeneidade semiótica que o suporte digital permite”. É justamente por essa característica, a multissemiótica, que nós iremos começar o capítulo que segue.

Trilhas do hipertexto: em busca de convergências

O mundo da Internet é extremamente fluido, com usuários explorando suas possibilidades de expressão, introduzindo combinações novas de elementos e reagindo aos desenvolvimentos tecnológicos. Mas uma coisa é certa. Essas três funções, em suas diferentes formas, facilitam e dificultam nossa capacidade de comunicação de modos que são fundamentalmente diversos dos encontrados em outras situações semióticas.

(CRYSTAL. D, 2005, p. 79)

£ ntendendo que a hipertextualidade não pode ser definida apenas pelo critério da multilinearidade e tendo em vista a heterogeneidade funcional dos hipertextos, pretendemos, neste capítulo, em meio a mais definições sobre o hipertexto, encontrar critérios que nos elucidem na busca por características necessárias à redefinição de nosso objeto teórico.

Nesse caminhar, nossa análise será guiada pelas características definidoras do hipertexto que têm sido mais apontados na literatura sobre o assunto e, para isso, retomaremos trilhas abertas por autores com os quais já iniciamos esse diálogo, bem como iniciaremos novas trilhas com novos autores. A busca é por convergências.

Esclarecemos, contudo que, analisar todos os critérios apontados na teoria tornaria o trabalho muito extenso desnecessariamente. Assim, tivemos de fazer escolhas, excluindo características que desde já, justificamos, mais ajudam na

descrição do suporte informático que da hipertextualidade. Essas escolhas, de certa forma, organizam logicamente a ordem desse capítulo.

Por concebermos que nossa redefinição mais se aproxima da definição de hipertexto de Xavier (2002), iremos nos deter em sua conceituação e caracterização primeiramente, sobretudo no que diz respeito à *multissemiose*, para depois prosseguirmos com Gomes (2007) que não apenas amplia a discussão sobre essa característica como também acrescenta o aspecto interativo à nossa proposta. Ao final, elencamos um rol de características mais gerais atribuídas ao hipertexto, retomando Marcuschi (1999, 2000) e Koch (2003, 2008) para, a partir deles e com Komesu (2005a), tecermos considerações quanto às nossas escolhas sobre as características da hipertextualidade.

3. 1. A enunciação digital proposta por Xavier

Xavier (2002), à luz dos estudos linguísticos, traz uma proposta de definição de hipertexto, até aquele momento, categoria de análise do campo da Informática, da Educação e da Literatura. Sob os pressupostos teóricos do Interacionismo Social, da Linguística Textual e Linguística Cognitiva, o autor reúne argumentos que sustentam a inauguração do produto semiolinguístico mais significativo da hipermídia, objetivando mostrá-lo “não somente como um texto construído eletronicamente, mas, sobretudo, como espaço de atualização virtual para o *modo de enunciação digital em fundação*” (XAVIER, 2002, p. 15).

O autor assinala que

o hipertexto, longe de ser a mera junção de processador de texto, mais hipermídia, mais rede digital de comunicação, ou até mesmo um texto verbal eletrônico sofisticado, é antes uma nova forma de apresentar, representar, articular e trabalhar linguística, semântica e cognitivamente os dados multissemióticos dispostos na tela do computador (XAVIER, 2002, p. 15).

Desse modo, o pesquisador defende o hipertexto, enquanto uma nova tecnologia enunciativa, da qual emerge o *modo de enunciação digital*, é “resultado do amálgama, integração e superposição dos vários modos de enunciação em um

mesmo suporte digital de leitura: a tela do computador” (XAVIER, 2002, p. 9). Esses modos enunciativos, explica Xavier, são todas as formas de expressão, comunicação e interação desenvolvidas e aperfeiçoadas pelos homens ao longo da história, para se relacionar comunicativamente com os outros e com o mundo.

Em sentido amplo, acrescenta Xavier (2002), os modos de enunciação referem-se ainda a linguagens diversas semioticamente criadas, socialmente convencionalizadas e pragmaticamente reproduzidas em contextos situacionais adequados nas diferentes esferas sociais e que só se realizam por meio de tecnologias enunciativas.

Vale dizer que o autor entende por tecnologia enunciativa não só o computador, mas todas as outras técnicas que antecedem a esse equipamento e que serviram de suporte aos dizeres, ao longo da história da humanidade. Assim, o pesquisador informa que os modos de enunciação verbal e visual se materializam em quase todos os suportes de leitura (pedra, argila, metais, papiro, pergaminho, papel, livro, projetor elétrico, monitor e tela digital), enquanto que o modo auditivo se concretiza por suportes naturais e artificiais, inclusive pelo computador multimídia. Já o modo de enunciação digital é uma tecnologia enunciativa que só se realiza na tela digital de computador multimídia conectado à Internet.

Sobre isso, o autor esclarece:

Embora reconheçamos a natureza multimidiática de disquetes, cd-roms, hipercards ou winchester, para efeito dos objetivos propostos neste trabalho, consideramos **Hipertextos apenas os dispositivos “textuais” digitais multimodais e semiolinguísticos (dotados de elementos verbais, imagéticos e sonoros) que estejam on-line, indexados à Internet e que possuam um domínio URL, na World Wide Web** (XAVIER, 2002, p. 26). [grifos do autor].

O que nos chama a atenção inicialmente na definição de Xavier (2002) é que seu conceito de *enunciação digital* se define pelos mesmos termos do termo a ser definido. Notemos que, para definir o que é uma *enunciação digital*, temos as expressões “tecnologia enunciativa” e “modos de enunciação” ou “modos enunciativos”. Logo, é preciso entender, inicialmente o que é enunciação, pois a

definição é circular, conforme ensina Marcuschi (2007) em “A arte de definir”. Uma vez entendido o que são esses modos enunciativos ou de enunciação, conforme explicação fornecida acima pelo autor, voltamos à expressão “tecnologia enunciativa” que, define mais o suporte do hipertexto que o “modo de enunciação digital”.

Após leituras mais cuidadosas, constatamos que, de fato, a expressão “tecnologia enunciativa” refere-se ao espaço virtual do hipertexto, como na definição abaixo, segundo a qual

Hipertexto **é o espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido**. Mais uma tecnologia de enunciação que possui uma maneira própria de dispor, compor e superpor, entrelaçadamente, em uma mesma plataforma enunciativa – a tela do micro – os recursos semióticos de natureza linguística e não-linguística (XAVIER, 2002, p. 29). [negritos do autor].

Nesse sentido, podemos compreender que a enunciação digital existe no hipertexto, que é o espaço virtual, ou seja, o seu suporte. Assim, a expressão “tecnologia enunciativa”, sendo o espaço, é também o suporte, de acordo com a citação acima, e com o que se pode depreender de “é por meio dos suportes que se concretizam as tecnologias enunciativas e os modos de enunciação. São em tais suportes que se ancoram os enunciados...” (XAVIER, 2002, p. 97).

Se nosso raciocínio é válido, então não entendemos como a tela do computador é citada por Xavier (2002) como o suporte do hipertexto, como se pode conferir na citação abaixo e em vários outros momentos de seus textos.

A tela, sim, é lugar do Hipertexto, é o seu sítio *par excellence*, original, único, exclusivo de realização virtual. Fora da tela não há ‘salvação’ para o Hipertexto e muito menos para a existência do modo de enunciação digital (XAVIER, 2002, p. 94).

Sobre isso, encontramos em outra passagem do texto de Xavier (2002, p.32) ao se referir à intertextualidade como característica do hipertexto, que “a Internet é o aporte e o espaço virtual que torna mais evidente este fenômeno de linguagem (...)”. São questões que, de fato, se confundem.

Mais urgente ainda, e não menos importante, é perceber que a definição de enunciação digital proposta por Xavier (2002) para o hipertexto permite tanto que se entenda o hipertexto como o lugar de enunciação (expresso pela expressão “tecnologia enunciativa”), como também permite que se entenda como o produto semiolinguístico. Poderíamos acrescentar ainda o sentido de processo, especificamente o tecnológico, tal como se vê em citações como as que seguem

O Hipertexto seria uma espécie de matriz de textos potenciais interligados, cheia de “dobraduras” com múltiplos caminhos através dos quais os hiperleitores traçariam, livremente, seus rumos durante a leitura (XAVIER, 2002, p. 27). [negritos nosso][aspas do autor].

Um grande “**documento digital**”, um imenso **texto eletrônico que conecta, simultaneamente, forma outras de representação e mídia:** palavras, imagens, efeitos sonoros, bem como seus veículos difusores: jornal, rádio, TV, cinema, computador (XAVIER, 2002, p. 102). [negritos nosso][aspas do autor]

O Hipertexto funciona pela **lógica da adjunção dos modos enunciativos sobre a mesma plataforma de percepção**, retroalimenta-se da clipagem multissemiótica de tais modos e não da atomização ou morte de algum deles (XAVIER, 2002, p. 133). [negritos nosso].

Mais uma interpretação suscitada pela definição de Xavier (2002, p. 65) pode ser conferida em “*um modo de enunciação digital* viabilizada pela tecnologia enunciativa do Hipertexto só atualizável na tela do computador on-line”. O acréscimo da palavra “modo” autoriza-nos inferir que, se pensarmos em termos de lugar/uso, o hipertexto é, ao mesmo tempo, o espaço internetiano e o modo digital de enunciar neste ambiente.

Estabelecendo uma relação do tipo causa/efeito, constatamos que a enunciação digital é tanto o termo fundante, como o seu efeito. O problema é a redundância de nomenclatura, pois a *enunciação* é o termo que gera outra *enunciação*, já que aquela enunciação primeira é um amálgama de modos enunciativos.

Diante dessas questões, julgamos pouco operacional a definição de hipertexto proposta por Xavier (2002) sem que se esclareçam aspectos como os aqui levantados. Além disso, caberia perguntar: a diferença estaria só no termo

“digital”? Não creio que a resposta a essa pergunta seja negativa, pois Xavier (2002) tinha uma preocupação linguística e não técnica, embora não estejamos certos de que ele a tenha conseguido. Não sem razão, continuamos a indagar o que é um modo de uma enunciação digital.

Outra questão interessante a ser observada, agora com relação à caracterização do hipertexto pela “confluência de modos enunciativos” é a defesa do valor sígnico de cada um dos recursos semiolinguísticos, que no hipertexto se fundem para a construção geral do sentido.

Xavier (2002) enfatiza que o hipertexto é o “resultado do amálgama, integração e superposição dos vários modos de enunciação (verbal + visual + sonoro) em um mesmo suporte digital de leitura: a tela do computador” (XAVIER, 2002, p. 9). Em sua explicação, este modo de enunciação surge da clipagem/bricolagem paradigmática de vários modos enunciativos, que são todas as formas semiolinguísticas criadas pelo homem. Sendo formado de vários modos enunciativos, o modo de enunciação digital é “naturalmente híbrido, constituído por e com os demais modos de enunciação já existentes, atuando paralelamente a eles sem prejudicá-los” (XAVIER, 2002, p. 10), como ilustramos abaixo:

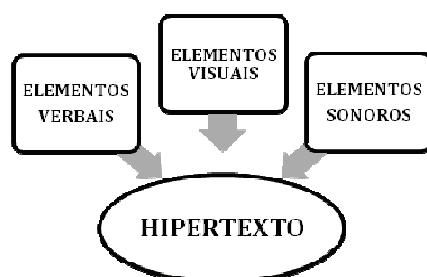


Figura 06: Multissemiose no hipertexto

À época de seu trabalho, o autor argumentava que quando a maioria dos usuários tinha a impressão de que a escrita preponderava no hipertexto, isso se devia, entre outras coisas, à lentidão no tráfego das informações via *Web*, fato que hoje já se torna bem diferente.

Contudo, afirmar com Xavier (2002) que no hipertexto não há concorrência, mas coocorrência, entre os modos de enunciação, é um tanto precipitado e, porque não dizer, geral demais. Segundo o autor, no hipertexto se dá a presença da “simultaneidade sem unanimidade, que coloca em funcionamento a heterogeneidade participativa entre modos enunciativos” (XAVIER, 2002, p. 136). Essa heterogeneidade ocorre sem hegemonia significativa por qualquer um dos modos enunciativos, pois, “na tela do computador, o Hipertexto ‘mixa’ os modos de enunciação sem que um tenha supremacia sobre quaisquer outros” (XAVIER, 2002, p. 135).

Lembrando a TV e o rádio, Xavier explica que “o hipertexto não é essencialmente escrita, nem exclusivamente imagem, nem tampouco apenas sonoridade; no entanto, contém dialética e concomitantemente todos eles” (XAVIER, 2002, p. 138).

Essa compreensão, todavia, não se afigura tão evidente quando comparamos hipertextos, pois verificamos que alguns deles são verdadeiros “textos eletrônicos”, que podem ser impressos sem qualquer alteração em seu conteúdo. Outros, por outro lado, são tão sofisticados tecnologicamente, que não se deixam serem representados em uma estrutura bidimensional como a do papel

Assim, dizer que “o hipertexto é infinito e ilimitado e, por essa razão, pode receber a intervenção mais livre e criativa de seus usuários” (XAVIER, 2002, p. 106) é considerar seguramente, e mesmo hoje, somente alguns hipertextos. *Homepages* institucionais, por exemplo, não permitem que seus conteúdos sejam alterados, diferentemente de sites de relacionamento como o *Orkut*.

Essa constatação nos fornece indícios suficientes para entendermos que, a confluência de modos enunciativos, elencada por Xavier (2002), como uma das características do hipertexto, só pode ser coocorrência, sem concorrência, se considerarmos uma diversidade de hipertextos e, por esse mesmo motivo, se considerarmos a hipertextualidade como o conjunto deles.

A indução para isso é dada pelo próprio Xavier (2002, p. 33), ao afirmar que

o Hipertexto parece só se deixar “decifrar” fragmentariamente, funcionando como uma “materialidade discursiva”, mutante e plural, cuja inteligibilidade potencial é conquistada, lentamente, por meio dos mergulhos nos *hiperlinks* que abrem infinitas portas para outros e outros dizeres já ditos hiperintertextualizados. [aspas do autor].

Logo, devido à “flutuação randômica do hiperleitor no espaço virtual” (XAVIER, 2002, p. 40), no hipertexto sempre teremos acesso a somente uma parte da hipertextualidade, como podemos conferir no exemplo a seguir:

----- Forwarded message -----

From: xxxxxxxx <xxxxxxx@xxxx.xxx>
Date: 2009/1/6
Subject: Fwd: MANUAL PRÁTICO - ACORDO ORTOGRÁFICO COM DOCUMENTO!
To: xxxxxxxx <xxxxxxx@xxxx.xxx>
xxxxxxx <xxxxxxx@xxxx.xxx>
xxxxxxx <xxxxxxx@xxxx.xxx>

OPS...ESQUECI O DOCUMENTOO! Tinha esquecido!
Táí o documento simplificado
=)

Queridos, envio em anexo esse documento que possui apenas o manual prático com as regras e tira-dúvidas sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, mas que entrou em vigor nesse ano!

O documento anterior é bem mais completo, mas como estava muito grande, não consegui mandar para os grupos do gmail! rsrs

Bom, não se desesperem, há um período de adaptação de 3 anos, ou seja, até lá as duas formas deverão ser aceitas(a nova e a antiga).

Um beijo e leiam com carinho o documento, não é vírus, é um manual muito boom! =)

--

XX
graduanda em Letras Port./Inglês pela Universidade Federal do Ceará -UFC
Endereço: XX
Contatos:
Tel: (XX) XXXXXXXXXXXXXXXX
e-mail: xxxxxxxx@xxx.xxx.xx

Acordo atual saraiva.PDF
229K Visualizar Download

Figura 07: E-mail

Esse *e-mail* é uma mensagem encaminhada a muitos destinatários, informação que pode ser conferida não só pelo texto da produtora, mas principalmente pela indicação na primeira linha “*Forwarded message*”. Podemos

notar as indicações de quem envia o e-mail (aqui representadas pelo x), bem como indicação de horas e o assunto “acordo ortográfico”, em “*Subject*”.

Note que o remetente envia um arquivo anexado sobre o novo acordo ortográfico e inicia se explicando que havia mandado *e-mail* anterior, porém esquecendo de anexar o arquivo. Observe também que há uma expressão de fechamento e que, na abertura do e-mail, embora ausente uma expressão de abertura, há um *emoticon* “=)”, que significa que a pessoa está sorrindo. Assim, em um texto aparentemente eivado de palavra, o enunciado não-verbal se faz presente e, não só com o *emoticon*. Há detalhes de cor, tipologia de fonte *etc.* Mesmo que muito semelhante ao que poderíamos ter no texto, há indícios de hipertextualidade presente na multilinearidade que se manifesta com o arquivo anexo.

Desde a abertura, com a justificativa sobre o esquecimento ocorrido no *e-mail* anterior, podemos perceber também a interatividade marcada pelo enunciado rápido e curto, quase que imediato.

Logo após o fechamento, há uma espécie de assinatura digital, em que automaticamente o *software* envia os dados configurados do remetente (Aqui, tivemos de copiar e omitir os dados). Essas informações são relevantes porque nos mostram o grau de competência comunicativa que está em jogo na produção de um *e-mail*, que inclui, segundo Paiva (2005) competências de ordem pragmática, tecnológica e intercultural.

Nesse *e-mail* não vemos imagem, não ouvimos som, mas sabemos que basta olhar acima e ao lado da caixa de *e-mail* para isso se manifestar. A escolha por esse gênero hipertextual é proposital. Qualquer que seja o recorte será sempre uma parte, ainda que tenhamos diante de nós uma *homepage* qualquer.

Desse modo, entendemos que a confluência de modos enunciativos se aplica à hipertextualidade e não ao hipertexto, o que nos autoriza reformular a figura 06 assim:

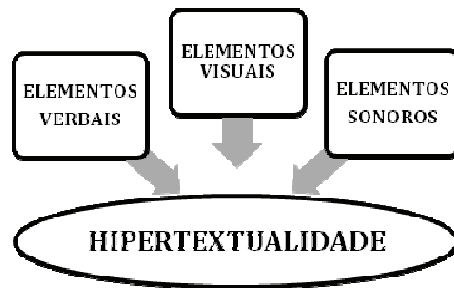


Figura 08: Multissemiose na hipertextualidade

Além da confluência de modos enunciativos, Xavier (2002), elenca mais três características que definem o hipertexto. Essas características, entretanto, serão retomadas ao final deste capítulo, por serem observadas em outros autores e assim, permitirem-nos uma melhor visualização.

Uma última observação, ainda, pode ser endereçada à definição enunciativa de Xavier (2002). Conforme constatamos, o autor se inscreve numa perspectiva sociointeracionista, considerando a linguagem “uma forma de interação com o outro, na presença, ainda que virtual, de um *tu* que partilha a interlocução com um *eu*, de onde partem as ações linguísticas dirigidas ao *tu* que reage assumindo uma atitude *responsiva ativa*, seja de modo verbal, visual ou gestual” tal como Bakhtin propõe em sua teoria enunciativa (1997).

No entanto, a inspiração bakhtinina é relegada ao longo de sua tese e sua definição de hipertexto como enunciação digital, ao que tudo indica, tributária desse pensador russo, passo ao largo da consideração do outro (presente no questionário metodológico) e na análise de seus hipertextos. Isso nos dá uma mostra de que fazer um trabalho científico em concomitância com as definições bem elaboradas para os conceitos de língua que já temos, a “língua concebida como uma ação sociocognitiva que se dá no interior de acontecimentos discursivos historicamente situados” (XAVIER, 2002, p. 15) nem sempre coaduna com os caminhos reais da pesquisa.

Assim, tendo aprofundado aqui a definição de hipertexto e a característica multissemiótica, pretendemos ampliar o entendimento, porque julgamos que ela exerça papel importante na caracterização da hipertextualidade.

3. 2. O hipertexto multimodal apresentado em Gomes

Visando à produção e à utilização de hipertexto multimodal para fins pedagógicos no contexto da Educação a Distância, Gomes (2007) entende o hipertexto como uma nova modalidade textual que se destaca por sua existência exclusivamente eletrônica, ou seja, que surge a partir das potencialidades da informática, e pela presença de *links*, estes considerados elementos fundamentais do hipertexto.

Diferentemente de Xavier (2002), para quem o hipertexto se realiza *on-line*, Gomes (2007) explica que o hipertexto multimodal por ele produzido para fins didáticos se utiliza de multimídia, ou seja, de várias linguagens; e, quanto ao conteúdo, é multilinear, ou seja, permite o acesso não-linear aos conteúdos, porém, de maneira limitada, posto que se trata de um CD-ROM, produto fechado, sem a abertura ilimitada do texto em rede.

Em seu trabalho, buscando entender as relações entre texto e hipertexto, Gomes (2007) discute sobre as características constituintes fundamentais deste, ou seja, seus elementos diferenciadores a fim de enfatizar as consequências para a escrita e a produção de sentidos em hipertextos multimodais.

Fundamentando-se na perspectiva sociointeracionista de linguagem, Gomes (2007) entende que o hipertexto, assim como o texto, constitui um evento textual-interativo, embora com características próprias. O autor defende que é fundamental discutir a relação texto/hipertexto para compreender melhor o primeiro e critica a abrangência conceitual do termo hipertexto que vem sendo assumida nos trabalhos que escapam a reflexões linguísticas, sobre a qual assim argumenta

quando procuramos entender o que é o hipertexto, encontramos certa confusão - e até uma mistura - de suas particularidades linguísticas com sua usabilidade, de sua produção (design) com sua recepção (leitura e construção de sentidos). Entendo que todos esses enfoques se complementam e se inter-relacionam, porém, creio que é necessário entender melhor o hipertexto como objeto de estudo da linguística, sua produção e recepção e sua usabilidade, esta relacionada ao hipertexto enquanto produto tecnológico (GOMES, 2007, p. 10).

Gomes (2007) entende, então, que o hipertexto surge com os recursos da eletrônica. O linguista defende que a presença de *links*, como funcionalidades eletrônicas que exercem uma função textual e não apenas navegacional, é um aspecto central na definição de hipertexto. Por esse motivo, postula que “nem todo texto eletrônico é um hipertexto, mas todo hipertexto é eletrônico” (GOMES, 2007, p. 10). Assim, o autor entende que sendo o hipertexto essencialmente digital, devemos atentar para a existência de texto eletrônico que não seja hipertextual, ainda que esteja disponível na *Web*, já que, segundo ele,

neste caso, tal documento não seria um hipertexto, pois mesmo podendo ser acessado através de *links*, ele é um “beco sem saída”, não oferece caminhos de leitura possíveis e, uma vez tendo-o aberto na tela do computador, a única maneira de retornar a um caminho na *Web* é através da seta de retorno (GOMES, 2007, p. 17).

Essa posição nos parece bastante razoável porque, como explica Gomes (2007), na Internet encontramos textos que foram simplesmente digitalizados ao lado de hipertextos realmente produzidos para o meio, ou seja, explorando os recursos da multimodalidade de forma integrada e a flexibilidade dos caminhos de acesso.

Concordamos parcialmente com a argumentação apresentada, pois defenderemos aqui o texto eletrônico como um texto produzido em Word, por exemplo, que se situa na hipertextualidade, uma vez que se tenha tido acesso a ele pela mesma experiência hipertextual a que se chega a hipertextos genuínos, por compreendemos que essas práticas enunciativas se situam em um *continuum* no qual algumas são mais semelhantes ao texto impresso e outras mais distintas. O fato de estar disponível em rede confere a qualquer hipertexto acesso multilinear via hipertextualidade e navegabilidade, que podemos traduzir por algum nível de interatividade, condição exigida por um suporte, que nos coloca em uma situação

espaço-temporal bastante peculiar. Sem dúvida, o texto eletrônico não é um exemplo de hipertexto, mas ele se situa, para nós, naquilo que estamos defendendo por hipertextualidade.

Essa escolha teórica se afigura em consonância com o que podemos depreender em Koch (2008, p. 162) para quem o termo hipertexto designa “uma escritura não-sequencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real”. Esse tempo real refere-se ao momento em que se dá a enunciação, preferencialmente de maneira síncrona, embora também possamos incluir a assíncrona. Muitas vezes, estamos *off-line* e, ainda assim, recebemos mensagens via MSN, por exemplo. Se isso não é hipertexto e se podemos objetar que também o texto digitalizado em *Acrobat* não o é, para nós, é claro que ambos ilustram uma experiência hipertextual, logo, de hipertextualidade.

É por envolver questões dessa natureza, de evidências empíricas, que preferimos falar do termo hipertextualidade como fenômeno ontológico, pois definir o hipertexto exige que se confrontem diversos hipertextos, fragmentos de hipertextualidade com os quais nos deparamos, tantas vezes em uma simples operação bancária em um caixa eletrônico. Nossa proposta teórica pretende encaminhar-se para isso futuramente.

Por ora, interessa-nos em Gomes (2007) a sua definição de hipertexto multimodal e em que aspectos ele se define. Voltemos ao hipertexto multimodal e a correlação que pode ser estabelecida entre os modos enunciativos de Xavier (2002) e a multimodalidade.

Segundo Gomes (2007), o adjetivo multimodal conferido ao hipertexto se relaciona a todas as modalidades de linguagem utilizadas pelo homem para se comunicar. A comunicação oral, por exemplo, é multimodal porque se refere à fala (código verbal) e ao gesto (código não-verbal). Enquanto a comunicação verbal inclui apenas a palavra, seja oral, seja escrita, a comunicação não-verbal “envolve sentidos variados, como os visuais, auditivos, cinestésicos, olfativos e gustativos”

(GOMES, 2007, p. 50). Assim, se considerarmos os aspectos visuais de diagramação, *layout*, tipologia (em fontes diferenciadas) presentes em um texto escrito, estamos também diante de um texto multimodal.

Mas por que será que a definição de hipertexto de Gomes (2007) adjetiva-se pelo termo multimodal? O autor esclarece que há hipertextos na rede que se valem apenas de linguagem verbal, logo não são hipertextos multimodais e, como vimos, não são também hipertextos para o autor.

É interessante observar que se a comunicação oral pode ser considerada multimodal, porque inclui fala e gesto; o texto também o é, por incluir sempre algum aspecto de diagramação, além do código verbal. Nesse sentido, o termo multimodalidade parece não particularizar o hipertexto em relação ao texto, a não ser pelo suporte eletrônico.

Na explicação de Gomes (2007), para que um hipertexto seja multimodal e, aí, a relevância do termo adjetivo, é necessário que ele se utilize de recursos de multimídia, ou seja, um conjunto de meios, como integração de gráficos, animações, vídeos, música, fala, texto. Mas a necessidade maior para adjetivar o hipertexto se deve ao fato de deixar claros os limites de acesso desse hipertexto o que o confundiria com o hipertexto hipermodal, ou o hipertexto simplesmente.

A hipermodalidade só adjetiva o hipertexto que permite a abertura aos conteúdos, pois sendo um termo correlato de hipermídia, designa a multimídia aberta, com a diferença acentuada para um maior volume de interatividade, ou seja, acesso simultâneo a diversos documentos. A hipermodalidade, então, vai além da multimodalidade e é nesse aspecto que podemos correlacionar a expressão “modos enunciativos” de Xavier (2002) ao termo multimodal.

Tanto a expressão “modos enunciativos” quanto o termo “multimodal” referem-se à multissemiose, característica do hipertexto que designa a mistura de linguagem verbal e não-verbal, mas nenhuma delas contempla o aspecto interativo, expresso pelo termo hipermodalidade. Por outro lado, enquanto Xavier (2002)

defende a apresentação dos recursos semióticos de maneira igual no hipertexto, Gomes (2007) aponta para o contrário disso, pois há hipertextos que nem sequer ultrapassam o uso da linguagem verbal. Esse autor procede a uma análise detalhada sobre a multissemiose, especificando a inter-relação entre texto e imagem e mostrando que ela não é tão homogênea como pretendia Xavier (2002).

De acordo com Gomes, as relações entre imagem e texto são classificadas combinando relações de *status* e lógico-semânticas. O *status* diz respeito à importância que uma modalidade adquire em relação a outra. O autor esclarece que “as relações entre imagem e texto passam a ocupar um *status desigual* quando um dos dois modifica o outro, estabelecendo uma relação de dependência entre os termos onde o elemento modificador é considerado *dependente* do elemento modificado” (GOMES, 2007, p. 54). Nesse caso, ocorre uma subordinação entre uma imagem que se refere apenas a parte do texto. Quando, por outro lado, o *status* é igual, ou seja, texto e imagem inteiros estão juntos no mesmo documento, pode ocorrer que um modifique o outro, “*status independente*”; ou que se modifiquem mutuamente, “*status complementar*”. Segundo Gomes (2007), essas relações, sintetizadas pelo autor no gráfico abaixo, se dão através de elementos de coesão textual:

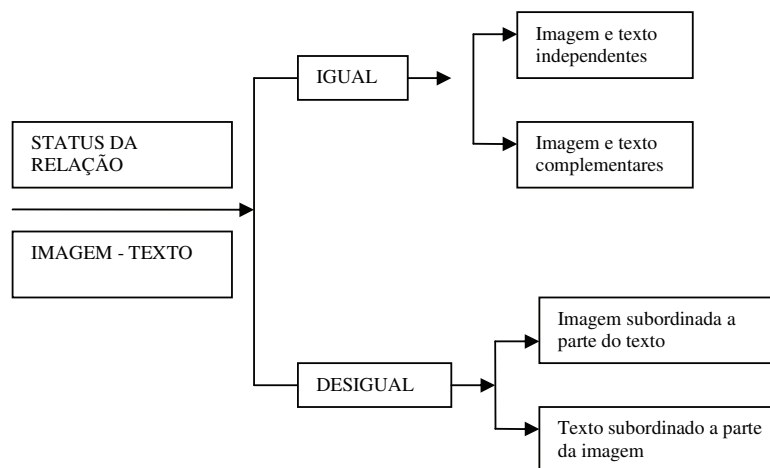


Figura 09: Relação imagem-texto

Como se pode perceber, a multissemiose se aplica tanto ao texto quanto ao hipertexto. Ela não particulariza este, razão pela qual poderíamos preferir o termo multimodalidade, mas como vimos, este também se aplica ao texto, no sentido de múltiplas modalidades de comunicação.

Diante disso, considerando a diversidade de hipertextos, alguns dos quais abertos à intervenção do leitor/escritor pelos recursos multimidiáticos, tomaremos a hipermodalidade como uma segunda característica da hipertextualidade, por entendermos que ela permite que se contemple em sua designação hipertextos com ou sem multimídia, mais ou menos interativos, o que nos levará inevitavelmente a uma terceira característica hipertextual: a interatividade. Mas será que esta pode ser considerada como uma característica definidora do hipertexto entre as demais elencadas por nossos autores?

3.3 Em busca de parâmetros

Nesta seção, procedemos a um exame geral das características apontadas ao hipertexto na literatura, buscando elementos que, ao lado da hipermodalidade, auxiliem-nos na descrição da terceira característica que completaria o conjunto de características necessárias à definição de hipertextualidade.

Como fio condutor do texto, seremos guiados pelo artigo “Pensar em Hipertexto”, de Komesu (2005a), que indaga como definir o hipertexto em Linguística. Para isso, a autora questiona se terá de saber se o hipertexto é um único texto imensurável que se concretiza como *acontecimento* no suporte material ou se são incontáveis textos, potencializados em cada *link* que dá acesso a outro hipertexto, ao que assim conclui

Diria que o hipertexto é um dispositivo, ao mesmo tempo, *material e intelectual*, que permite, mediante os *links* nele indexados, acessar os demais hipertextos que circulam na internet, criando, dessa maneira, estruturas textuais que são atualizadas pelas práticas e pela história individual de cada leitor. O hipertexto não é um suporte material ou um único texto, mas uma prática multimodal que envolve os

processos de escrita e de leitura atualizados na tela do computador (KOMESU, 2005a, p. 98).

Com base nessa definição, Komesu (2005a) relaciona os principais traços do hipertexto, sendo o primeiro deles a *intertextualidade*. Segundo a autora, o hipertexto permite, através dos *links* nele indexados, o acesso a inúmeros outros hipertextos na rede. A autora observa que essa intertextualidade é colocada em evidência com o uso dos *links* no hipertexto, porém lembra que há uma intertextualidade não-marcada que é igualmente constitutiva da heterogeneidade da linguagem.

Essa observação é importante porque nenhum dos trabalhos por nós analisados faz referência a uma tipologia intertextual do tipo não marcada. Em geral, os autores (cf. XAVIER, 2002, 2003; 2007; KOCH, 2003; 2008; GOMES, 2007 para citar alguns) recorrem às propriedades técnicas dos *hiperlinks*, apenas considerados do ponto de vista material como elementos interconectores de textos ou de fragmentos de textos, como se a intertextualidade só se realizasse na presença deles.

Não há qualquer consideração acerca do conteúdo que é *linkado*, mas apenas a descrição de um movimento que é próprio da informática, ou seja, o clique que nos leva a algo novo, a parte do documento ou, a um documento já conhecido. Assim, é comum encontrar a intertextualidade como um atributo inerente ao hipertexto, no sentido de levar a um outro texto.

Os autores, apesar de recorrerem ao dialogismo bakhtiniano, segundo o qual todo discurso é essencialmente dialógico, porque “sempre responde (no sentido *lato* da palavra) de uma forma ou de outra, a enunciados do outro anteriores” (BAKHTIN, [1953] 1997, p. 319); limitam-se à descrição da justaposição de textos que ocorre no hipertexto.

Essa compreensão levou-nos a defender com Lobo-Sousa; Araújo (no prelo) que considerar o hipertexto como intrinsecamente intertextual, é afirmar redundantemente que todo dizer é um já-dito, o que pouco contribui para o

entendimento da complexidade do fenômeno intertextual em si, muito menos para a definição de hipertexto. Ao contrário disso, o conceito de intertextualidade, sempre abordado em sentido amplo, confunde-se com o de hipertextualidade, no sentido de um texto ligar-se, literalmente, pela *hiperlinkagem*, a outro(s) texto(s).

Além disso, se nosso objetivo é entender a definição de um objeto, entendemos que suas propriedades o complementam e não estão além dele. Ora, a intertextualidade é um fenômeno complexo, de importância decisiva para a compreensão de textos, que diz respeito ao reconhecimento de um intertexto, ou seja, algo que já foi dito, ao menos em sentido restrito, embora saibamos que ela também se refere a ditos futuros. Ela está além do texto e do hipertexto e pode se realizar de maneira diversa num e noutro objeto. A argumentação reivindicada aqui é, como observou Komesu (2005a), sobre a manifestação da intertextualidade, que se dá de maneira explícita ou implícita (não-marcada) e não apenas pelos *hiperlinks* ou pela sobreposição de textos.

Koch (2003, p.67), por exemplo, afirma que “por natureza e essência, o hipertexto é intertextual, um texto ‘múltiplo’, que funde e sobrepõe inúmeros textos simultaneamente”, o que permite depreender que a justaposição de textos ocorrida no hipertexto é a própria intertextualidade. Além disso, a citação parece negligenciar as relações estabelecidas pelos *links*, como se estas fossem apenas material, pois, como bem lembra Marcuschi (1999), os *links* têm princípios variados, como semânticos, cognitivos, culturais, sociais, históricos, pragmáticos, temáticos, entre outros; ou, ainda, segundo Gomes (2007), relações que podem ser de expansão, relação parte/todo, nota, ilustrações, definições, resumos *etc.*

Xavier (2002; 2003; 2007), por sua vez, refere-se à intertextualidade adjetivando como infinita ou a designando como *hiperintertextualidade*. De acordo com o autor, essa intertextualidade infinita deve-se aos *hiperlinks* que podem ligar textos relacionados entre si, vale dizer, materialmente, tendo em vista que “os *hiperlinks* conduzem, instantaneamente, os leitores a textos, obras e discursos “originais”, se indexados à rede, permitindo, dessa forma, o acesso e a verificação

das ideias de terceiros pelo próprio hiperleitor que pode fazê-lo imediatamente” XAVIER (2002, p. 32).

Em trabalho posterior, Xavier (2003) dá início a uma tipologia intertextual do hipertexto e classifica a intertextualidade nele apresentada como do tipo explícita, já que os *hyperlinks* são estrategicamente construídos para levar a outros hipertextos; e de conteúdo, por referir-se a temas comuns ou diversos. Koch (2008, p. 172) corrobora essa compreensão, ao afirmar que o hipertexto, sendo um labirinto formado de uma infinidade de textos, é por essência intertextual, “versando sobre infinitos temas, em uma extensa rede que possibilita múltiplos caminhos de leitura”, e exigindo, portanto, “o estabelecimento de conexões coerentes entre os segmentos do texto linguisticamente materializados”.

Apesar disso, a explicação de intertextualidade é sempre abordada de maneira genérica, não se levando em conta, por exemplo, o gênero hipertextual a ser analisado. Sabemos outrossim que nem sempre as ligações estabelecidas pelos *hyperlinks* são coerentes e linguisticamente materializadas, sendo muitas vezes, simplesmente a justaposição material de textos em função da limitação da tela, que tem de apresentar uma variedade grande de informações.

Ademais, Koch (2008, p. 168) ensina-nos que

como o hipertexto, por ligar textos diversos, não apresenta relações semânticas ou cognitivas imanentes (como, aliás, ocorre também em grande parte com o texto impresso ou falado), é sempre possível que se estabeleçam relações incoerentes na sequenciação de unidades textuais, o que pode afetar irremediavelmente a compreensão.

Sem pretender nos alongar mais nessa análise e diante dos argumentos apresentados, acreditamos que a intertextualidade não é um critério definidor do hipertexto, nem da hipertextualidade, mas um fenômeno de linguagem que, como outros (a polifonia, a autoria, a leitura) se manifesta no espaço digital. O link não é garantia de intertextualidade, mas de hipertextualidade. Resta investigar mais criteriosamente se há semelhanças e/ou diferenças em relação ao texto, para não reduzirmos fenômenos tão complexos simplesmente à interconexão de enunciados (cf. LOBO-SOUSA; ARAÚJO, no prelo).

O segundo traço do hipertexto apontado por Komesu (2005a) é a *volatilidade*, ou seja, a falta de estabilidade devido à natureza virtual do hipertexto. Marcuschi (1999), baseando-se em Bolter (1991), também elenca essa característica hipertextual, definindo-a, de igual modo, como ausência de estabilidade.

Sobre isso, Koch (2003; 2008) é categórica ao afirmar que essa característica é devida à própria natureza (virtual) do suporte. Por se referir claramente ao suporte e não à enunciação digital, a virtualidade também não será escolhida por nós para a redefinição de hipertextualidade, sobretudo se a considerarmos redundante em relação ao próximo traço apontado por Komesu (2005a), a *virtualidade*.

Como a volatilidade, a *virtualidade* é caracterizada como um traço do hipertexto que mais diz respeito ao suporte que material semiolinguístico. Segundo Koch (2008), trata-se de outra característica essencial do hipertexto e constitui uma matriz de textos potenciais. Sobre isso, Komesu (2005a) questiona se o hipertexto é um fenômeno essencialmente virtual, pois acredita que “a virtualidade seja um traço constitutivo de toda atividade de escrita, independentemente de seu meio de divulgação”. Por isso, a autora adverte que “na Internet, pode-se incorrer no equívoco de se associar virtualidade e desmaterialização (esta sim, característica do meio eletrônico)” (KOMESU, 2005a, p. 100).

Xavier (2002) prefere denominar essa característica como *imaterialidade*, ou ubiquidade espaço-temporal, uma vez que não se tem a mesma sensação tátil do impresso. Em textos mais recentes, porém, o mesmo autor entende essas características subdivididas, como se pode visualizar a seguir:

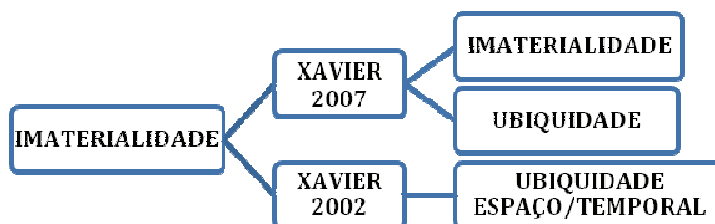


Figura 10: Imaterialidade segundo Xavier

Em nossa avaliação, entendemos que *volatilidade*, *virtualidade* e *imaterialidade* são características que apresentam nuances um pouco tênues, e que aparentemente podem se subsumir, mas não nos interessando por dizerem respeito prioritariamente ao suporte do hipertexto, serão desconsideradas em nossa redefinição de hipertextualidade.

A *fragmentaridade*, outro traço do hipertexto elencado por Komesu (2005a), refere-se, segundo Koch (2003; 2008) à ausência de um centro regulador imanente no hipertexto, tendo em vista que esse, segundo Marcuschi (1999, p. 25) “consiste na constante ligação de porções em geral breves com sempre possíveis retornos ou fugas”.

Para Komesu (2005a), tal característica do hipertexto é estendida à função autor, que é vista, no paradigma pós-estruturalista, como incapaz de controlar o tópico ou o leitor. “O leitor, por sua vez, é considerado *co-autor* – outra fragmentaridade – por “organizar” os fragmentos textuais a que tem acesso” (KOMESU, 2005a, p. 100). Segundo a autora, essa característica está intimamente associada ao projeto pós-estruturalista, assim como a não-linearidade e o descentramento, que são associados ao hipertexto. Essa característica, já tendo sido discutida no capítulo anterior, não foi trazida agora, embora Komesu (2005a) a tenha também considerado como um traço do hipertexto, porém sem maiores diferenças ao que já havia sido posto pelos demais autores.

De nossa parte, compreendemos que a *fragmentariedade* pode ser subsumida pela *multilinearidade*, se considerarmos que uma apresentação

multilinear de enunciados a serem visualizados nos limites de uma tela irão requerer sempre cortes, porções, partes do todo. Assim, a *fragmentariedade* é outra característica que não nos será tomada para redefinir a hipertextualidade.

O próximo traço apontado por Komesu (2005a) para o hipertexto é a *espacialidade topográfica*, conceito conferido por Bolter para referir-se à escrita eletrônica que pode ser tanto uma representação verbal quanto visual, mas sem limites para seu desenvolvimento. Essa característica foi apontada por Marcuschi (1999) como de fato inovadora no hipertexto, por desestabilizar os *frames* ou *enquadres* dos limites textuais. Koch (2003; 2008) acrescenta ainda que se trata de um espaço de escritura/leitura de limites indefinidos, não-hierárquico, em tópico.

Sobre isso, Komesu (2005a) indaga se há um fim para o hipertexto, considerando que o fim do hipertexto poderia ser imaginado como o momento em que o usuário decide desconectar a máquina; e, no entanto, os hipertextos permanecerão em rede para o acesso contínuo.

A *espacialidade topográfica* é também um critério que explicitamente diz respeito ao lugar onde se realiza o hipertexto e a hipertextualidade e não é sobre o lugar que tentamos entender melhor. Esse lugar, vale dizer, esse espaço virtual, estará implícito nas descrições das características da hipertextualidade, porque estas seguramente só o serão em função do lugar em que se realizam, mas desse modo, ele será descrito implicitamente, secundariamente e não prioritariamente em um estudo que pretenda entender a hipertextualidade enquanto enunciação digital.

Por fim, o último traço listado por Komesu (2005a) é a *multissemiose*, característica que foi, com Xavier (2002) e Gomes (2007) discutida aqui e que retomamos por hipermodalidade, conforme justificativa explanada na seção anterior deste capítulo e sobre a qual acrescentamos mais um argumento em favor de nossa escolha de nomenclatura.

Komesu (2005a), ao discordar de Koch (2003) sobre a existência da mesma multissemiose no texto e no hipertexto, acredita que essa característica não pode ser comparada à do texto impresso do jornal, porque no hipertexto ela viabiliza diversos aportes, inclusive o sonoro. Por outro lado, Komesu (2005a, p. 101) afirma que “talvez a multissemiose do hipertexto seja o traço que evoca mais diretamente o vínculo com o suporte material para a realização do hipertexto”, o que nos faz pensar que a proximidade com o texto talvez seja maior se tomarmos esse termo como característica redefinidora da hipertextualidade.

Além dessas características mencionadas por Komesu (2005a), Marcuschi (1999; 2000) traz ainda a *acessibilidade ilimitada*, a *interatividade* e a *iteratividade*.

A *acessibilidade ilimitada* se deve ao fato de o hipertexto acessar todo tipo de fonte, sejam dicionários, enciclopédias, museus, obras científicas *etc.* Segundo Marcuschi (1999; 2000) o hipertexto, em princípio, não experimenta limites quanto a essas ligações. A esse respeito, Komesu (2005a) observa que essa acessibilidade estaria ligada à imagem de um leitor que tudo pode, sem coerções de quaisquer ordens, o que é questionado pela autora, pois, em sua concepção, “o fato de a Internet ter um número imensurável de fontes não significa que pode ter acesso a todas elas” (KOMESU, 2005a, p. 101).

Lembrando o próprio Marcuschi (2005b) ao indagar se os caminhos hipertextuais são tão diversos a cada vez, Komesu (2005a) questiona a *acessibilidade ilimitada* como característica do hipertexto, pois, para a autora, o leitor, enquanto sujeito histórico é condicionado por processos sociais, dos quais decorrem conhecimento de mundo, preferências e práticas de exclusão. Além disso, informa a autora, a *acessibilidade ilimitada* desconsidera a existência de dispositivos técnicos colocados em *sites* de busca, por exemplo, que, movidos por interesses comerciais, restringem o acesso a outras páginas em rede.

Corroborando Komesu (2005a), também podemos lembrar que acessibilidade é também

garantir que seu trabalho esteja disponível e acessível a qualquer hora, local, ambiente, dispositivo de acesso e por qualquer tipo de visitante/usuário, independente de sua capacidade motora, visual, auditiva, mental, computacional, cultural ou social. (informação verbal)³³

A acessibilidade envolve, portanto o acesso e a facilidade de uso por toda e qualquer pessoa, independentemente de quaisquer limitações, sejam elas de ordem física ou cultural. É uma categoria que tem sido bastante estudada por profissionais da Informática que lidam com tecnologias assistivas, as quais visam melhorar a democratização do acesso e uso de computadores com ou sem acesso à Internet. Como se trata de uma diretriz de avaliação técnica para questões ligadas à flexibilidade de uso pelos usuários, entendemos que a *acessibilidade*, agora não mais tão ilimitada assim, não interessa à redefinição de hipertextualidade, pois diz respeito a usos particulares de máquina, *software* e de hipertexto.

A *acessibilidade ilimitada*, aliada à *multissemiótica*, propicia, segundo Marcuschi (1999; 2000) uma outra característica do hipertexto, a *interatividade*, graças à interconexão interativa também propiciada pela contínua relação de um leitor-navegador com múltiplos autores em quase sobreposição em tempo real. Koch (2008, p. 163) também aborda essa característica, afirmando sobre ela a “possibilidade de o usuário interagir com a máquina e receber, em troca, retroação da máquina”. A autora acrescenta ainda mais uma característica que corrobora não uma definição enunciativa ou semiolinguística de hipertexto, mas sim técnica.

Valendo-se de Bolter (1991), a pesquisadora apresenta a *conectividade*, princípio estruturante do hipertexto que determina a conexão múltipla entre blocos de significado. Segundo a análise de Koch, essa característica é qualitativamente diferente do texto impresso, constituindo um potencial revolucionário para produzir mudanças significativas nas formas de acúmulo e circulação da informação, devido à capacidade de justapor documentos alternativos e complementares. Cabe aqui indagar se precisamos de mais um atributo técnico-informático para o hipertexto, sobretudo quando essa

³³ Minicurso intitulado “**Usabilidade e acessibilidade: novas orientações para o uso da tecnologia**”, ministrado por Lafayette B. Melo (CEFET/PB), no 2º Simpósio sobre Hipertexto e Tecnologias da Informação: multimodalidade e ensino, realizado em Recife, 2008.

característica não acrescenta algo além do que já sabemos com outras características.

Como se não fosse já excessivo o número de características do hipertexto, podemos notar que elas são ainda redundantes. A *descentração*, por exemplo, é uma característica citada por Koch (2003; 2008) que sendo descrita pelo deslocamento indefinido de tópicos, liga-se à não-linearidade, mas também à *fragmentariedade* e à *espacialidade topográfica*. Além disso, observa Komesu (2005a) não é exclusividade do hipertexto, razão pela qual Koch (2008) também a designa pelo termo multicentrado.

Por fim, a *iteratividade*, segundo Marcuschi (1999) diz respeito à natureza intrinsecamente intertextual do hipertexto marcada pela recursividade de textos ou fragmentos. Essa compreensão, muito ligada à intertextualidade, é descrita por Koch (2003) como em decorrência da natureza intrinsecamente polifônica e intertextual, pois o texto múltiplo, que funde e sobrepõe inúmeros textos acessíveis ao simples toque do *mouse* possibilita o “encontro e/ou entrechoque das diversas vozes que permeiam esses textos” (KOCH, 2003, p. 68). A mesma característica é renomeada por Koch (2008) como intertextualidade.

Os quadros, na página seguinte, nos dão uma ideia do número de características que têm sido apontadas pelos autores por nós analisados, primeiramente comparando Marcuschi e Koch, a seguir, Komesu e Xavier. Pode-se conferir nas figuras a seguir, se comparadas as linhas no sentido horizontal, uma mesma característica denominada por termos diferentes, o que julgamos problemático, sobretudo, dadas as explicações redundantes e pouco esclarecedoras vistas nesta seção. Em **negrito**, as características por nós destacadas para a hipertextualidade:

CARACTERÍSTICAS DO HIPERTEXTO I			
MARCUSCHI		KOCH	
1999	2000	2003	2008
NÃO-LINEARIDADE	NÃO-LINEARIDADE	NÃO-LINEARIDADE	NÃO-LINEARIDADE ou NÃO- SEQUENCIALIDADE
VOLATILIDADE	VOLATILIDADE	VOLATILIDADE	VOLATILIDADE
TOPOGRAFIA	TOPOGRAFIA	ESPACIALIDADE TOPOGRÁFICA	ESPACIALIDADE TOPOGRÁFICA
FRAGMENTARIEDADE	FRAGMENTARIEDADE	FRAGMENTARIEDADE	FRAGMENTARIEDADE
MULTISSEMIOSE	MULTISSEMIOSE	MULTISSEMIOSE	MULTISSEMIOSE
ACESSIBILIDADE ILIMITADA	ACESSIBILIDADE ILIMITADA	DESCENTRAÇÃO	DESCENTRAÇÃO ou MULTICENTRAMENTO
INTERATIVIDADE	INTERATIVIDADE	INTERATIVIDADE	INTERATIVIDADE
ITERATIVIDADE		ITERATIVIDADE	INTERTEXTUALIDADE
			CONECTIVIDADE
			VIRTUALIDADE

Figura 11: Características do hipertexto I

CARACTERÍSTICAS DO HIPERTEXTO II		
KOMESU (2005a)	XAVIER	
	2002	2007
VOLATILIDADE	IMATERIALIDADE	IMATERIALIDADE
ESPACIALIDADE TOPOGRÁFICA		UBIQUIDADE
FRAGMENTARIEDADE		
NÃO-LINEARIDADE	NÃO-LINEARIDADE	
MULTISSEMIOSE	CONFLUÊNCIA DE MODOS ENUNCIATIVOS	MULTISSEMIOSE
INTERTEXTUALIDADE	INTERTEXTUALIDADE INFINITA	(HIPER)INTERTEXTUALIDADE

Figura 12: Características do hipertexto II

Tendo avaliado os traços que caracterizam o hipertexto, Komesu (2005a) discute os papéis do autor e do leitor no hipertexto para afirmar, ao final de sua

ponderada análise, que está convencida da necessidade de um olhar mais atento aos componentes não-verbais dos gêneros em emergência. A autora encerra seu artigo ratificando o que passa a considerar o traço mais importante do hipertexto: “a consideração do outro”. Em suas palavras:

Se a única tarefa do autor fosse a marcação dos *links*, ele ainda assim teria em seu horizonte a projeção de uma imagem de leitor. Sendo o leitor *co-autor* ou não do hipertexto, ele sempre estará em relação com uma imagem de autor nas práticas da leitura. **É assim que se dá o acabamento do (hiper)texto: com a participação do Outro (no Outro)**. Trata-se da constituição de uma alteridade multilinearizada, fragmentada, descorporalizada, volatilizante, decorrente de nossas relações atuais com as coisas do mundo (KOMESU, 2005a, p. 108). [grifos da autora].

Para nós, a consideração do outro, embora os autores aqui tenham primado por uma concepção de linguagem sociointeracionista, é relegada na definição do hipertexto. Sendo assim, essa importante consideração acerca do outro, embora sem os pilares da Análise do Discurso Francesa, deverá ser retomada em nossa proposta, ainda que indiretamente, ao falarmos da interação como critério definidor da hipertextualidade, que será expressa pela interatividade, característica a ser explanada no capítulo a seguir.

Por ora, resta justificar o descarte de algumas características hipertextuais, por julgarmos que elas mais se referem ao objeto de ler/escrever que ao seu material enunciativo. Para isso, retomamos Ribeiro (2008a) que, com Chartier (1998), fornece-nos um bom trajeto para os nossos propósitos. Para Ribeiro, a afirmação segundo a qual textos e suportes são inseparáveis, é uma assertiva com a qual concorda, considerando que, fundamentando-se em Chartier, a autora observa que a atenção está voltada para a maneira pela qual as formas físicas – por meio das quais os textos são transmitidos aos seus leitores (ou ouvintes) – afetam o processo de construção do sentido.

Assim, a alegação de Ribeiro (2008a, p. 54), segundo a qual os sentidos do texto jamais estiveram contidos em algum ambiente, fosse ele divisável entre capas ou não, parece-nos não se aplicar à definição de hipertexto, pois desconsidera a sensação de posse e de totalidade que o texto no livro nos dá. Com o hipertexto,

isso de fato não existe o que, de algum modo, parecer sugerir alterações no que diz respeito à construção do sentido. Acaso os novos suportes não mudam gestos, hábitos e maneiras de compreender textos? Navegar não se contrapõe à captação da obra completa, sensação que o impresso dava ao leitor, ideia de que estava tudo ali, entre os dedos?

Além disso, segundo Ribeiro (2008a, p. 57), considerar o ambiente ou desconsiderá-lo em favor do modo de funcionar “parece ser o nó que conduz a uma ou a outra maneira de pensar o hipertexto”. Por isso, a pesquisadora assume a perspectiva dos autores que entendem que os hipertextos já existiam em meios anteriores aos digitais, desconsiderando, em tese, a influência do suporte digital.

Se essas considerações devem ser feitas, por outro lado, não se pode definir o hipertexto tendo em vista características que se aplicam mais ao produto tecnológico, em processo de leitura/escrita que ao material enunciativo que ele enuncia. Nesse sentido, parece impensável que se conceba uma definição de hipertexto que prime por seus aspectos comunicativos, em detrimento de sua técnica. Se não é possível tal proposição, penso também que não se possa objetar a existência do texto sem os inúmeros suportes que ao longo da história o materializaram.

Por outras palavras, ninguém afirma que o texto só existe em um suporte, pois sendo nós, pessoas moldadas pela cultura do impresso, é claro que podemos conceber o texto como entidade abstrata, ao menos para fins de estudo. É possível conceber o texto como entidade abstrata porque sabemos que esse se atualiza em gêneros que são práticas socioculturais e, portanto, construídas coletivamente. Assim, podemos pensar o uso concreto de determinado texto porque já há em nosso sistema sociocognitivo um arcabouço disso.

Curioso é que um gênero hipertextual não goza da mesma interpretação. Segundo Távora (2008, p. 31)

Seria impossível falar em *chat*, como gênero hipertextual, sem a presença da tecnologia que permite a utilização de *hiperlinks*, sons,

imagens, e linguagem verbal escrita, elementos que são incorporados na sua construção, graças aos recursos de multimídia disponíveis no ambiente virtual.

É claro que o uso do *chat* é algo relativamente recente se comparamos a uma lista de compras ou um romance, gêneros com os quais nascemos e convivemos há um bom tempo. Mas só porque a técnica que envolve fazer um *chat* se afigura como nova, construída por programadores, por exemplo, não significa que com o passar dos anos não seja tão acessível e popularizada como os demais gêneros textuais impressos.

Se voltarmos um pouco no tempo, a escrita também já foi privilégio de uns poucos (os escribas acaso não seriam os programadores de hoje?). O que queremos com essa discussão é, valendo-nos da filogênese da escrita, encarar os gêneros hipertextuais com a mesma sofisticação teórica a que já chegou a perspectiva dos gêneros textuais.

Entendemos que considerar a inegável influência do suporte no hipertexto não significa defini-lo com características que mais dizem sobre sua natureza (virtual), que sobre os elementos semiolinguísticos pelos quais se constitui. Essa consideração do suporte estará, portanto, subsumida na descrição das características da hipertextualidade, pois, nesse fenômeno, a multilinearidade é possível em função do suporte multidimensional, bem como a hipermodalidade e a interatividade graças às condições permitidas por esse mesmo suporte, priorizando, contudo, o substrato enunciativo, para que tantas coisas não se misturem. Afinal, ninguém define o texto como uma unidade linguístico/discursiva que existe em um papel. Basta-nos ficar com a unidade linguístico/discursiva, não?

Sendo assim, desconsideraremos nesse trabalho características que dizem respeito, prioritariamente, ao suporte tecnológico, por consideramos que elas, ainda que importantes, são secundárias e subsumidas pelas demais características mais representativas do material enunciativo.

Feitas essas observações, deixamos ao suporte do hipertexto, características como *imaterialidade*, *virtualidade*, *ubiquidade*, *volatilidade*, *fragmentariedade* e

acessibilidade ilimitada. A pergunta que vem a seguir é: Qual é o suporte do hipertexto sobre o qual tanto estamos falando?

Esse trabalho em nenhum momento pretendeu dar conta da resolução dessa questão, muito embora tenhamos que dar uma satisfação sobre os motivos pelos quais discordamos dos autores que nos precedem em matéria de definição hipertextual, como esperamos ter minimamente justificado na seção anterior. A questão do suporte é complexa e cabe se perguntar sobre sua importância nos estudos preocupados com a linguagem. Quando o assunto é hipertexto, a questão é bem controversa.

Xavier (2002) afirma que só é possível o hipertexto em um computador ligado à Internet, pois ele permite a instauração do modo de enunciação digital na tela do computador. Esse modo de enunciação é o resultado do amálgama de modos enunciativos anteriores ao computador, mas que nesse novo suporte, produzem algo novo. O autor, embora defenda a tela como o suporte do hipertexto, deixa claro que a existência deste está condicionada à Internet. Seria o caso de indagarmos se o hipertexto e a hipertextualidade exigem um duplo suporte?

Muitos autores entendem que o suporte do hipertexto não pode ser a tela, mas a Internet (cf. AQUINO, 2006, para citar apenas). Távora (2008) refina o conceito de suporte, entendendo-o como uma instância que permite o registro, o acesso e a atualização da linguagem e que, no caso do hipertexto, a atualização da linguagem se dá na tela, diferentemente de outros suportes, devido a formatações que ocorrem em interfaces.

Desse modo, a tela seria o suporte do hipertexto, mas que não permite o registro, ela não armazena, o que faz Távora considerar que a enunciação digital proposta por Xavier (2002) foge a um paradigma estabelecido, no qual o suporte permitia tanto registro, como atualização e acesso.

Não obstante isso, há ainda a consideração do meio que, por vezes, se confunde com o suporte. Segundo Castells (2003), a Internet é um meio de

comunicação com lógica própria e linguagem própria, o que nos faz lembrar a célebre provocação de McLuhan (1964), ao afirmar que o meio é a mensagem, insistindo na impossibilidade de se separar a mensagem do meio, tendo em vista não serem duas funções separadas. Talvez por isso, tenhamos tantas definições de hipertexto, enquanto mensagem, pelos atributos conferidos ao seu meio ou suporte. Com efeito, convencionou-se dizer que lemos na tela. A Internet seria o meio. Entretanto, poderíamos pensar que lemos através da tela o que um suporte ou um meio nos possibilita, considerando que a tela só atualiza e, portanto, apresenta o material enunciativo.

Seja como for, com Santaella (2003, p. 25), entendemos que “a mediação primeira não vem das mídias, mas dos signos, linguagem e pensamento que elas veiculam”. Por esse motivo, defendemos que, primeiramente, a enunciação há que ser definida em detrimento de qualquer que seja seu meio e/ou suporte. Sem dúvida, a questão do suporte é interessante, mas não está no escopo deste trabalho avançar neste tema. À luz dos nossos objetivos, portanto, está saber como se dão as enunciações em meio digital e para isso o caminho é definir os limites da enunciação digital, redefinindo as propriedades mínimas que caracterizam a hipertextualidade.

4

*Por uma abordagem
enunciativa de hipertextos*

*“(...) é preciso ignorar o que já foi dito e ousar, abrir caminhos,
redizer em outras bases o que já foi dito ou até mesmo ficar sem ter
o que dizer”.*

(BORGES NETO, 2004, p. 7)

*N*o presente capítulo concentramos esforços para dar contornos a uma teoria que carece de algumas fronteiras, ainda que não se possa ultrapassá-las. A necessidade é premente, tendo em vista que na busca de entender o hipertexto muitos e diversos são os caminhos traçados. A reflexão acerca do todo e do diverso suscitada por Marcuschi (2005a) no capítulo 1 forneceu-nos os primeiros indícios para estabelecermos a distinção necessária entre hipertextualidade e hipertexto, com base mesmo na perspectiva de gêneros por ele tão bem reivindicada.

Os gêneros do universo digital, pelos quais os hipertextos são constituídos, apresentam características hipertextuais em seus enunciados que se deixam perceber de forma gradativa. Essa compreensão permite-nos postular que as características do hipertexto se aplicam, na verdade, à hipertextualidade, pois haverá sempre de se indagar a natureza do hipertexto ou um conjunto deles.

Caminhos para essa compreensão foram abertos desde a tipologia hipertextual de autores como Snyder (1997), à avaliação de hipertextos por Xavier (2002), a qual apontava para as suas diferenças, sugerindo-nos um *continuum* que considera hipertextos mais e menos parecidos com o impresso e, sobretudo, em sua definição de tecnologia enunciativa que viabiliza o modo de enunciação digital.

Mas é com Araújo (2006), na consideração do ambiente em que emerge a constelação de *chats*, que percebemos a necessidade de melhor definirmos a hipertextualidade como elemento fundante dos gêneros hipertextuais.

Diante disso, neste capítulo apresentamos nossa proposta de uma possível abordagem enunciativa de hipertextos que considera a hipertextualidade o construto teórico que se pode definir ontologicamente, sem a necessidade, portanto, de recorrer-se a pesquisas empíricas. A reflexão independentemente da análise de um hipertexto em particular e considerando-o, ao mesmo tempo, para um refinamento teórico.

Nossa proposta toma como aporte teórico as formulações teórico-filosóficas de Bakhtin ([1953] 1997), relativas aos conceitos de enunciação, enunciado e gêneros e com eles estabelece a relação hipertextualidade, hipertexto e gêneros hipertextuais, postulando que não se chega à hipertextualidade sem o hipertexto que por sua vez não o é sem os gêneros hipertextuais que o constitui. Vamos a ela.

4.1. Como pensar um conceito

Antes que se queira criticar qualquer definição, é preciso ter em mente que “não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.27).

É precisamente essa compreensão que nos auxilia na busca de uma definição de hipertexto com base em critérios mais claros e teoricamente detalhados. Essa compreensão nos levou a concluir que, se todas as características e, portanto, os componentes do hipertexto, não o constituem, no sentido de que não se apresentam imediatamente em qualquer de seus exemplares quando tomados aleatoriamente, estamos considerando, primeiramente, um conjunto de hipertextos e, em essência, a hipertextualidade.

Além disso, só a diversidade de um objeto como o é o hipertexto, multifacetado em múltiplas esferas sociodiscursivas de um hiperespaço em expansão, sustentaria uma generalização.

Essa generalização, que é o todo (até aqui considerado hipertexto), não se deixa definir nem pela ausência de características, nem pela eleição de uma apenas. Sendo o todo, agora a hipertextualidade, é possível defini-la pela ausência de uma outra característica, mas não de ser eleitas características necessárias, sem as quais a hipertextualidade não pode ser classificada com tal. Passemos aos esclarecimentos de ordem terminológica.

Segundo Marcuschi (2007), ao estabelecer a definição de um termo, deve-se considerar as propriedades *necessárias*, as *suficientes*, as *relevantes* e as *centrais* para esse fim. As propriedades necessárias são aquelas sem as quais o 'X' não pode ser classificado como tal. A ausência dessa propriedade leva a afirmar que X não é isso. Uma propriedade é suficiente quando ela basta para classificar um X como X sem se importar que outras propriedades esse X tem. Sua presença leva à conclusão de que isso é um X. Já as propriedades relevantes contribuem de modo decisivo para a caracterização do termo em pauta, embora não sejam nem necessárias, nem suficientes. Por fim, as propriedades centrais permitem que um X possa ser caracterizado como X mesmo na ausência de algumas propriedades que permitem uma "descrição perfeita". Neste caso, pode-se definir algo, considerando que determinada propriedade é mais central, ou importante, que outra.

Como em nosso caso, tratamos de uma redefinição, tomamos características ou propriedades já atribuídas a outro objeto teórico e o analisamos de maneira que se enquadre na nova proposta. Por outras palavras, sendo a hipertextualidade, o nosso termo a ser redefinido, buscamos no hipertexto aquilo que já lhe foi atribuído como critério definidor na literatura.

Essa redefinição, então, buscará, de acordo com Marcuschi (2007), as propriedades necessárias à hipertextualidade, aquelas sem as quais ela não se caracteriza. Essa opção se fez necessária, porque diante do número excessivo de critérios apontados, percebemos que alguns são mais recorrentes e, portanto, garantem a sustentação teórica necessária.

Assim, enquanto a hipertextualidade precisará se definir por propriedades necessárias, ao hipertexto será eficaz uma definição que considere características relevantes, segundo a terminologia fornecida por Marcuschi (2007), já que o hipertexto, sendo parte, já contém, em maior ou menor grau, as características necessárias da hipertextualidade. O que interessa à particularidade do hipertexto é justamente a característica relevante, e mesmo as centrais, que permitirão distinguir a natureza hipertextual de um e de outro hipertexto, em função de seus gêneros.

Embora esse trabalho não se dedique a redefinir o hipertexto, esclarecemos que uma característica é considerada relevante, segundo Marcuschi (2007), se ela contribuir de modo decisivo para a caracterização do termo em pauta, como “no caso de metal” que pode ter como propriedade a boa condutividade elétrica, mas que na ausência desta, o metal não se descaracteriza; logo, a boa condutividade elétrica não é necessária nem suficiente.

Já as características centrais são propriedades que permitem que um X possa ser caracterizado como X mesmo na ausência de algumas propriedades que permitem uma descrição “perfeita”. Assim, se entendo que o hipertexto é um produto semiolinguístico que só ocorre em ambiente *on-line*, por exemplo, mas o mesmo pôde se realizar *off-line*, como as mensagens via MSN sobre as quais falamos no capítulo anterior, é possível que o hipertexto não se descaracterize e o continue sendo, pois outras características de maior peso estão presentes.

Feitos esses esclarecimentos iniciais, gostaríamos de esclarecer que a análise aqui proposta não é, de nenhum modo, algo enrijecido e inflexível, o que acreditamos não se aplicar à natureza flexível de nosso objeto. Demos contornos mínimos necessários à tarefa, para fornecermos agora explicações de ordem prática e necessária ou questões de ajuste.

Como sabemos, embora o exercício de definir exija rigor, quando lidamos com a complexidade dos fatos, precisamos de um certo grau de maleabilidade. Esse grau, em nossa proposta, será conferido em subcategorias, no sentido de

demonstrar em que medida as características definem o objeto, se elas precisam se apresentar em conjunto, ou numa relação de gradação.

Para isso, seguimos os ensinamentos de Deleuze e Guattari (1997, p.27), os quais nos advertem para a consideração de que “não há conceito que tenha todos os componentes, já que seria um puro e simples caos”. É por esse motivo, que apresentaremos as características necessárias da hipertextualidade. Assim, alguém poderá acessar a Internet, deparar-se com um hipertexto específico, apontar uma característica por nós não conferida e, ainda assim, a hipertextualidade não se descaracterizará. Essa orientação nos mostra, desde já, como procedermos com objetos complexos.

Outra orientação que se soma a essa concerne à distinção relativo *versus* absoluto, pois, por meio delas, aprendemos, com Deleuze; Guattari (1997, p. 33-34) que

o conceito é, portanto, ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. É absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário.

Isso quer dizer que a hipertextualidade, definida ontologicamente, enquanto entidade genérica, apresenta conceitos absolutos, puros. Já se definida a partir de qualquer de suas porções, ou de quaisquer de seus hipertextos, apresenta conceitos que lhe são relativos, pois o fragmento pode distorcer o todo. Essa observação é importante porque aponta para a interseção necessária entre os componentes dos conceitos distintos. Sobre isso, Deleuze; Guattari (1997, p. 31) reforçam que

é próprio do conceito tornar os componentes inseparáveis *nele*: distintos, heterogêneos e todavia não separáveis, tal é o estatuto dos componentes, ou o que define a *consistência* do conceito, sua endo-consistência. É que cada componente distinto apresenta um recobrimento parcial, uma zona de vizinhança ou um limite de indiscernibilidade com um outro.

Assim, embora tenhamos uma variedade de hipertextos, deverá haver um número mínimo de características que nos permita definir a hipertextualidade como uma instância maior e, simultaneamente, deverá haver características distintas para garantir a diferença, numa instância menor, pois “cada conceito será o ponto de coincidência, de condensação ou de acumulação de seus próprios componentes (DELEUZE; GUATARI, 1997, p. 32).

Cumpramos advertir ainda que não pretendemos aqui um retorno ao paradigma da modernidade que enfatize o controle pela regulamentação, categorização, classificação e busca de limites precisos. Estamos cientes de que nos inscrevemos em um paradigma pós-moderno, fundante de uma ótica que se opõe aos controles rígidos e frequentemente aborda fenômenos de estudo mais complexos a partir de um olhar multidisciplinar e, por isso mesmo, encerramos essa seção com Deleuze; Guattari (1997, p.27), na convicção de que “o conceito é questão de articulação, corte e superposição. É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário”; e, com Marcuschi (2005a), que nos ensina que esse todo é o diverso em sua unidade.

4.2. Aporte teórico-enunciativo: bases bakhtinianas

Feitas as considerações iniciais de ordem mais operacional, apresentamos agora os alicerces de inspiração maior de nossa proposta teórica, a saber, as formulações teórico-filosóficas de Bakhtin ([1929] 2004; [1953] 1997) relativa aos conceitos de enunciação, enunciado e gênero.

Em uma perspectiva diferente, o conceito de enunciação foi proposto por Benveniste (1966), contexto em que a Linguística tinha como perspectiva uma análise estrutural que, por sua vez, tomava como unidade de análise a frase. Nessa perspectiva, a Linguística da Enunciação analisa, em uma situação real de interação, a subjetividade do locutor a partir de marcas linguísticas em um enunciado. Esse enunciado é uma “frase” proferida por um sujeito-enunciador real, que difere da oração abstrata descrita pelos gramáticos, por ser considerada um

acontecimento único, ancorado no tempo e no espaço, que é carregado de marcas de subjetividade, sobretudo nos pronomes pessoais.

Diferentemente de Benveniste (1966), para quem a enunciação tinha limites estritamente *linguísticos*, Bakhtin ([1929] 2004) concebe a linguagem como inseparável e em relação de igualdade com os contextos histórico, cultural e social. Em função disso, sua abordagem para o fenômeno linguístico propõe o dialogismo como uma categoria que busca compreender que todo discurso reflete e refrata outros discursos já ditos.

Assim, em cada ato de fala, em cada discurso, ocorre a manifestação do ideológico, pois um mundo de crenças e de valores se presentificam num eco de outras vozes, de outros dizeres, de outros discursos, compondo o que devemos entender por enunciação. Nesta perspectiva, a enunciação forma com a sua parte mais perceptível, o enunciado, um todo indissociável. Sendo assim, a análise de um não se dá sem a consideração do outro razão pela qual a unidade da língua em uso, o enunciado, é inseparável da situação enunciativa na qual é proferido.

Como o próprio Bakhtin ([1953] 1997) observa, até aquele momento dos estudos da linguagem, se dava muita atenção à natureza verbal do enunciado, a seus princípios constitutivos, como a relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado. Segundo o autor, há outros elementos importantes a serem observados, pois no momento em que um sujeito-enunciador toma a palavra e realiza seus enunciados concretos, esse falante re-constrói a realidade, objeto de seu discurso, levando os objetos de enunciação a nunca estarem acabados.

Desse modo, ocorre o diálogo (em sentido amplo) que é sempre infinito, na medida em que sempre há falas, réplicas, tréplicas e, sucessivamente, há comentário de falas, réplicas de tréplicas *ad infinitum*. O não-acabamento, portanto, é uma categoria necessária que diz respeito à enunciação e à *postura responsiva ativa* do interlocutor diante de um locutor que não só se refere a enunciados já-ditos, mas também a futuros, antecipando-se (BAKHTIN, [1929], 2004).

Essas considerações são importantes para o nosso trabalho porque lidam com a interação real entre os sujeitos, entre o que eles são e o que se constituem na e pela linguagem. Nada se nos apresenta mais fiel a essa realidade que o hipertexto.

Pensemos, por exemplo, nas interações no *Orkut* que, no Brasil, tornou-se um dos espaços de relações sociais mais populares. Nele criamos uma imagem do que queremos mostrar aos outros, desde um perfil que contém um texto sobre nós mesmos, até a escolha das fotos, dos amigos que aceitamos, das comunidades que escolhemos. Cada escolha feita no *Orkut* é prova de que nossas interações, mediadas pela linguagem, constituem-nos e, ao mesmo tempo, assujeitam-nos, pois há um jeito de se posicionar e um jeito de dizer nesse ambiente enunciativo.

Em hipertextos dessa natureza, ensina Araújo (2008, p. 125-126),

ao mesmo tempo em que o sujeito navegador se encontra em relação com o ambiente internetiano, ele precisa arregimentar e manter relações com os outros sujeitos que também estão no mesmo ambiente. Além dessas, o internauta mantém relações consigo mesmo com uma escrita que lhe exige um nível sofisticado de letramento digital para compreender seus pares e se fazer entender por eles.

A consideração do sujeito que enuncia e do lugar de onde enuncia são fundamentais a uma compreensão de língua enquanto objeto de interação. De acordo com Bakhtin (1997, p. 303) “são muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera”.

Para Bakhtin (1997), a utilização da língua em modos variados se realiza porque os integrantes das esferas da atividade humana são também diversos e expressam sua subjetividade na forma de enunciados que podem ser orais ou escritos, mas são concretos e únicos, visto que são intrinsecamente ideológicos.

Nesse sentido, a consideração de que o elemento linguístico deve sempre levar em conta que sua produção é um ato, um evento, um acontecimento e que

visa a uma resposta, porque “não pode haver enunciado isolado”, fornece-nos a teoria necessária para considerar que os hipertextos não podem ser definidos como entidades abstratas, sem a consideração dos sujeitos que neles interagem.

Assim, os hipertextos serão tomados em conjunto para designar a enunciação digital, ao passo que cada hipertexto se compõe de enunciados, que são os gêneros digitais, ou gêneros hipertextuais. Por enunciado, entendemos, com Bakhtin (1997), toda forma de utilização da língua, seja oral, seja escrita, que emana dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. Cada enunciado, unidade real da fala, é concreto e único e, ao mesmo tempo, possui características estruturais que são comuns a outros enunciados.

Por isso mesmo, talvez diante do hipertexto, estejamos a falar sempre de enunciados, mas essa questão não será por nós verificada. Nossa definição fornece elementos para definir o hipertexto, mas é para definir a hipertextualidade que nossos objetivos se dirigem.

Interessa-nos, contudo, estabelecer que, se cada enunciado, de acordo com Bakhtin ([1953] 1997), caracteriza-se por um conteúdo temático, um estilo (verbal) e uma estrutura composicional, cada hipertexto há que ser definido por um conjunto de características que o ordena, em função da especificidade da esfera comunicativa da qual faz parte e dos gêneros hipertextuais que apresenta. Diferentemente disso, estaremos tratando de hipertexto em sentido ontológico, que preferimos designar de **hipertextualidade**. E por que a diferença?

4.3. Hipertextualidade e hipertexto: distinções

A motivação inicial para essa compreensão vem de Bakhtin ([1953] 1997, p. 279) ao enunciar que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” em forma de enunciados, que são concretos e únicos, sejam orais ou escritos. Essa afirmação, que abre o tão citado ensaio sobre a problemática da definição dos gêneros do discurso, levou-nos a observar a importância de se considerar as condições

específicas e as finalidades dos enunciados, ou a heterogeneidade funcional dos gêneros.

Com isso, Bakhtin chamava-nos a atenção para o lugar de onde emanam esses enunciados, as esferas da atividade humana, tal como perspectiva sociointeracionista de linguagem, a qual considera o lugar de onde se diz alguma coisa. Este é um aspecto importante porque nos remete ao sujeito enunciator e as crenças e culturas de seu grupo social.

Cruzando essa percepção com o conceito de enunciação digital para o hipertexto, formulado por Xavier (2002) e tendo em conta que o autor concebia a linguagem nos termos bakhtinianos, é de se supor que o conceito de enunciação não se aplica a um universo de hipertextos abstratos, já que há em sua pesquisa uma análise de hipertextos. Essa constatação, contudo, não foi à que chegamos.

O modo de enunciação digital de Xavier (2002), ao contrário, generaliza mais que especifica, numa definição circular que nos obriga a entender apenas que a novidade é o ambiente digital.

Aliado a essas constatações, Araújo (2006) dá destaque importante à natureza desse ambiente digital, redefinindo a noção de “esfera da atividade humana”, que se encontrava carecendo de uma maior precisão conceitual em Bakhtin.

Segundo Araújo, a “esfera de comunicação humana” relaciona três noções importantes que ajudam a entender o espaço do ambiente digital. Pelo termo “esfera” tem-se as noções de renovação constante e de dilatação. O termo comunicação, em lugar de atividade (como no original em Bakhtin) alude à (inter)ação e, finalmente, o termo “humana”, conferindo um caráter de humanidade, ao qual acrescentamos, evoca os sujeitos que enunciam.

Assim, na esteira de Bakhtin ([1953] 1997), Araújo (2006) afirma que quando as necessidades enunciativas dos indivíduos se complexificam, é sinal de que o espaço onde estão inseridos os sujeitos também sofre alterações, o que

consequentemente, leva à complexificação dos gêneros. Segundo Marcuschi (2005, p. 27) “a Internet não é um ambiente virtual homogêneo, mas apresenta uma grande heterogeneidade de formatos e permite muitas maneiras de operação relativas à participação e aos processos interativos”.

Tudo isso nos permite induzir que uma definição de hipertexto que não contemple a diversidade de gêneros hipertextuais que emergem de esferas comunicativas digitais se mostra insatisfatória. E por que, então, hipertextualidade?

Araújo (2006) também nos auxilia aqui. Embora esse autor tenha usado indistintamente os termos hipertexto e hipertextualidade, ao lado de muitos outros (cf. PRIMO, 2004; MARCUSCHI, 2005; COSCARELLI, 2007), é ele quem nos fornece as pistas para pensarmos diferente. Para o autor, a categoria hipertextualidade é extraída da categoria esfera, devido à natureza do domínio discursivo digital em que se realizam os gêneros por ele analisados, no caso, os *chats*. Nesse sentido, Araújo (2006, p. 84) considera a Internet uma esfera³⁴ de comunicação humana porque “ela agrega e engendra variadas práticas discursivas que trazem a reboque características bastante distintas”.

Considerando que, quando se fala em tecnologia estamos diante de um célere avanço, é natural supor que na Internet não se situam só *constelações de chats*, como o próprio Araújo (2006) reconhece em nota, que transcrevemos abaixo

Reconheço que as constelações de gêneros são muitas e que, por isso, os gêneros que as compõem podem estar em esferas distintas. A carta, por exemplo, é uma constelação cujos gêneros se ambientam em esferas diferentes (cf. MAIOR; BEZERRA, 2000)³⁵. Assim, não descarto a

³⁴ No mesmo trabalho, o autor afirma que o hipertexto encerra a característica mais saliente da esfera discursiva digital (cf. ARAÚJO, 2006, p. 86), diferentemente de nossa postura, que a entende como fenômeno. Isso, porém, não invalida a contribuição teórica do autor ao nosso trabalho, como se verá aqui.

³⁵ MAIOR, A. C. S.; BEZERRA, M. A. O gênero ‘carta’ e suas variedades. **ANAIS DA XVIII JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**. Salvador: Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)/Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2000, p. 740-743.

possibilidade de encontrar constelação de gêneros que se ambientam em esferas diferentes e outras cujos gêneros se ambientam em uma única esfera, como é o caso dos chats objeto desta investigação (ARAÚJO, 2006, p. 77).

Diante disso, podemos dizer com Araújo que outras constelações existem não só fora, mas dentro do ambiente digital, já que o conceito de “esfera” sugere, como o próprio autor nos ensina, expansão. Essa observação é importante porque agrupamentos de gêneros se ampliam em esferas comunicativas pelos mais diferentes hipertextos, o que levou Araújo (2008) a rever sua postura quanto à definição de esfera atrelada à Internet, como se verá mais adiante.

O que toda essa discussão nos mostra é que a definição de hipertexto não se vale de aspectos como os aqui considerados, sobretudo, a expansão de práticas sociodiscursivas diferenciadas. As definições de hipertexto, em especial a de “enunciação digital” proposta por Xavier (2002), por já nos trazer uma nomenclatura concernente aos postulados de Bakhtin ([1953] 1997), com os quais nos fundamentamos, parecem negligenciar um aspecto básico, o de que o domínio discursivo digital é híbrido em sua essência.

A partir disso, postulamos que, somente pensando em termos de hipertextualidade, podemos concordar com a expressão “enunciação digital”, que, por esse motivo, nos será tomada para redefinição, salvaguardando a generalização conferida por Xavier (2002), ao designá-la hipertexto.

Para nós, a hipertextualidade se situa e só existe no *hiperespaço*. Nesse sentido, a hipertextualidade não se confunde com a Internet, mas é nela, em seu conjunto de redes em permanente expansão, que ela se manifesta. Quando afirmamos que a hipertextualidade se situa em um *hiperespaço* fazemos outra escolha teórica importante. O termo *hiperespaço* se nos apresenta mais adequado a um trabalho que não tem como enfoque a caracterização detalhada desse lugar de enunciação. Trata-se de uma proposta inicial que “de maneira mais neutra” julga que é esse o termo que nos convém, apesar de estarmos cientes de que poderíamos

denominá-lo de ciberespaço, considerando que o termo cibercultura é bastante utilizado³⁶.

Em nossa elaboração teórica, os termos *hiperespaço*, *esferas* e *hipertextualidade* situam-se em camadas justapostas no espaço virtual. A figura abaixo nos dá uma imagem do lugar em que essas categorias se estruturam hierarquicamente:



Figura 13: Lugar da hipertextualidade

A figura acima tenta ilustrar, em camadas sobrepostas, o lugar da hipertextualidade. Esse lugar é o hiperespaço, no qual co-existem diferentes esferas comunicativas.

De acordo com Araújo (2008), nesse *hiperespaço*, existem diversas esferas de práticas de comunicação e de interação humanas, tais como a publicidade, o jornalismo, a educação, para citar apenas algumas. Para o autor, com quem concordamos, a *Web* é considerada o lugar no qual emergem hipertextos conforme as esferas comunicativas e, conseqüentemente, os gêneros hipertextuais característicos dessas esferas.

³⁶ A esse respeito, esclarecemos que a escolha pelo termo *hiperespaço* não exclui a consideração da *cibercultura*, apenas se situa em um nível mais amplo que este, na medida em que designa mais o lugar onde as relações sociais e culturais que estas próprias relações.

Contudo, a não-distinção entre Internet e *hiperespaço* nos situa em um mesmo campo de atuação, o dos estudos sobre a linguagem e não o da Ciência da Computação. Assim, tal distinção é importante porque falar em hipertextualidade é falar de um fenômeno de interação pela linguagem, e falar de Internet é dar conta de todas as relações possíveis que possa haver entre os homens e entre as máquinas, incluindo linguagens de programação e formas de indexação da informação. O termo Internet, portanto, refere-se a uma definição mais técnica e mais abrangente que não nos compete detalhar.

Desse modo, discordamos do conceito de hipertextualidade como imagem da condição humana, proposto por Marcuschi (2005a), pois sendo o hipertexto um conceito oriundo da Informática e só nela tributário das características da hipertextualidade, não podemos postular que essa realidade seja a mesma encontrada no impresso. Argumentamos em favor disso, alegando, primeiramente, a diferença de natureza do suporte virtual. Mas não é a ela que se deve dar o maior enfoque. A diferença está nas propriedades semiolinguísticas conferidas por esse suporte.

Diferentemente da hipertextualidade, enquanto enunciação digital, o hipertexto é sempre aquilo que se permite flagrar nos limites de uma tela, pois, assim como não se tem acesso à enunciação senão pelo enunciado, também só se chega à hipertextualidade pelo hipertexto.

Sempre heterogênea, a hipertextualidade se materializa enquanto objeto de análise na consideração de hipertextos, *no plural*, e não apenas de alguns exemplares. Essa consideração é importante porque, diferentemente de Xavier (2002), para quem o hipertexto é tomado como sinônimo de modo de enunciação digital, entendemos ser a hipertextualidade aquilo que se permite definir de maneira genérica. Assim, quando nos deparamos com as definições para o hipertexto, são essas as indagações que nos surgem: qual hipertexto? Estamos falando de que tipo, especificamente?

Para nós, os hipertextos, estando ligados à hipertextualidade, mantêm características comuns que os agrupam e, simultaneamente, características particulares que os distinguem, num movimento que vai do geral para o particular e do particular para o geral, como, em alguma medida, nos sugere Lima (2008), em sua análise sobre a comunidade discursiva dos *blogueiros* e como já nos havia sugerido Araújo (2003, 2006), ao defender, respectivamente, a natureza hipertextual dos *chats* e a constelação de gêneros que eles formam.

Segundo Araújo (2006), essa compreensão de diversidade e de elemento comum ecoa da tese de Bakhtin, segundo a qual o romance de Dostoievski inaugura uma nova variante de romance (o romance polifônico). Foi inspirado em Bakhtin, portanto, que Araújo (2006) lançou as bases para o seu conceito de constelação de gêneros frente aos *chats*, por ele estudados e entendidos como gêneros que emergem na hipertextualidade em trabalho anterior (cf. Araújo, 2003; 2004).

Segundo Araújo (2006), embora a categoria constelação de gêneros não tenha sido mencionada textualmente nas reflexões de Bakhtin, ela encontra-se nelas subjacentes, a partir da consideração de que o romance admite variedades e tem um poder absorptivo que permite transmutar gêneros de outras esferas, como a carta e a conversa cotidiana, por exemplo.

Assim, Araújo (2006) postula que os *chats* sejam compreendidos em uma organização constelar que se agrupa em torno de características específicas, que lhe são comuns, mas que não significa que sejam iguais. Desse modo, o autor compreende que a variedade dos bate-papos eletrônicos da Internet conserva “elementos imorredouros” dos gêneros orais que os geraram, tendo em vista que tais gêneros parecem transmutar outros, como as conversas cotidianas.

Essa aparente contradição é explicada por Araújo (2006) com base na análise bakhtiniana que postula: um gênero é sempre velho e novo ao mesmo tempo. Desse modo, Araújo entende que nem todo grupo de gêneros forma uma constelação, mas que toda constelação é também um grupo de gêneros que

comungam de um mesmo processo formativo, ainda que contenham propósitos comunicativos distintos. O autor acrescenta que essa compreensão se deve a alterações ocorridas nas esferas comunicativas que permitem que se usem “velhas bases” para novos propósitos comunicativos dos gêneros.

Lima (2008) nos oferece um trabalho em que se mostra tributário dessa perspectiva de considerar características mais gerais e específicas ao pesquisar comunidades *blogueiras*. Em sua dissertação, na qual o autor investiga sobre os critérios que definem a comunidade discursiva dos usuários/produtores de *blogs*, observa que os grupos identificados como sendo “*blogueiros*” são, na verdade, grupos maiores organizados em função de múltiplos subgrupos. Esses subgrupos, por sua vez, são orientados cada um, por objetivos particulares que se inter-relacionam com valores, léxico e gêneros, em grupos maiores e, em consequência disso, ligados a objetivos mais gerais. Assim, Lima propõe que um objetivo maior é partilhado por todos os subgrupos de um grupo maior, que em razão de sua especificidade também compartilha gêneros, valores e léxico, que lhe são também comuns.

Além disso, Lima (2008) entende que esses subgrupos menores organizam-se de forma hierarquizada num todo maior que os identifica como pertencentes a um mesmo grupo maior, e não como diversos grupos independentes entre si. Nesse sentido, o autor redefine o conceito original de comunidade discursiva, dividindo-o em *comunidade discursiva global* e *comunidade discursiva local*. A primeira refere-se a redes sociorretóricas amplas formadas a partir de múltiplos subgrupos organizados hierarquicamente e inter-relacionados entre si; a segunda, designa um grupo menor, pertencente a uma comunidade global com quem, evidentemente, compartilha dos traços comuns da comunidade global, mas que apresenta em sua constituição traços próprios relativos a essas categorias em função de sua hierarquia própria.

Esse movimento analítico justifica então os passos adotados nas seções anteriores neste capítulo, quando advertíamos para a definição de hipertextualidade por características que são comuns ao hipertexto, mas que nele

poderão se manifestar não em termos absolutos, mas sim em termos relativos, em função da especificidade do hipertexto.

Por tal razão, as reflexões acima são pertinentes ao nosso trabalho, na medida em que coadunam com a postura que pretendemos justificar aqui, a de que nada é inaugural, posto que cada enunciado “é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, [1953] 1997, p. 291) e auxiliam-nos a situar hipertextos como num *continuum* que forma o que estamos denominando de hipertextualidade.

Mais que isso, a distinção hipertextualidade e hipertexto, se já não é um dado, ganha novos argumentos inspirados na proposta de Araújo (2006), ao entender que gêneros comungam de características comuns, sem serem necessariamente iguais. Ampliando a aplicação desses conceitos, defendemos que os hipertextos se assemelham por características que lhe são centrais e relativas, em função de seu processo formativo e de seus propósitos comunicativos e que, um núcleo comum desse conjunto fornece-nos as características mínimas, necessárias, para caracterizar a hipertextualidade. Para melhor compreendermos o construto histórico que estamos desenvolvendo aqui, consideremos a figura abaixo:

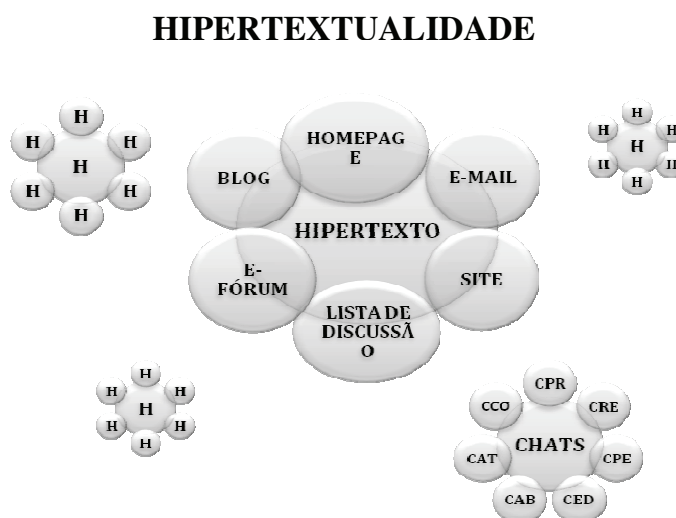


Figura 14: Esquema hipertextual

A figura acima tenta dar conta do que seria uma galáxia hipertextual, para relacionar à metáfora de Barthes (1970) e ao conceito de constelação, aqui já aludidos. O conjunto das figuras representa a hipertextualidade, que contém hipertextos manifestos em gêneros hipertextuais, uns mais conhecidos, outros, nem tanto, o que deixamos em branco na hipertextualidade e pelas iniciais da letra “H”, representando gêneros hipertextuais. Alguns desses gêneros, dispostos em agrupamentos, formam as constelações.

A constelação dos gêneros *chats*, já estudada por Araújo (2006) está representada na forma radial à direita da figura com seus respectivos tipos de *chats*: *chat* aberto, *chat* educacional, *chat* com convidado, *chat* reservado, *chat* personalizado, *chat* privado e *chat* de atendimento ao assinante.

Os gêneros hipertextuais em emergência, que estão em processo inicial de pesquisa, como os apresentados em redes sociais como o *Orkut*, podem ser representados pelas constelações menores, as quais não sabemos ainda nomear.

Hipertextos como os *chats* e os *blogs* apresentem características mais comuns entre si que *homepages institucionais*, por exemplo, mas todos apresentarão aspectos que o situam num quadro teórico maior, que é a hipertextualidade. Esclarecemos que ao referimos aos *chats* e *blogs* como hipertextos, não negamos a perspectiva dos gêneros. Ao contrário, entendemos que estes, sendo gêneros hipertextuais, são necessariamente hipertextos, baseando na mesma relação de que enunciado é gênero.

Dito isto, esclarecemos que a hipertextualidade tem uma natureza informática porque, apesar de não defendermos a supremacia de uma análise tecnológica, havemos de reconhecer as mudanças advindas com elas, sobretudo no redimensionamento de nossas configurações de tempo e de espaço que influenciam sobremaneira nossa relação com a escrita (cf. ARAÚJO, 2008; DIEB; AVELINO, no prelo).

A metáfora barthesiana da galáxia, embora aplicada ao texto, permite-nos estar em consonância com o conceito de constelação de gêneros de Araújo (2006) e, por esse motivo, as formas radial e estelar poderiam expressar nossa concepção de hipertextualidade³⁷. Esta, como uma galáxia, que está sempre em expansão, constitui-se de hipertextos formados por gêneros hipertextuais que se agrupam, formando as constelações, ou se encontram interligados a partir de critérios que esperam ser mais bem sistematizados por analistas de gêneros digitais interessados na temática.

Nesse sentido, quando inserimos o hipertexto em forma central, cujos contornos se assemelham a uma estrela, queremos enfatizar a ideia de expansão. Sendo o hipertexto mais evidente que a hipertextualidade, é natural que ele se mostre mais que ela. A hipertextualidade é ontológica, é a origem.

Resta dizer que essa galáxia, que é a hipertextualidade, é composta de inúmeros hipertextos, textos eletrônicos e outros gêneros textuais e hipertextuais, num *continuum* que vai do mais ao menos hipertextual. Acreditamos que pensar em hipertextualidade e hipertexto permite-nos avançar nos estudos sobre o tema, de maneira a não negar uma tradição histórico-cultural da leitura, tendo em vista que o hipertexto, enquanto porção da hipertextualidade pode apresentar mais ou menos semelhanças com o texto impresso a depender do exemplar de hipertexto a ser analisado.

Nesse sentido, entendemos que, quando Coscarelli (2005, p. 114) afirma que “a leitura de hipertextos não exige do leitor habilidades e estratégias muito diferentes daquelas exigidas na leitura de textos impressos”, refere-se a hipertextos cujo grau de multissêmico e de interação se assemelham bastante ao que ocorre no texto impresso.

³⁷ Uma estrutura multidimensional que pudesse representar isso, seguramente dinamizaria o gráfico, mostrando melhor essa expansão e relação, mas certos limites do papel não podem ser ultrapassados.

Essa compreensão é inferida também com o trabalho de Xavier (2002), que conclui haver na Internet páginas eletrônicas que tendem a ficar sem efeitos sonoros, imagens dinâmicas, fotos ou ícones, ao passo que outras mixam esses elementos de maneira harmônica. O autor, assim se pronuncia

Portanto, o hipertexto parece só se deixar 'decifrar' fragmentariamente, funcionando como uma 'materialidade discursiva', mutante e plural, cuja inteligibilidade potencial é conquistada, lentamente, por meio dos mergulhos nos *hiperlinks* (XAVIER, 2002, p. 33). [destaques do autor]

Ao lado dessa compreensão sugerida em Xavier (2002), inúmeras práticas discursivas são criadas e navegam pela hipertextualidade, a exemplo do que ocorre com as mensagens em *power point*, que têm se popularizado cada vez mais e que levam pesquisadores como Ribeiro (2008) a indagar se estaríamos diante de um gênero em emergência.

Sendo os hipertextos conjuntos de enunciados materializados em gêneros hipertextuais e, considerando a inspiração bakhtiniana, segundo a qual não podemos ter acesso à completude da enunciação, senão pelo enunciado, postulamos então que todo hipertexto refrata, sempre parcialmente, a hipertextualidade e que as categorias **hipertextualidade, hipertexto e gêneros hipertextuais** estão intimamente relacionadas.

Para tornar mais didática a abordagem enunciativa que apresentamos, fazemos um recorte do esquema de hipertextualidade proposto na figura 4, agora em formas mais clássicas, explicitando que a primeira forma, embora seja nomeada pelos gêneros hipertextuais, poderá ser alternada pelo hipertexto, dependendo do que é mais familiar aos usuários.

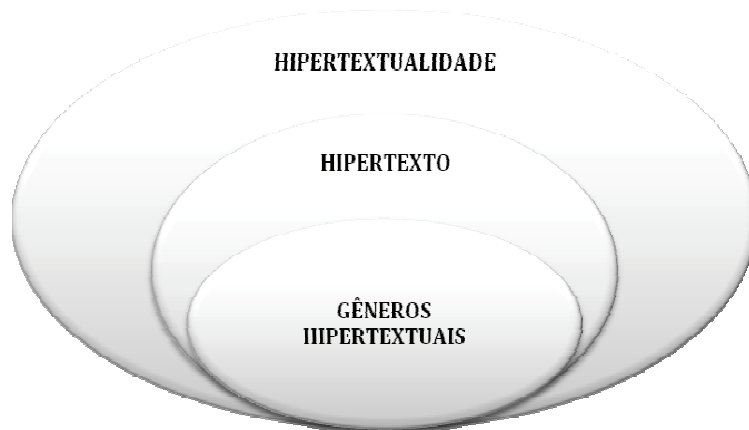


Figura 15: Relação hipertextual

O núcleo da figura traz a expressão “gêneros hipertextuais” por acreditarmos que eles são mais evidentes aos usuários de hipertextos, são mais empíricos, uma vez que é por meio deles que hipertextos se manifestam. A segunda camada, de baixo para cima, é a do hipertexto que, em alguns casos, poderá alternar-se com a dos gêneros. Trata-se de camadas que se sobrepõem, mas dado o caráter sociocultural dos gêneros, estes tendem a serem mais salientes. Esses gêneros, por se valerem de hipertextualidade, são por nós referidos como gêneros hipertextuais. O hipertexto é uma categoria que oscila entre o gênero hipertextual e o gênero, conforme se queira estudá-lo em sua manifestação mais empírica ou como construto teórico.

Ancorando tudo isso, em um plano mais teórico, situa-se a hipertextualidade. Assim, do primeiro plano ao fundo, procedemos da empiria à teoria, que tem em seu ínterim o hipertexto, que pode ser analisado tanto numa perspectiva como em outra, desde que feitas essas demarcações metodológicas, se explique em direção se faz a análise.

Se em um hipertexto ou outro, a diversidade de modos enunciativos e a heterogeneidade não estão tão evidentes, por outro lado, a hipertextualidade é real e virtualmente a imagem de um texto plural, posto que é a enunciação digital que semiotiza e hibridiza dizeres em múltiplas esferas comunicativas, numa galáxia de enunciados. Sua dimensão pode ser conferida se analisarmos o trabalho inaugural

de Araújo (2006) sobre *chats*, abordado aqui, e com outros trabalhos que estão sendo desenvolvidos no grupo de pesquisa Hiperged, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, dada a proliferação, no bom sentido de palavra, de e-gêneros, como os *blogs* que, possivelmente, será estudado como uma genuína constelação, segundo o anteprojeto de pesquisa elaborado por Lima (2009).

Em um estudo sobre as relações sociais estabelecidas no Orkut, Diniz (2006) faz um estudo do aumento exponencial dessas relações, que, sucintamente, pode ser expresso na figura abaixo.

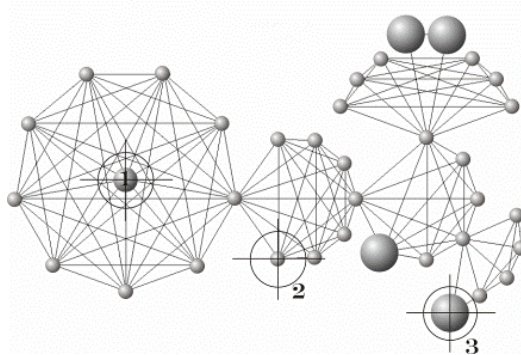


Figura 16: Expansão de uma rede comunicacional no Orkut

Fonte: DINIZ, 2006.

Conforme explicações de Diniz (006), nessa figura, a esfera 1 representa o ponto de partida de uma rede comunicacional. A esfera 2 representa os amigos de uma pessoa e os amigos desses amigos. A esfera 3, representa as comunidades virtuais. Se só o Orkut, uma pequena parte da hipertextualidade possui proporções que podem assim ser representadas, estamos certo de que falar de hipertextualidade é falar teoricamente, genericamente, sobre hipertextos.

Resta-nos dizer que o hipertexto materializa virtualmente a hipertextualidade que encontra sua melhor expressão no espaço multidimensional e *on-line*. As características particulares de cada hipertexto vão, por sua vez, determinar a diferença e, portanto, a não-redundância entre hipertextualidade e hipertexto. Uma definição para hipertextualidade será encontrada na seção a seguir, onde nos dedicaremos ao exercício de redefinição a partir de características

hipertextuais. Portanto, não se está propondo aqui um novo conceito e, como já afirmamos, trata-se apenas de redefinir tomando características atribuídas ao hipertexto, redimensionando-as para a hipertextualidade.

4.4. Características da Hipertextualidade e Redefinição

Nesta seção, elencamos as características que redefinem a hipertextualidade, estabelecendo em que sentido as compreendemos. Essas características, consideradas como necessárias, porque a ausência implica na não-configuração da hipertextualidade, são também contempladas em uma definição por nós apresentada.

Para isso, lembramos inicialmente que entendemos com Deleuze; Guatari (1997), que um conceito é uma ordenação de seus componentes por zona de vizinhança, uma heterogênese de elementos que o compõem, numa relação de complementaridade. Assim, só podemos conceber o hipertexto se definindo por aquilo que o compõe e, portanto, por aquilo que o ordena. Nesse sentido, aquilo que o sujeito realiza com o objeto com o qual interage não nos interessa como propriedade necessária à hipertextualidade, já que o sujeito, no caso, o leitor ou o *hiperleitor*, não é um de seus componentes.

Partindo dessa orientação, a não-linearidade, entendida como a compreensão não-sequencial que se dá em nossas mentes, não será característica definidora da hipertextualidade. Desconsideraremos também, como justificamos no capítulo 3, a intertextualidade, a autoria, a polifonia, por as entendermos como fenômenos que ultrapassam o conceito de hipertextualidade, não a comendo nos termos de uma definição.

Por tudo isso, entendemos por ***hipertextualidade a enunciação digital que se forma a partir dos gêneros hipertextuais que constituem os hipertextos. Trata-se de um fenômeno que se realiza, necessariamente, de forma multilinear, por meio de enunciados multimodais e/ou hipermodais***

que se integram de maneira interativa no *hiperespaço*. Sucintamente, diríamos que a hipertextualidade é um conjunto multienunciativo de hipertextos.

A hipertextualidade é, para nós, um fenômeno cuja realização exige uma postura que vai além da consideração de aspectos como o tempo/espaço da enunciação. Ela mescla os gestos de ler e escrever herdados do texto impresso com os recursos hipermodais integrados e hibridizados em diferentes dizeres que se discursivizam e se apresentam na tela de cristal líquido. Nela, há ocorrência de multissemoses e há também hibridização semiótica, a ponto de não estarmos certos quanto ao tipo de enunciação, se puramente verbal ou não-verbal.

Essa manifestação se dá por meio de enunciados dispostos multilinearmente, que são não só os visíveis pela tela, como também aqueles os quais temos consciência de estarem imersos na hipertextualidade, aos quais chegaremos pelo acionamento dos *links*. Assim, as características *multilineariade*, *hipermodalidade* e *interatividade* são as características necessárias ao conceito de hipertextualidade, como se verá a seguir.

4.4.1 Multilinearidade

Tendo mostrado que o conceito de não-linearidade estava fortemente atrelado somente a uma das perspectivas pelas quais se pode analisar um objeto de ler/escrever (a perspectiva da recepção ou da leitura) e mais brandamente à perspectiva da produção, acabamos por considerar que o prefixo *-não*, no termo não-linearidade, implica um certo rompimento com a linha e com a ordem.

Por outro lado, percebemos que a não-linearidade não era uma característica que poderia simplesmente ser negligenciada. Todos os autores a citam como definidora do hipertexto, alguns chegando mesmo a elegê-la como a única.

Diante disso, e considerando que a linearidade está presente em alguns níveis da língua e mesmo em hipertextos unidirecionais, dos quais não se sai para

outros sem voltar a eles, optamos pelo termo multilinearidade para melhor caracterizar a hipertextualidade.

Desse modo, entendemos que a multilinearidade é propriedade necessária da hipertextualidade que, em função da natureza de seu suporte multidimensional, corresponde ao modos de constituição, de apresentação e de recepção dos sentidos do hipertexto. Sendo o hipertexto composto de enunciados que são os gêneros hipertextuais, é possível que se tenha gêneros lineares, mas isso não descaracteriza a hipertextualidade e constitui objeto para outra investigação. Aliás, também há hipertextos lineares.

Mas em que sentido a multilinearidade se define? Como reconhecê-la? A resposta parece evidente, mas julgamos procedente explicitá-la, porque não estamos nos referindo à disposição visual semelhante ao que temos em um jornal impresso, por exemplo.

Demonstrar a multilinearidade da hipertextualidade não nos é possível através deste papel, mas é possível percebê-la de modo indireto através da navegação realizada por alguém. Imaginemos, por exemplo, que alguém queira saber o que é hipertexto. Muitos caminhos se oferecem, entre eles, começar por um *site* de buscas. Mas, não desejando nenhuma resposta mais acadêmica sobre o assunto, poderia-se chegar a alguma resposta lendo uma série de artigos sobre o assunto ou mesmo *sites* diversos, há *blogs* interessantes sobre o assunto. Percorrendo de *site* em *site*, na hipertextualidade, é possível decidir ver imagens, vídeos, entrevistas, ou mesmo respostas fornecidas por internautas em *fóruns* virtuais, como demonstramos a seguir:



Figura 17: Fórum sobre hipertexto

Fonte: < <http://br.answers.yahoo.com/>>

Essa multilinearidade se dá em níveis que se sobrepõem em interfaces na hipertextualidade. Ao clicarmos sobre os *links*, nós penetramos e trazemos esses níveis à tona, reconfigurando o texto. É nesse sentido que estamos falando, num movimento de dentro para fora e de fora para dentro no *hiperespaço*, sempre atualizando o que se está lendo ou escrevendo.

4.4.2 Hipermodalidade

Vimos com Xavier (2002) e Gomes (2007) que, ao longo da história da humanidade o homem se valeu de inúmeras formas semióticas que, em geral, são categorizadas em código verbal e código não-verbal. O primeiro refere-se à linguagem duplamente articulada e o segundo envolve a imagem, o som, o cheiro, o gesto etc. Desde os primeiros gestos, passando pelas imagens até a escrita, o homem vem sofisticando as formas de dizer, graças, sobretudo, aos suportes eletrônicos e digitais.

Segundo Xavier (2002), essas linguagens semioticamente criadas, socialmente convencionalizadas e pragmaticamente reproduzidas constituem modos de enunciação, em sentido amplo. Esses modos de enunciar, segundo o autor, seja para externar sentimentos, seja para externar fatos ou opiniões, só se realizam por meio de tecnologias enunciativas, que são seus suportes e que demandam a aprendizagem de um conjunto de procedimentos técnicos e cognitivos.

Ainda segundo o linguista, os modos de enunciação verbal e visual se materializam em quase todos os suportes de leitura, desde a pedra, o pergaminho até a tela digital; enquanto o modo enunciativo auditivo se concretiza em suportes naturais e artificiais. Já o modo de enunciação digital só se realiza na tela e é expressa pela seguinte equação enunciativa: $\text{TEXTO} + \text{IMAGEM} + \text{SOM} = \text{HIPERTEXTO} \Rightarrow \text{MODO DE ENUNCIÇÃO DIGITAL}$.

Essa equação enunciativa, como já argumentado em capítulo anterior, não se aplica ao hipertexto, mas à hipertextualidade, ao que acrescentamos que ela tem sua validade apenas se pensarmos sempre em termos de gradação na hipertextualidade.

De nossa parte, preferimos nomear os modos enunciativos como semioses que, ao se misturarem, produzem multisseiose. O hipertexto nem sempre apresenta de modo equilibrado essas multisseioses e, por vezes, sobressaem-se uma(s) em relação às outra(s). Pudemos constatar com Araújo (2006) que as multisseioses ocorrem de maneira desigual nos *chats*, por exemplo.

O termo multisseiose, porém, confunde-se com multimodal, no sentido de que ambos referem-se a semioses múltiplas. Conforme esclareceu-nos Gomes (2007), multimodalidade se relaciona a multimídia, que por sua vez, se baseia no computador. Nesse sentido, a multisseiose independe deste artefato tecnológico e, por isso mesmo, não caracteriza a hipertextualidade, mas o jornal, a revista, a enciclopédia etc.

Além de multimodalidade, que pressupõe necessariamente a integração de gráficos, animações, vídeos, música, fala e texto, ou seja, uma multimídia (conjunto de meios), há o termo hipermodalidade. Segundo Gomes (2007), fundamentando-se em Lemke (2002)³⁸, o termo “hipermodalidade” refere-se, à fusão de multimodalidade com hipertextualidade. Trata-se de uma maneira de nomear as novas interações entre os significados das palavras, imagens e sons da hipermídia, o que permite diferenciar da multimodalidade presente nos textos, como nos jornais ou revistas impressos.

Por essas razões, a característica hipermodalidade é a que mais atende à nossa redefinição de hipertextualidade, pois permite considerar que existam hipertextos muitos semelhantes ao texto impresso, apresentando semioses dispostas lado a lado e outros que apresentam multissemioses ou hibridização semiótica, que, segundo Araújo (2006), pode ser também entendida como a heterogeneidade semiótica, riqueza multimodal que se constituem os gêneros digitais, em razão de os domínios discursivos digitais já nascerem híbridos, dada a junção dos serviços de telefonia com os da Informática. Os hipertextos que mais se valem de hibridização semiótica para fins, sobretudo de interação, apresentam, por sua vez, hipermodalidade. O modo dessa hipermodalidade se manifestar, em razão de sua multilinearidade está intimamente relacionado à interatividade.

4.4.3 A INTERATIVIDADE

O termo interatividade é utilizado em diferentes conceitos e para inúmeros fins. Não pretendendo ser exaustiva, contaremos com o auxílio da perspectiva de teorias da comunicação e da informação para compormos finalmente a nossa definição da categoria.

De início, gostaríamos de destacar que o termo, embora se relacione com interação, dela difere. Segundo Silva (2003), interatividade é a possibilidade do acesso a diferentes estoques de informação em tempo real e, às várias interações

³⁸ LEMKE, J. L. Travels in Hypermodality. *Visual Communication*, v. 1, n. 3, 2002.

entre o usuário e as estruturas de informação contida nesses estoques, que modificam a relação tempo-usuário-informação.

Assim, o termo interatividade, embora banalizado em contextos como o da Mídia, representa-nos a interação dialógica da linguagem no âmbito da hipertextualidade, enfatizando, portanto, que a interação se dá nela e fora dela, e não apenas com o hipertexto como alguns costumam fazer ao exaltarem as novas tecnologias de escrita.

Para Neitzel (2002, p. 118), com quem estamos de acordo, “a interatividade é uma característica do produto hipermediático e pode se manifestar de forma mais ou menos ampla, pois a estrutura hipertextual idealizada pode ser mais ou menos aberta”.

Desse modo, estabelecemos com base em trabalhos da Comunicação, níveis de interatividade. Hipertextos mais dinâmicos, aqueles que permitem interação entre pessoas, e não apenas entre pessoa e máquina, ou a comunicação um-a-um mediada pelo computador, seriam aqueles hipertextos com maior interatividade, ressaltando, acima de tudo a participação ativa dos enunciadores digitais, pois de acordo com Neitzel (2002, p. 144) e com quem estamos, nesse aspecto, inteiramente de acordo “a *escrileitura* e a hipertextualidade não podem ser asseguradas pelo simples emprego de mecanismos técnicos, mesmo que estes estejam voltados para a interatividade”.

O gráfico abaixo mostra que as características por nós apresentadas encontram-se em constante movimento, inter-relacionadas nos fluxos da hipertextualidade.

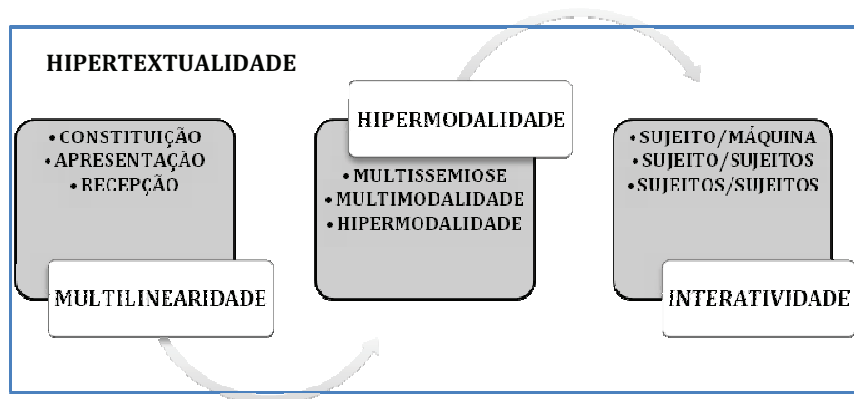


Figura 18: Características da hipertextualidade

Observemos que cada uma das categorias define-se por subcategorias. A multilinearidade pode ser realizada em qualquer desses níveis, sendo que nos níveis da apresentação e da recepção já é garantida. Mas no nível da constituição, quem garante que não seja linear? A hipermodalidade se apresenta pela multisssemiose no hipertexto, que vai se complexificando com os recursos da multimídia para atender a necessidades de sujeitos reais enunciaiores, os quais interagem numa relação sujeito-máquina ou sujeitos-sujeitos via máquina. Vejamos a seguir como pode se dar esse entrelaçamento de características:



Figura 19: Site Jornal de Debates I

Na figura acima, o *site* “Jornal de debates”, disponível no endereço < <http://www.jornaldebates.ig.com.br/>>, há um *banner* publicitário bem no centro e acima que, se acessado, já nos dá uma ideia de multimodalidade e não só de multisssemiose, visto que as semioses se integram por recursos multimídia. Pode-se conferir o movimento da imagem e mudança de anúncios ao longo de alguns minutos. Esse *site* é aberto à intervenção das pessoas que emitem suas opiniões acerca de assuntos polêmicos do momento, logo, apresenta um grau significativo de interatividade. Não é apenas clicar em *links*, mas colaborar com o *site*.

No entanto, as interações se dão via linguagem escrita, logo, sem hibridização semiótica como nos *chats*. Assim, podemos dizer que a interatividade se dá em um grau de hipermodalidade, se considerarmos a propaganda descrita acima e o vídeo à esquerda. Porém, o *site*, no geral, apresenta multisssemiose no que se refere aos enunciados do debate, já que as imagens das pessoas são colocadas ao lado de suas opiniões, como podemos conferir abaixo:

The screenshot shows the 'Jornal de Debates' website interface. On the left, there is a 'Login do usuário' section with fields for 'Usuário ou e-mail' and 'Senha', a 'Login' button, and links for 'Criar nova conta' and 'Solicitar uma nova senha'. The central part features an article titled 'Gilmar Mendes acusa o Governo Lula de conivência com atos ilegais do MST', sent by 'celso.lungaretti' on 26. fevereiro 2009. The article text discusses the government's alleged omission regarding the MST movement. Below the article is a link to 'Leia mais: Gilmar Mendes acusa o Governo Lula de conivência com atos ilegais do MST'. At the bottom, there is a section titled 'DESCRIMINALIZAR SÓ A MACONHA É DEMAGOGIA BARATA' by 'celio.lasmar', also dated 26. fevereiro 2009. The right sidebar contains a 'Canais' section with a grid of tags like 'brasil', 'corrupção', 'cultura', 'economia', etc., and an 'Últimos Debates' section with a list of discussion topics such as 'A maconha deve ser liberada?' and 'Quando o racismo terá fim?'.

Figura 20: *Site* Jornal de Debates II

Nesse sentido, ocorre uma multisssemiose muito próxima àquilo que encontramos nos jornais, ou seja, a imagem como adorno e não integrando a mensagem. A multilinearidade, por sua vez, pode ser constatada tanto nas possibilidades de escolha a serem seguidas, imaginando que alguém ao acessar esse site deseja atualizar-se sobre assuntos do momento, como também na forma

de apresentação desses enunciados. Quando clicamos em um deles, o que está oculto se expande.

Esse exemplo de hipertexto corresponde a uma demonstração mínima de hipertextualidade. Muitos *sites* hoje conseguem ser mais sofisticados tecnicamente, o que permite vislumbrar o alcance dos efeitos que a multimídia provoca na multissemiose e na hipertextualidade. Uma ilustração disso pode ser conferida em *sites* de artes, poesia holográfica ou mesmo de literatura, como o <www.livroclip.com.br>, que transforma a leitura em atividade multimídia via Internet. Nele, autores clássicos são interpretados em animações com trilhas sonoras da música brasileira:



Figura 21: Site Livro Clip

Isso mostra que a hipertextualidade é de fato uma galáxia a ser explorada. A cada dia são inúmeros hipertextos adicionados. Com eles, a diversidade de gêneros a serem estudados. Caminhamos para a personalização cada vez mais precisa de nossas escolhas hipertextuais, do que lemos, do que escrevemos, do que queremos que o mundo saiba de nós. Teoricamente, precisamos correr, antes que os enunciados hipertextuais desafiem-nos, antes que eles desapareçam e dêem lugar a outros.

Considerações Finais

*Assim, por causa da Internet, e apesar da multimídia, temos de fato um hipertexto: não o **hipertexto**, mas meu hipertexto, seu hipertexto e o hipertexto de todos os demais.*

(CASTELLS, 2003, p. 166-167)

Neste trabalho, apresentamos várias conceituações relevantes no campo dos estudos linguísticos sobre o hipertexto, levantando argumentos que auxiliaram-nos na distinção entre hipertextualidade e hipertexto.

Essa distinção nos pareceu necessária porque os trabalhos teóricos sobre o assunto continuam apresentando o conceito de hipertexto de forma geral, desconsiderando a importante categoria e mesmo a existência de gêneros hipertextuais particulares. Os avanços tecnológicos propiciam formas outras de hipertexto que não têm sido contempladas nas definições. A eleição de um único critério definidor do hipertexto ou o excesso de características extrapolam o conceito ou centram-se em propriedades técnicas mais que propriedades enunciativas.

Falar disso, contrapondo-nos a autores importantes, significou trilhar caminhos tortuosos, arriscando e apostando escolhas constantes, mas persistimos no intuito de apontar e revelar um distanciamento e uma complementaridade entre as definições de hipertexto. Distanciamento, se consideradas as diferenças dos hipertextos, complementaridade, porque vimos que todos os autores olhavam ângulos diversos, de um objeto que em nossa percepção convergia para o que chamamos de hipertextualidade.

Assim, percorremos um caminho que, nas trilhas de um percurso histórico, começou a apontar problemas de definição que foram nos conduzindo aos

caminhos de nossas escolhas teóricas. Nesse resgate histórico, argumentamos contra a consideração de uma origem do hipertexto em obras literárias impressas, sob a alegação de que a comparação do texto com o hipertexto se mostrava desigual, na medida em que levava em conta apenas a construção do sentido e, ainda que algumas obras fossem constituídas materialmente com uma estrutura diferente da usual, a materialidade do suporte não lhe permitia uma relação de igualdade com o hipertexto, dada a natureza de seu suporte.

Desse modo, vimos que uma teoria de processamento da leitura é insuficiente para definir o hipertexto pela desconsideração de um dado significativo: o hipertexto não é um texto que se apresenta em um novo objeto de ler, mas uma enunciação em um novo suporte que permite ler/escrever para além do que os códices manuscritos permitiam. Isso não se confunde, portanto, com a compreensão do objeto no sentido de definição teórica, antes ajuda a entendê-lo sob um de seus aspectos.

Para efeitos de pesquisa, sobretudo do ponto de vista metodológico, julgamos prudente pensar em hipertexto e hipertextualidade como termos distintos, na tentativa de que possamos ao menos dissipar algumas confusões terminológicas. Nessa tarefa, contudo, reside o nosso maior desafio, qual seja, permitir um refinamento teórico que seja mais produtivo, já que o que se tem no cenário atual é um confronto de posições que, de um lado, avaliam um pedaço do todo e generalizam a definição de hipertexto, de outro lado, os que tratam o fenômeno em suas especificidades, mas de maneira isolada.

A literatura que vem se formando sobre o tema, apesar de apresentar definições ancoradas em paradigmas socioculturais, parece desconsiderar a diversidade funcional dos hipertextos em razão dos usos diferenciados por seus internautas em gêneros hipertextuais.

Tendo analisadas as diversas características apresentadas ao hipertexto, elencamos, como características necessárias à hipertextualidade, apresentando aqui uma definição que as contempla.

Para nós, o caminho para entender a não-linearidade enquanto propriedade necessária da hipertextualidade não pode ser explicado apenas pela perspectiva cognitiva da leitura, em primeiro lugar, porque não estamos certa de que somos ou não somos lineares; em segundo lugar, porque mesmo que respondamos a essa questão, não temos garantia de que isso se relacione diretamente ao modo de apresentação do hipertexto. Assim, elegemos a multilinearidade como a primeira característica necessária à redefinição de hipertextualidade.

A segunda característica e a terceira estão inter-relacionadas à primeira. A hipermodalidade ressalta o aspecto distintivo dos hipertextos, ao referir-se tanto à simples multissemiose, como à multimodalidade, no sentido de uso dos recursos multimídia, bem como o aspecto interativo, pois não basta sofisticação técnica, é preciso interação. Essa interação, por realizar-se com sujeitos enunciadores em condições de tempo/espço particulares e via máquina é designada por interatividade.

Postulamos aqui que o lugar do hipertexto é a hipertextualidade que se situa, por sua vez, no *hiperespaço*, o que ficaria bastante fácil à nossa proposta teórica se pudesse ser simplesmente reduzido a uma explicação técnica, do tipo *hiperespaço* sinônimo de Internet. Mas as coisas não são fáceis assim...

Há as mensagens *off-line*, há os gêneros que não sabemos se enquadrados como hipertextuais, há até mesmo a busca que pode ser realizada sem o acesso à rede (veja-se, por exemplo, em <www.wikitaxi.org> sobre como ler a *Wikipedia* sem estar conectado à *Web*)... Se estar em rede não pôde ser um critério (à margem, posto que é técnico) de exclusão para a hipertextualidade, pensamos não ter incorrido em equívoco quando também não negamos que textos eletrônicos sejam hipertextos.

A hipertextualidade, para nós, se inscreve em um espaço digital, o *hiperespaço*, mas não somente nas condições técnicas *on-line*. Defendemos principalmente um *continuum* no qual as mudanças tecnológicas sempre

apresentam em um momento inicial gêneros mais representativos e menos representativos dos novos suportes.

Essa compreensão de *continuum* não teria sido possível sem estudiosos como Marcuschi (1999; 2000), Xavier (2002), e, principalmente, Bakhtin (1997) que de um contexto tão diverso continua a iluminar teoricamente práticas discursivas tão recentes como são as hipertextuais. Seus postulados para enunciação e enunciado foram decisivos para situar o geral e o particular em nossa abordagem, que pretendeu ser uma abordagem enunciativa de hipertextos.

Vimos que muitos estudos preparam essa reflexão, entre os quais citamos os de Araújo (2003; 2006) sobre os *chats*. Há prática discursiva mais representativa da hibridização semiótica nos novo suporte de escrever/ler que eles? Saber qual o suporte do hipertexto, entretanto, continua em aberto. Nem sequer pretendemos defini-lo, pois redefinir a hipertextualidade já exigiu um caminho árduo para quem pretendia apenas cumprir um ritual de iniciação acadêmica.

O diálogo que foi sendo travado com os principais interlocutores neste exercício reflexivo nos fez relativizar muitas vezes. Na tomada de escolhas difíceis, muitas vezes penosas, fomos deixando frestas por onde novos olhares podem ser vislumbrados e por onde pesquisas empíricas poderão refutar-lhes, confirmar-lhes ou mesmo rejeitá-las. Cabe ao crivo de meus pares.

Entre essas frestas, acreditamos que o tema da intertextualidade e do hipertexto merece atenção, considerando a hipertextualidade ou tipos de hipertextos, para que não se proceda de maneira superficial. Também um estudo empírico sobre os usos que se faz de hipertextos, atentando-se para os seus enunciadores, contribua para refinar as características necessárias à hipertextualidade, aqui eleitas, confrontando-as com as evidenciadas por hipertextos particulares, bem como as descartadas. Resta ainda resolver o problema do suporte do hipertexto e da hipertextualidade. Enfim, muito há por ser feito... Mas esperamos ter fornecido um bom caminho.

Referências

- AQUINO, M. C. Um resgate histórico do hipertexto: o desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da web e o retorno aos preceitos iniciais através dos novos suportes. **UNIREvista**, vol. 1, nº 3, jul. de 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/> Acesso em: 22 dez. 2009.
- ARAÚJO, J. C. Pra tc c a galera vc tem q abreviar muito: o internetês e as novas relações com a escrita. In: DIEB, M. (Org.) **Relações e saberes na escola**: os sentidos do aprender e do ensinar. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 119-134.
- ARAÚJO, J. C. **Os chats**: uma constelação de gêneros na internet. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: PPGL/UFC, 2006.
- ARAÚJO, J. C. **Chat na web**: um estudo de gênero hipertextual. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL/UFC, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, R. **S/Z**. Lisboa: Éditions du Seuil, 1970.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**, vol. 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BEZERRA, B. G. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Texto e discurso sob múltiplos olhares**: gêneros e sequências textuais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 9-37.
- BOLTER, J. D. **Writing space**: the computer, hypertext, and the history of writing. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.
- BORGES-NETO, J. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRAGA, D. B. A natureza do hipertexto e suas implicações para a liberdade do leitor e o controle do autor nas interações em ambiente de hipermídia. **Revista da ANPOLL**. n. 15, jul./dez, p. 65-85, 2003.
- BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In. MARCUSCHI, L. A.;

XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 144-162.

BUSH, V. As we may think. **The atlantic monthly**, vol. 176, v. 1, julho de 1945. Disponível em <<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>> Acesso em: 30 Nov. 2008.

CAIADO, R. V. R. Ortografia no gênero weblog: entre a escrita digital e a escrita escolar. In. ARAÚJO, J. C. (Org.). **Internet & Ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 35-47.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**. Do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1998.

COSCARELLI, C. V. Entre textos e Hipertextos. In: COSCARELLI, C. V. (Org.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a, p. 65-84.

COSCARELLI, C. V. Os dons do hipertexto. **Littera**: Linguística e Literatura. Ano IV. Nº 4. Pedro Leopoldo: Faculdades Integradas Pedro Leopoldo, 2006b, p. 7-19.

COSCARELLI, C. V. A leitura de hipertextos: charge. In: ARAÚJO, J. C. & DIEB, M. A. (Org.) **Linguagem e educação**: fios que se entrecruzam na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 65-88.

CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DIAS, M. H. P. **Hipertexto**: o labirinto eletrônico, uma experiência hipertextual. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2000.

DIEB M; AVELINO, F. S. B. “Escrevo abreviado porque é muito mais rápido”: o adolescente, o internetês e o letramento digital. In. ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Org.). **Letramentos na web**: gêneros, interação e ensino, no prelo.

DINIZ, L. A. G. Cibercultura e literatura: hipertexto e as novas arquiteturas textuais. **ALEA**, v. 7, n. 2, jul./dez., 2005, p. 209-222. Disponível em <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 30 Jan. 2009.

DINIZ, L. A. G. Orkut e hipertextualidade: a construção do sujeito em uma estrutura hipertextual de crescimento exponencial. **Texto digital**, Florianópolis, Ano 2, n. 2., dez. de 2006. Disponível em: <http://www.textodigital.ufsc.br/> Acesso em: 10 dez. 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é um conceito? In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, p. 25-47.

ECO, U. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ERTZSCHEID, O. De La note de bas de page au lien hypertexte: philosophie de l'identique et stylistique de l'écart. **SIC - Archive ouverte en sciences de l'information et de la communication**, 2003. Disponível em: <<http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/>> Acesso em: 20 jan. 2009.

ESPÉRET, E. Notes on Hypertext, Cognition, and Language. In: ROUET *et al.* (Ed.) **Hypertext and Cognition**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1996, p. 149-155.

FARACO, S. de. F. **O uso do hipertexto - enunciação digital híbrida - na educação à distância**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Tubarão-SC: UNISUL, 2008.

GUALBERTO, I. M. T. **A influência dos hiperlinks na leitura de hipertexto enciclopédico digital**. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: PPGEL/UFMG, 2008.

GOMES, F. G. **Hipertextos multimodais: o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Campinas: IEL/UNICAMP, 2007.

KOCH, I. G. V. Texto e Hipertexto. In: **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 61-73.

KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. In: KOCH, I. G. V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 161-176.

KOMESU, F. C. Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a, p. 87-108.

KOMESU, F. C. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b, p. 110-119.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

LIMA, J. P. E. de. **Blog(ueiros): critérios para o estudo de comunidades discursivas globais e locais**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL/UFC, 2008.

LIMA, J. P. E. de. **Ação de blogagem**: uma constelação de gêneros na web. Anteprojeto submetido e aprovado para seleção de Doutorado no PPGL/UFC, 2009.

LOBO-SOUSA, A. C.; ARAÚJO, J. C. **Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto**. Fortaleza: Hiperged-PPGL-UFC, no prelo.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Org.). **Línguas e instrumentos linguísticos**. Campinas: Pontes, p. 21-45, jan./jun., 1999.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEREDO, J. C. (Org.) **Língua portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 87-111.

MARCUSCHI, L. A. **Heráclito e o hipertexto**: o *lógos* do hipertexto e a harmonia do oculto. In: I Encontro nacional sobre hipertexto: desafios linguísticos, literários e pedagógicos, 2005a, Recife. Conferência de Abertura... Recife: NEHTE/UFPE), 2005. Disponível em: <[www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Marcuschi%20\(Confer%EAncia\).htm](http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Marcuschi%20(Confer%EAncia).htm)> Acesso em: 20 nov. 2008.

MARCUSCHI, L. A. A coerência no hipertexto. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005b, p. 185-207.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005c, p. 13-67.

MARCUSCHI, L. A. A arte de definir. In: MARCUSCHI, L. A. **Fenômenos da linguagem**: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 109-118.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCGARY, K. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MCLHAN, M. **Understanding Media**: the extensions of man. Cambridge, MA: Mit Press, 1964.

NEITZEL, A. de. A. **O jogo das construções hipertextuais**. Tese (Doutorado em Literatura). Santa Catarina: UFSC, 2002.

NELSON, T. **Ted Nelson's homepage**. Disponível em <<http://ted.hyperland.com>> Acesso em: 10 fev. 2008.

PAIVA, V. L. M. de O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 68-90.

PALÁCIOS, M. S. Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 08, p. 111-121, 1999. Disponível em <www.facom.ufba.br/jol/pdf/1999_palacios_hipertexto_naolinearidade.pdf> Acesso em: 10 fev. 2008.

PINHEIRO, R. C. **Leitura de Hipertexto**: estratégias metacognitivas usados por leitores proficientes. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL/UFC, 2005.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós** (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

PRIMO, A.; RECUERO, R. da C. Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. **Fronteiras estudos midiáticos**, v. VI, n. 1, p. 91-113, 2004.

PRIMO, A.; RECUERO, R. da C. A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. **Líbero** (FACASPER), v. IX, p. 83-93, 2006.

RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando**: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: POSLIN/UFGM, 2008a.

RIBEIRO, A. E. Hipertexto e Vannevar Bush: um exame de paternidade. In: **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 45-58, set. dez./2008b.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Famecos**, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, dez./2003.

SILVA, F. M. da. **Chats e-efóruns na EaD virtual**: links entre mediação pedagógica e hipertextualidade. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL/UFC, 2008.

SILVA, F. M. e. **Um estudo das contribuições do hipertexto para o fluxo da informação em meio eletrônico**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Campinas: PUC/Campinas, 2003.

SILVA, O. S. F. **Nos labirintos da web**: possibilidades de leitura e produção textual nos cenários digitais. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Salvador: UNEB, 2006.

SNYDER, I. **Hypertext**: the electronic labyrinth. Washington: New York University Press, 1997.

TÁVORA, A. D. F. **Construção de um conceito de suporte**: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: PPGL/UFC, 2008.

WHITEHEAD, J. Orality and hypertext. An interview with Ted Nelson. **Cyberspace report**, 1996. Disponível em: <<http://www.ics.uci.edu/~ejw/csr/cyber.html>> Acesso em: 10 jan. 2009.

XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: IEL/UNICAMP, 2002.

XAVIER, A. C. Hipertexto e Intertextualidade. In. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, Jan/Jun, 2003. p. 283-290.

XAVIER, A. C. A dança das linguagens na Web: critérios para a definição de hipertexto. In: SILVA, T. C.; MELLO, H. (Org.) **Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 199-210, 2007.